

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVAÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR - PPIFOR**

**C
R
I
S
L
E
N
E

C
O
S
T
A

S
A
N
T
O
S

R
A
Z
E
N
T
E**

**O ENSINO DE LEONOR DE AQUITÂNIA (1124-1204) RELACIONADO
COM OS PODERES POLÍTICOS, RELIGIOSOS E CULTURAIS NO
FINAL DO SÉCULO XII**

CRISLENE COSTA SANTOS RAZENTE

**PARANAVAÍ
2023**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVÁÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR – PPIFOR**

**O ENSINO DE LEONOR DE AQUITÂNIA (1124-1204) RELACIONADO
COM OS PODERES POLÍTICOS, RELIGIOSOS E CULTURAIS NO
FINAL DO SÉCULO XII**

CRISLENE COSTA SANTOS RAZENTE

**PARANAVÁÍ
2023**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVAÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR - PPIFOR**

**O ENSINO DE LEONOR DE AQUITÂNIA (1124-1204) RELACIONADO COM OS
PODERES POLÍTICOS, RELIGIOSOS E CULTURAIS NO FINAL DO SÉCULO XII**

Dissertação apresentada por Crislene Costa Santos Razente, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ensino.

Área de Concentração: Formação Docente Interdisciplinar.

Orientadora: Profa. Dra. Conceição Solange Bution Perin.

PARANAVAÍ
2023

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Costa Santos Razente, Crislene
. O ensino de Leonor de Aquitânia (1124-1204) relacionado com os poderes políticos, religiosos e culturais no final do século XII / Crislene Costa Santos Razente. -- Paranavaí-PR, 2023.
140 f.: il.

Orientador: Conceição Solange Bution Perin.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino: "Formação Docente Interdisciplinar") -- Universidade Estadual do Paraná, 2023.

1. Leonor de Aquitânia. 2. Ensino Medieval. 3. Política. 4. Religião. I - Solange Bution Perin, Conceição (orient). II - Título.

CRISLENE COSTA SANTOS RAZENTE

**O ENSINO DE LEONOR DE AQUITÂNIA (1124-1204) RELACIONADO
COM OS PODERES POLÍTICOS, RELIGIOSOS E CULTURAIS NO
FINAL DO SÉCULO XII**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Conceição Solange Bution Perin –
Unespar- Paranavaí

Prof. Dra. Josie Agatha Parrilha da Silva – UEPG –
Ponta Grossa

Prof. Dra. Neide de Almeida Lança Galvão Favaro -
UNESPAR – Paranavaí

Prof. Dra. Meire Aparecida Lode Nunes - UNESPAR
– Paranavaí

Data de Aprovação:

25/08/2023.

Dedico este trabalho...

*Primeiramente, a **Deus**, que sempre esteve me dando forças para não desistir;*

*Ao meu esposo **Fábio**, que sempre me apoiou e esteve ao meu lado cuidando, da nossa casa, enquanto eu ficava estudando e pesquisando nesta etapa final;*

*Aos meus filhos **Érik e Yuri**, que são a razão do meu viver e a continuação da minha história.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me fortalecer e me dar forças em todos os momentos pelos quais passei durante o Mestrado e o desenvolvimento da pesquisa. Ele foi meu refúgio e minha fortaleza, sendo bom o tempo todo e amoroso em todas as situações que vivenciei.

À minha família, que me motivou a cada momento de fraqueza e indícios da vontade de desistir. Eles foram firmes, suportando minhas ausências e falta de paciência.

Ao meu esposo por ser minha fonte de paz, harmonia e, principalmente, de resiliência. Ao meu filho Érik, que, por várias vezes, recebeu-me em sua casa em Joinville, para que eu pudesse descansar, pesquisar e escrever. Ao meu filho Yuri, que cuidou de mim, lembrando-me do quanto sou importante, mas que mostrou, ao mesmo tempo, a pessoa dedicada que é, mantendo sua rotina de afazeres, mesmo durante minha ausência.

À minha professora orientadora Conceição Solange Bution Perin que, durante minha trajetória como acadêmica de Pedagogia, foi meu exemplo de mulher que acredita na educação e na pesquisa, provocando em mim o sonho de fazer o Mestrado e, mais ainda, de ser uma de suas orientandas. Minha primeira publicação foi graças a ela, que me ensinou os caminhos, pois, naquele momento, eu nem sabia o que era publicar. Ela não desistiu de mim em nenhum momento, tornando-se meu modelo de persistência e luta!

Às minhas amigas e amigos do trabalho, Andrea, João Paulo, Eliani, Alan, Beatriz, Eliane Giseli, Bruna, Clariana, Cristhiane, Thamiris, Bianca e Salete, que me deram apoio e sabedoria para não desistir deste sonho.

Às minhas amigas do ballet e da vida, Franciléia, Isabela, Alexia, Carol, Kariman, Isabelli e Fabi que sempre estiveram me apoiando e dando carinho, quando chorei e me desesperei.

Ao professor Ralph Turner, que foi muito gentil em compartilhar suas experiências e conhecimentos sobre Leonor de Aquitânia, por meio dos diversos e-mails que trocamos. Quanto conhecimento me foi compartilhado por este notável professor!

A estas pessoas queridas e competentes, Nicholas Vincent, Roberta Bentis, Joana Ferrante e Letícia Lopes de Santana, que contribuíram de forma especial para a concretização deste trabalho, por meio de suas sugestões.

Aos professores que convidei, e prontamente aceitaram participar da minha banca de Qualificação e Defesa, Prof. Dra. Josie Agatha Parrilha da Silva, Prof. Dra. Neide de Almeida Lança Galvão Favaro, Prof. Dra. Meire Aparecida Lode Nunes. Vocês se tornaram essenciais para o aperfeiçoamento desta pesquisa, compartilhando suas reflexões e sugestões.

Ao Programa de Mestrado em Ensino – PPIFOR- que me concedeu a oportunidade de avançar em meus estudos.

À professora Coordenadora do Programa - PPIFOR, Márcia, e professores e professoras que, durante as aulas online, em meio à pandemia, quando vivi o período mais difícil de minha vida, não me deixaram desistir, oferecendo o máximo deles mesmos, ministrando as aulas e nos ajudando no desenvolvimento de nossas dissertações.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Nossos agradecimentos aos integrantes da referida Fundação.

Por fim, minha gratidão aos amigos e familiares, pois todos, de alguma forma, contribuíram para que esta pesquisa se concretizasse.

Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes.

(Marthin Luther King)

MINHA DISSERTAÇÃO E EU: NOSSA TRAJETÓRIA

Em dois de abril de mil novecentos e oitenta e dois começa minha história, na cidade de Terra Rica, no estado do Paraná. Minha mãe, com dezenove anos, e meu pai com vinte anos. Em menos de um ano de casados, receberam a mim neste mundo. Menina saudável, com cabelos pretos, bem cacheados, olhos castanhos escuros e pele morena. Mal sabia ela que, em menos de dois anos, ganharia irmãs gêmeas, e que, quando tivesse quatro anos, viria a irmã mais nova. Com o aumento da família, a menina teve que amadurecer antes do tempo, sendo esquecida, algumas vezes, como aconteceu um dia, em meio à correria do cotidiano, quando, acidentalmente, foi olvidada em um dos buracos de um galinheiro.

Neste ano muitas coisas aconteciam no Brasil, a Seleção Brasileira de futebol comandada pelo técnico Telê Santana, que encantava a todos, foi derrotada de forma inesperada por 3 a 2 para uma Itália desacreditada. Na história ocorreu em dois de abril um grande conflito entre a Grã-bretanha e a Argentina que se caracterizou como a guerra das Malvinas. A música mais tocada era I Love Rock 'Roll e por incrível que pareça eu amo rock. Ano de nascimento do primeiro filho da princesa Diana (1961-1997) e Rei Charles III (1948), o príncipe Willian (1982).

Em nossa família, a maioria das pessoas só cursou o primeiro grau (Ensino Fundamental), e poucos concluíram o segundo grau (Ensino Médio), quem dirá o ensino superior ou acima dele. Portanto, é um privilégio ter chegado até aqui, pois o incentivo que eu recebi, durante a minha infância e adolescência, apontava apenas a direção do trabalho. E foram muitos anos trabalhando (desde os nove anos de idade) quando ainda cursava o Ensino Fundamental I (primário). Foi uma longa jornada entre, limpar casas, cuidar de bebês, dar banho em cães, gatos e

comprar aviamentos para uma costureira. Mas, em nenhum momento, abri mão de estudar, atividade que me enchia de prazer.

Tenho orgulho por ter encontrado, durante minha trajetória escolar, professores incríveis, como a inesquecível “Argentina”, que lecionava História com tanta alegria, que me fazia amar suas aulas, mesmo em dias em que o cansaço tomava conta de mim. Muitos outros educadores foram exemplos de superação e me fizeram acreditar que se eles puderam vencer, por meio da educação, eu também conseguiria.

Em me casei com dezoito anos e fui mãe aos dezenove, mas isso não me impediu de prosseguir em meus estudos, pois recebi o incentivo e o apoio de meu esposo, que foram muito importantes. Lembro que neste período tive que ser várias mulheres em uma só: filha, mãe, esposa, estudante e esteticista de animais, pois precisava pagar meu transporte para a faculdade. Às vezes, acontecia de não ter com quem deixar meu filho, enquanto estudava, então, ele ia junto comigo para as aulas. Ele ficava quietinho, lá no fundo da sala de aula. Todos o amavam, incluindo os professores, que me ajudavam, dando permissão para que ele permanecesse conosco.

E foi em uma das aulas, do curso de Pedagogia, em 2005, que conheci uma professora muito especial, quando ainda nem imaginava o que eram artigos, publicações e apresentações acadêmicas. Conheci a professora Conceição Solange Bution Perin, “Sol” para os mais íntimos, que se tornou uma referência para que eu estivesse desfrutando deste momento.

Quando participei da minha primeira apresentação de trabalho, durante a Jornada de Estudos Antigos e Medievais, na Universidade Estadual de Maringá, sentia-me muito nervosa, tensa, encurralada, com o peso da responsabilidade de apresentar sobre Erasmo de Rotterdam. Mas, felizmente, deu tudo certo, e foi a

partir daí que descobri o que era o Mestrado, e que queria muito, um dia, desenvolver uma pesquisa neste tipo de Programa.

Guardei tal sonho/objetivo por mais de quinze anos, enquanto dava rumos à minha carreira profissional, no Colégio Sagrado Coração de Jesus, Escola Sabidinho Supremus, Fundação Bradesco e Colégio Estadual São Vicente de Paula, exercendo várias funções, que incluem atuar como: professora pedagoga, orientadora da Educação Infantil ao Ensino Fundamental II, orientadora de cursos profissionalizantes e EJA, professora de prática de formação de estágio, diretora pedagógica e coordenadora do Curso de Formação de Docentes.

Como uma mulher do século XX, há 15 anos atrás não imaginei que um dia estaria estudando uma personagem do século XII, para a produção da minha dissertação. Mas essa vontade veio por trabalhar muito tempo com meninas e adolescentes. Queria poder descobrir novas histórias de mulheres que foram importantes em seus períodos para poder inspirar a vida de cada uma.

Embora alguns séculos nos separem, acredito que a história perpetuada tenha o poder de nos aproximar, possibilitando que sejam tecidas pontes entre o presente e o passado, que nos conduzam a reflexões que nos capacitem para a produção de melhorias em nosso futuro.

Tenho muito orgulho de minha trajetória, por cada desafio enfrentado e vencido, bem como, sou grata à vida por ter conhecido pessoas que foram meu alicerce, minha luz durante a caminhada. Por outro lado, foi válido, também, ter conhecido pessoas que tentaram me colocar para baixo, pois graças às suas críticas, que assumi como um desafio, fui impulsionada a nunca desistir.

RAZENTE, Crislene Costa Santos. **O ensino de Leonor de Aquitânia (1124-1204) relacionado com os poderes políticos, religiosos e culturais no final do século XII.** 143f. Dissertação (Mestrado em Ensino – PPIFOR- Formação Docente Interdisciplinar) – Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí. Orientadora: Profa. Dra. Conceição Solange Bution Perin. Paranavaí, 2023.

RESUMO

A influência da mulher na história nem sempre é reconhecida, especialmente, quando se trata do período medieval. Portanto, no intuito de avançar no conhecimento sobre este tema, elegeu-se a rainha Leonor de Aquitânia (1124-1204), como objeto para esta pesquisa, devido à sua importância no século XII. No que se refere à questão que motivou este trabalho delimitamos a seguinte: “Quais ensinamentos são passíveis de se extrair da biografia de Leonor de Aquitânia e das cartas analisadas, no que tange às suas contribuições para a sociedade, buscando a manutenção de seu poder e sua influência, no contexto histórico do século XII? O objetivo desta investigação consiste em analisar os ensinamentos de Leonor de Aquitânia, no que se refere à sua participação no cenário político, religioso e cultural do século XII, considerando sua biografia e as cartas escritas por ela e para ela. Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa e exploratória, baseada na pesquisa bibliográfica e documental, a partir das quais foi traçada uma linha histórica da vida de Leonor de Aquitânia, utilizando como referências os estudos empreendidos por Turner (2009,2010), Vincent (2020) e Ferrante (2014?), que compartilharam seus conhecimentos e pesquisas sobre Leonor de Aquitânia, e ainda as 40 cartas que foram publicadas no site *Medieval Women’s Latin letters*, da Universidade de Columbia. Outrossim, outras importantes fontes fundamentaram esta tese. Esta investigação está amparada no conceito de longa duração, tendo em vista que a memória histórica, a liderança e as virtudes são necessárias na sociedade de qualquer período. Nesse sentido, autores como Le Goff (2007) e Braudel (1958), que tratam sobre a compreensão histórica na perspectiva da História Social, são norteadores deste trabalho. Estudar o período medieval do século XII, a partir da vida de Leonor de Aquitânia e suas relações políticas, religiosas e culturais propiciou-nos entender que embora a sociedade fosse patriarcal, Leonor de Aquitânia, mulher nobre e com exímia educação, participou da política e influenciou decisões significativas durante os seus reinados. Ela foi rainha da Inglaterra e da França; promoveu a expansão da cultura e das artes por intermédio de seu mecenato; participou na Segunda Cruzada, levando outras mulheres consigo; além de escrever cartas endereçadas ao Papa, deixando explícita por meio delas a sua influência, também no setor religioso. Na escrita, ela articula as palavras e mostra o seu poder para pedir a interferência do Papa na libertação do seu filho. Em uma das cartas, endereçadas a ela, o rei Ricardo I, seu filho, agradece os seus ensinamentos, demonstrando sua admiração por Leonor, que cuidou de seu reinado em sua ausência. Seu filho João também escreveu à mãe, revelando seu respeito e admiração por ela, e pedindo que ela cuidasse da região de Aquitânia. Infere-se que a educação que Leonor de Aquitânia recebeu do pai e do avô perdurou por várias gerações futuras e os documentos investigados nos permitiram destacar que ela foi uma Rainha que influenciou, significativamente, na educação social, religiosa, cultural e política, do século XII, deixando registrada uma memória significativa ao longo da história.

Palavras-chave: Leonor de Aquitânia; Ensino medieval; Política; Religião.

RAZENTE, Crislene Costa Santos. **Eleanor of Aquitaine (1124-1204) and her teachings for the maintenance of political and religious powers, in the 12th century**. 143p. Dissertation (Master in Teaching) - State University of Paraná – Campus of Paranavaí. Advisor: Professor Conceicao Solange Bution Perin. Paranavaí, 2023.

ABSTRACT

The influence of women in history is not always recognized, especially, when it comes to the medieval period. Therefore, in order to advance in the knowledge on this topic, Queen Eleanor of Aquitaine (1124-1204) was chosen as the object for this research, due to her importance in the 12th century. Regarding the question that motivated this work, we delimited the following: “What lessons can be extracted from Leonor de Aquitânia’s biography of and the letters analyzed, with regard to her contributions to society, seeking to maintain her power and her influence, in the historical context of the 12th century? The objective of this investigation is to analyze the Eleanor of Aquitânia’s teachings, with regard to her participation in the political, religious and cultural scene of the 12th century, considering her biography and the letters written by her and for her. This research is characterized as qualitative and exploratory, based on bibliographical and documentary research, from which a historical line on Leonor de Aquitânia's life was drawn, using as references the studies undertaken by Turner (2009,2010), Vincent (2020) and Ferrante (2014?), who shared their knowledge and researches on Eleanor of Aquitânia, and also the 40 letters that were published on the Medieval Women's Latin letters website, at Columbia University. Furthermore, other important sources supported this thesis. This investigation is supported by the concept of long duration, considering that historical memory, leadership and virtues are necessary in society in any period. In this sense, authors such as Le Goff (2007) and Braudel (1958), who deal with historical understanding from the perspective of Social History, guide this work. Studying the medieval period of the 12th century, based on Eleanor of Aquitaine’s life and her political, religious and cultural relationships, allowed us to understand that although society was patriarchal, Eleanor of Aquitaine, a noble woman with excellent education, participated in politics and influenced significant decisions during her reigns. She was queen of England and France; she promoted the expansion of culture and arts through her patronage; she participated in the Second Crusade, taking other women with her; in addition to writing letters addressed to the Pope, making her influence explicit through them, also in the religious sector. In writing, she articulated the words and showed her power to ask the Pope to interfere in her son's release. In one of the letters, addressed to her, King Richard I, her son, thanks her for her teachings, demonstrating his admiration for Leonor, who took care of his reign in his absence. Her son João also wrote to his mother, revealing his respect and admiration for her, and asking her to take care of the Aquitaine region. It is inferred that the education that Leonor de Aquitânia received from her father and grandfather lasted for several future generations and the documents investigated allowed us to highlight that she was a Queen who significantly influenced the social, religious, cultural and political education of the century XII, leaving a significant memory recorded throughout history.

Keywords: Eleanor of Aquitaine; Medieval teaching; Politics; Religion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fases da pesquisa bibliográfica	23
Figura 2 – Linha do tempo da pesquisa	28
Figura 3 – Um cavaleiro	39
Figura 4 – Queen Eleanor of Aquitaine	43
Figura 5 – Queen Eleanor	44
Figura 6 - Genealogia de Leonor de Aquitânia com avô, pais e irmãos	45
Figura 7 – Localização de Aquitânia.....	51
Figura 8 – O casamento de Luís e Leonor; à direita, Luís partindo para a Cruzada.	55
Figura 9 – Vaso de cristal d'Alienor	57
Figura 10 - Genealogia da família de Leonor de Aquitânia com o Rei Luís VII	62
Figura 11 - Leonor e Luís VII em Saint-Denis – Pintura de J.B.Mauzaisse	65
Figura 12 – Os Segundos Cruzados em Constantinopla.....	66
Figura 13 – Rei Henrique II, da Inglaterra.....	71
Figura 14 – Abadia de Westminter	72
Figura 15 – Genealogia da família de Leonor de Aquitânia com o Rei Henrique II ..	77
Figura 16 – Selo de Leonor de Aquitânia	79
Figura 17 – Vista geral do complexo da Abadia de Fontevraud, França	81
Figura 18 – Nave da Igreja de Santa Maria.....	82
Figura 19 – Efígies de Leonor de Aquitânia e Henrique II	83

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 Procedimentos Metodológicos: a caminho dos resultados.....	20
2 BEM-VINDO À IDADE MÉDIA - O SÉCULO XII	29
2.1 Breve histórico sobre a Idade Média e o século XII.....	29
2.2 Representações da mulher na Idade Média.....	39
3 LEONOR DE AQUITÂNIA: DO NASCIMENTO À GLÓRIA DE SEUS REINADOS	43
3.1 Os laços familiares de Leonor de Aquitânia com seus pais, seu irmão e avô, sua educação e seu território de Aquitânia.....	45
3.2 Leonor de Aquitânia, rainha da coroa da França.....	53
3.3 Leonor de Aquitânia: uma rainha na Segunda Cruzada.....	63
3.3 Leonor de Aquitânia, rainha da coroa da Inglaterra.....	68
3.4 O poder e a influência da Rainha Leonor de Aquitânia.....	78
4 O QUE AS CARTAS REVELAM SOBRE LEONOR DE AQUITÂNIA	87
4.1 Contextualização das Cartas de (e para) Leonor de Aquitânia.....	87
4.2 Cartas de Leonor de Aquitânia para o Papa Celestino III.....	90
4.3 Cartas do Rei Ricardo I para Leonor de Aquitânia.....	96
4.4 Carta do Rei João para Leonor de Aquitânia.....	99
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	105
ANEXOS	109
Anexo A - Figura 1 – I Carta de Leonor de Aquitânia para o Papa Celestino III - Traduzida	110
Anexo B – Figura 2 – I Carta de Leonor de Aquitânia para o Papa Celestino III – Original.....	112
Anexo C – Figura 3 – II Carta de Leonor de Aquitânia para o Papa Celestino III - Traduzida	114
Anexo D - Figura 4 – II Carta de Leonor de Aquitânia para o Papa Celestino III – Original.....	116
Anexo E - Figura 5 – III Carta de Leonor de Aquitânia para o Papa Celestino III – Traduzida	118

Anexo F – Figura 6 – III Carta de Leonor de Aquitânia para o Papa Celestino III – Original.....	121
Anexo G – Figura 7 – I Carta I do Rei Ricardo I para Leonor de Aquitânia – Traduzida	124
Anexo H – Figura 8 – I Carta do Rei Ricardo I para Leonor de Aquitânia – Original	125
Anexo I – Figura 9 – II Carta do Rei Ricardo I para Leonor de Aquitânia - Traduzida	126
Anexo J – Figura 10 – II Carta do Rei Ricardo I para Leonor de Aquitânia – Original	128
Anexo K – Figura 11 – III Carta do Rei Ricardo I para Leonor de Aquitânia - Traduzida	130
Anexo L – Figura 12 – III Carta do Rei Ricardo I para Leonor de Aquitânia – Original	131
Anexo M – Figura 13 - Carta do Rei João para Leonor de Aquitânia - Traduzida	132
Anexo N – Figura 14 - Carta do Rei João para Leonor de Aquitânia – Original	133
Anexo O - Carta de Ralph Turner para a pesquisadora Crislene Razente – Transcrição de e-mail.....	134
Anexo P – Carta de Ralph Turner para a pesquisadora Crislene Razente – Transcrição de e-mail traduzido.....	136
Anexo Q - Figura 15 – Escultura que representa Eleanor de Aquitânia	138
Anexo R - Figura 16 – Eleanor de Aquitaine – Queen of England	139
Anexo S - Figura 17 – Eleonor of Aquitaine.....	140
Anexo T – Figura 18 – Eleanor of Aquitaine, Richard I, and Henry II	141

1 INTRODUÇÃO

Ao se estabelecer uma discussão sobre o papel da mulher, sobretudo o de Leonor de Aquitânia, na sociedade, ao longo do tempo, é preciso considerar que existem pelo menos duas vertentes a serem levadas em conta. Uma destas perspectivas foi avalizada por discursos que abarcaram teses religiosas, jurídicas ou políticas, os quais foram escritos por pesquisadores e historiadores que investigaram sobre a temática. A outra tendência se estabeleceu socialmente, apontando a existência de uma outra realidade, retratando a complexidade da história das mulheres, em seus diferentes papéis, inseridos em um contexto multifacetado, envolvendo aspectos sociais, econômicos, étnicos e culturais, dentre outros.

Sendo assim, quando se analisa a representação da mulher na Idade Média, na figura de Leonor de Aquitânia, todos os aspectos anteriormente mencionados devem ser observados, pois o contexto é bastante complexo, existindo, de fato, várias categorias nas quais as mulheres estavam inseridas: sociais, econômicas, étnicas, religiosas, culturais, dentre outras esferas. Nesse caso, não é viável aceitar apenas o discurso que retrata a mulher medieval como um ser passivo, em relação de inferioridade ao homem e que não detém o poder sobre o seu corpo e as suas vontades. Mas, sim, trata-se de examinar a história de uma mulher nobre, que vivia, confortavelmente, que cresceu aprendendo sobre a importância de cuidar de seu território e de sua cultura.

Em entrevista ao “Mulheres de luta”, a pesquisadora Marta Silveira (2021, p. 3) aponta que “O trabalho do historiador é [...] ir desvendando um pouco dessa realidade feminina, livrando-nos de alguma maneira desses estereótipos que foram ao longo do tempo constituídos da forma como as mulheres da Idade Média viviam, se organizavam e se relacionavam”.

Na época de Leonor de Aquitânia, tentaram minar sua autoridade de todas as formas, mas ela, com sua força, inteligência e perspicácia não se permitiu abater, ao contrário, estudou e buscou compreender as estratégias que precisava utilizar para continuar obtendo suas conquistas. Devemos esclarecer ao leitor que estamos nos referindo a uma mulher da nobreza, portanto, quando mencionamos a sua recorrência aos estudos, estamos nos referindo a uma descendente nobre, cuja educação, para os líderes e/ou representantes da sociedade, era questão considerada ‘natural’ para

a época. Desse modo, nosso olhar investigativo está, dentro do possível, neutro de preconceitos e de anacronismos. Conforme Marton (2020, p. 1), na Idade Média, encontramos “Rainhas, poetisas, filósofas, freiras: havia muito mais que ser uma donzela salva de uma torre”.

Argumentamos, pois, que para a compreensão das configurações da sociedade atual, com seus diversos elementos e indivíduos formadores, é necessário que sejam estabelecidas reflexões e análises sobre os processos históricos que se desenvolveram anteriormente. Dessa forma, esta pesquisa torna-se relevante, pois, no momento presente, no qual se discute sobre feminismo e empoderamento das mulheres, estas personagens precisam conhecer e compreender o desenvolvimento da sua própria história, construída ao longo do tempo, tendo como base o conhecimento científico.

Destarte, dentre as mulheres que se destacaram na Idade Média, especialmente, no século XII, delimitamos como objeto de nossa investigação a biografia de Leonor de Aquitânia, além de três cartas de sua autoria, endereçadas ao Papa Celestino III, e algumas missivas que recebeu de seus filhos, sendo três de Ricardo e uma de João.

Para o desenvolvimento da pesquisa, estabelecemos como objetivo geral: analisar os ensinamentos de Leonor de Aquitânia, no que se refere à sua participação no cenário político, religioso e cultural do século XII, considerando sua biografia e as cartas escritas por ela e para ela. Em se tratando dos objetivos específicos, buscamos: Contextualizar questões sociais-político-religioso do período vivido por Leonor de Aquitânia, no século XII; Conhecer sobre Leonor de Aquitânia, por meio de sua biografia; - investigar a participação de Leonor de Aquitânia, como rainha, na Segunda Cruzada; - Analisar o ensino de Leonor nos aspectos políticos e religiosos, por meio de algumas cartas escritas pelos seus filhos e de nossa personagem para o Papa Celestino III.

Para orientar nossos estudos, foi estabelecida a seguinte questão motivadora: - Quais ensinamentos podemos extrair da biografia de Leonor de Aquitânia e das cartas analisadas, no que se refere às suas estratégias e visão de sociedade, buscando a manutenção de seu poder e sua influência, no contexto histórico do século XII?

Para fins didáticos, estruturamos a dissertação em cinco seções, a partir da introdução e dos procedimentos metodológicos, sendo que, na segunda, apresentamos um breve contexto sobre a Idade Média e, especialmente, o século XII. Na terceira seção, delineamos a biografia de Leonor de Aquitânia, discorrendo sobre as relações políticas que se estabeleceram em sua trajetória pessoal, como resultado dos seus dois casamentos e de sua participação na Segunda Cruzada. Na quarta seção, nossas discussões se concentraram nas leituras e análises das cartas endereçadas ao Papa Celestino III, por Leonor de Aquitânia, bem como, as cartas dos filhos para ela. Na quinta seção, apresentamos as considerações finais acerca desta pesquisa, assim como, indicamos algumas lacunas em relação ao tema, que ainda precisam ser preenchidas, o que dará margem, portanto, a futuras investigações. Na sequência, constam os referenciais que foram utilizados para o desenvolvimento da pesquisa e, por fim, foram inseridos alguns anexos: as cartas analisadas, uma carta escrita pelo professor Ralph Turner e imagens de Leonor de Aquitânia.

Buscamos traçar uma linha histórica da vida de Leonor de Aquitânia, com base na pesquisa documental. Sendo assim, para o desenvolvimento de nossa investigação, descobrimos as cartas que foram publicadas no site “Medieval women’s latin letters”, da Universidade de Columbia, que tem como sua principal referência a pesquisadora Joan Ferrante. Nesta fonte, tivemos acesso a várias cartas, que totalizaram quarenta, todas traduzidas e em formato original, com conteúdo referente a doações, pedidos e mandatos. No que tange às missivas, vinte e sete foram escritas por Leonor de Aquitânia aos Papas Alexandre e Celestino III e para o público, e treze foram enviadas para ela, por seus filhos Ricardo I e João. Das cartas encontradas serão analisadas três, que ela escreveu ao Papa Celestino III, três que ela recebeu do Rei Ricardo I e uma que o Rei John endereçou a ela.

Utilizamos como principais referências pesquisas e estudos de autores/pesquisadores internacionais como o professor Vincent (2006, 2020) e Turner (2009, 2010) que, gentilmente, nos forneceram referenciais significativos para a produção desta investigação. Os trabalhos destes pesquisadores colaboraram para a legitimidade da investigação, portanto, na subseção 1.1, destacando nossa imensa gratidão, discorreremos sobre os referidos, de forma particular.

Outrossim, sem os autores que passaremos a mencionar, esta investigação não teria sido realizada: Pernoud (1984), Duby (1996), Brown (2003), Weir (2008), Peacock (2013), Ferrante ([2014?]), dentre outros importantes estudiosos.

Na Subseção 1.1, apresentamos o passo a passo para o desenvolvimento desta pesquisa, caracterizando nossa investigação e explicitando os procedimentos metodológicos utilizados.

1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: A CAMINHO DOS RESULTADOS

Antes de iniciarmos, é importante discorrer sobre como foi a trajetória que percorremos para a realização desta pesquisa, portanto, julgamos relevante retomar o objetivo geral do trabalho, que consistiu em analisar os ensinamentos de Leonor de Aquitânia, no que se refere à sua participação no cenário político, religioso e cultural do século XII, considerando sua biografia e as cartas escritas por ela e para ela. Ao escolhermos uma metodologia, de fato, traçamos um caminho a ser percorrido, tendo, sempre, a consciência de que o rigor científico tem que se apresentar como condição indispensável em todo o percurso da investigação. Sendo assim, para alcançar os objetivos propostos, utilizamos a pesquisa bibliográfica, sendo que o referencial teórico que sustenta o nosso objeto de estudo estabelece um diálogo entre a posição de Leonor de Aquitânia na Idade Média, especialmente, no século XII, e sua atuação como rainha de dois reinos diferentes, no mesmo século.

Este texto apresenta uma construção textual de cunho bibliográfico, com uma abordagem histórica, fundamentada na História Social, compreendendo que demandas sempre estiveram presentes na sociedade, e que tais questões estão relacionadas, atendendo às exigências de cada período histórico. A respeito disto, Le Goff (2007, p. 26) assinala que:

A história contemporânea difere assim (há outras razões para esta diferença) da história das épocas anteriores. Esta dependência da história do passado em relação ao presente deve levar o historiador a tomar certas precauções. Ela é inevitável e legítima, na medida em que o passado não deixa de viver e de se tomar presente. Esta longa duração do passado não deve, no entanto, impedir o historiador de se distanciar do passado, uma distância reverente, necessária para o respeitar e evitar o anacronismo. Penso que a história é bem a ciência do passado, com a condição de saber que este passado se torna objeto da história, por uma reconstrução incessantemente reposta em causa – não podemos falar das cruzadas como o teríamos feito antes do colonialismo do século XIX, mas devemos interrogar-nos sobre se, e em que

perspectivas, o termo "colonialismo" pode ser aplicado à instalação dos Cruzados da Idade Média, na Palestina [Prawer, 1969-70]. Esta interação entre passado e presente é aquilo a que se chamou a função social do passado ou da história.

Ainda citando Le Goff (2007, p. 52), é preciso refletir sobre o fato de que a história e a memória estão relacionadas, como o presente e o passado, tendo o passado uma dependência com o presente, pois, só existe contemporaneidade no presente depois da compreensão do passado. Segundo ele: “[...] a história é duração, o passado é ao mesmo tempo passado e presente. Compete ao historiador fazer um estudo "objetivo" do passado sob a sua dupla forma. [...] não atingirá certamente a verdadeira "objetividade", mas nenhuma outra história é possível (LE GOFF, 2007, p. 52).

Fernand Braudel (1990, p. 9) discorrendo sobre o trabalho do historiador, aponta a necessidade de se analisar os fatos considerando a perspectiva temporal. Ele assinala que:

Todo o trabalho histórico decompõe o tempo passado e escolhe as suas realidades cronológicas, segundo preferências e exclusões mais ou menos conscientes. A história tradicional, atenta ao tempo breve, ao indivíduo e ao acontecimento, habituou-se desde há muito à sua narração precipitada, dramática, de pouco fôlego (BRAUDEL, 1990, p. 9).

Para Braudel (1990) a duração é um ponto importante, pois, ao longo da história, o tempo se mostra disforme e o homem deve encontrar maneiras para diferenciar os ritmos que medeiam a vida em sociedade. O trabalho de quem faz a historiografia é o de fazer o recorte temporal com os tempos curto, médio e longo, uma vez que são esses períodos que possibilitam as distinções entre os movimentos sociais e econômicos. No que se refere à longa duração, em específico, ela diz respeito, sobre tudo aquilo que permanece por séculos nas estruturas sociais.

Buscando classificar a pesquisa, indicamos que, quanto à sua natureza, ela se configura como qualitativa, pois ela se origina do estudo de “[...] uma situação problema social e histórica, na coleta e análise de dados reais e concretos não estabelecendo uma pesquisa rígida, mas sim que traz sempre novos elementos problematizadores que podem modificar as interpretações iniciais” (SILVA *et al.*, 2021, p. 93).

Quanto à utilização das imagens, inseridas ao longo da presente tese, é necessário enfatizar a importância destas como documentos históricos, pois, de acordo com Silva e Nardi (2017, p. 172):

As imagens são um documento - Esse pressuposto é pautado em Erwin Panofsky (2007) e propicia uma posição epistêmica da imagem como documento. Para o autor, as imagens são vistas como documentos que, juntamente a outras fontes, tornam-se importantes fontes de compreensão e análise histórica.

Segundo a mesma autora, quando utilizamos as imagens podemos proporcionar novos conhecimentos, visto que elas são uma maneira de documentar os conceitos e esquemas mentais, além de serem parte da vida de todas as pessoas, ajudando-nos a aprender e memorizar os conteúdos com maior facilidade. Nesse sentido, Silva e Nardi (2017, p. 174) assinalam que:

A imagem sempre esteve presente na história da humanidade. Atualmente, mais do que nunca, faz parte de nosso cotidiano, em especial, porque vivenciamos um mundo cada vez mais repleto de imagens virtuais. Bombardeados com tantas imagens, acabamos por deixar de fazer observações valiosas. Para tais observações, precisamos desenvolver competências para interpretar e reinterpretar as imagens, ou, como sugerem alguns autores, fazer uma leitura de imagem.

Conforme Panofsky (2007 *apud* Silva e Nardi, 2017, p. 182) as imagens podem nos auxiliar a compreender a cultura de um determinado povo, sendo necessário, portanto, contextualizá-las. Dessa maneira, “[...] a imagem pode expressar não somente uma ideia, mas toda uma concepção de mundo”, por isso ela deve ser analisada, juntamente com outras fontes, como um documento histórico.

No que tange aos objetivos, esta investigação se caracteriza como exploratória, uma vez que existe uma preocupação em “[...] proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado [...]” (GIL, 2008, p. 27).

Em se tratando dos procedimentos técnicos para a coleta de dados, este estudo utilizou a pesquisa bibliográfica, enquanto uma técnica de investigação científica qualitativa, “[...] que propicia ao pesquisador conhecer o estágio do conhecimento acerca do tema que se pretende pesquisar, construir importantes conhecimentos e fundamentar teoricamente seu trabalho de pesquisa” (SILVA *et al.*, 2021, p. 102).

Sobre a pesquisa bibliográfica, Gil (2008, p. 50) esclarece que:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

Silva *et al.* (2021), no artigo “A pesquisa bibliográfica nos estudos científicos de natureza qualitativos”, fundamentados em Lakatos e Marconi (2003), alegam que a pesquisa bibliográfica abrange oito etapas diferentes, que são: a escolha do tema; a elaboração do plano de trabalho; a identificação do referencial; a localização das fontes; a compilação do material; o fichamento; a análise e interpretação dos dados; e a redação, apresentando os dados e os resultados obtidos. Na Figura 1, estão representadas as oito etapas da pesquisa bibliográfica.

Figura 1: Fases da pesquisa bibliográfica



Fonte: Silva *et al.* (2021, p. 100) - Adaptado de Lakatos e Marconi (2003).

Quanto à escolha do tema, como ocorre em qualquer pesquisa, este é o ponto de partida da investigação, sendo que os critérios para a sua seleção podem variar, levando-se em conta “[...] o interesse do pesquisador, a relevância teórica e prática do assunto, a disponibilidade e suficiência do material bibliográfico já disponível e as condições de trabalho necessárias ao pesquisador para o desenvolvimento da pesquisa” (SILVA *et al.*, 2021, p. 101).

No caso deste estudo, a escolha do tema se deu pelo interesse em conhecer mais sobre a participação da mulher na Idade Média, em especial, sobre Leonor de Aquitânia, que exerceu um papel importante na sociedade da época, fato que contrariava os costumes vigentes. Desvelar isso significaria aprender um pouco mais

sobre as raízes femininas e a evolução que se deu ao longo do tempo, por meio da personagem que estamos analisando, mulher que se destacou por sua educação, influência, inteligência e coragem, em um mundo que era predominantemente patriarcal.

Ainda no tocante ao objeto de estudo, ele foi delimitado para Leonor de Aquitânia depois de ser realizada uma pesquisa inicial sobre grandes mulheres da Idade Média, tendo chamado a atenção dois fatos: 1º - A educação recebida do pai, que a preparou para exercer uma função que era atribuída apenas aos homens, mesmo que se tratasse de uma mulher nobre; 2º - Ela foi a única mulher que se tornou rainha de dois reinos - o da França e o da Inglaterra – no mesmo século.

Escolhido o tema da pesquisa, o próximo passo foi traçar os caminhos a seguir, analisando a viabilidade do projeto em todos os seus aspectos. Realizamos, então, buscas em sites e Base de Dados, tais como: portal da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); Catálogo de teses e dissertações (CAPES); Repositório Institucional da UFJF; Scientific Electronic Library Online (SciELO); além da pesquisa a artigos, livros, documentos e textos que, de alguma forma, pudessem nos oferecer fundamentação teórica.

A dificuldade de acesso a uma variedade de fontes primárias, relacionadas a Leonor de Aquitânia, configurou-se como um dos principais desafios para a realização desta investigação, mas isto não impediu que continuássemos a procurar registros sobre ela. Porém, é preciso destacar que mesmo sendo reconhecida como figura histórica bastante representativa e que gera polêmica junto aos pesquisadores, ainda há poucos referenciais teóricos sobre ela, com base em documentos científicos, principalmente, traduções, fato que evidencia a necessidade de que sejam realizadas mais pesquisas sobre o assunto.

É preciso apontar, ainda, que, no Brasil, não foi encontrada nenhuma dissertação, ou tese, sobre o assunto, somente textos e artigos, como os escritos de Roberta Bents e Letícia Lopes de Santana (2021), que forneceram contribuições importantes. Enfatizamos que tivemos acesso a um importante artigo, integrando a obra *Leonor d'Aquitânia: a loba sedenta por poder e conhecimento*, no qual é analisado o manuscrito "Saltério de Leonor de Aquitânia"¹, de autoria da professora

¹ Disponível em: <<https://galerij.kb.nl/kb.html#/en/psalter/page/6/zoom/3/lat/-59.22093407615045/Ing/-84.375>>. Acesso em: 18 jun. 2023.

Roberta Bentes (2019), Doutoranda em História – UFPR, a qual nos indicou fontes valiosas para a realização deste trabalho.

Durante o processo de localização de referências, assistindo a um vídeo da pesquisadora Letícia Lopes de Santana, intitulado “Entre maridos inimigos: os casamentos de Eleonor da Aquitânia (séc XII)²”, o sentimento foi de grande angústia, uma vez que Santana revelou que para a coleta de informações sobre a personagem em foco haveria um processo árduo de traduções pela frente. Porém, ao mesmo tempo, ela afirmou que nossa pesquisa é importante, no sentido de abrir caminhos para que mais pesquisadores possam obter informações sobre Leonor de Aquitânia, bem como, sintam-se encorajados a produzir mais trabalhos sobre ela.

Decidimos, então, enviar um e-mail para Santana, solicitando referências, ao que ela prontamente atendeu, encaminhando sugestões de textos, em língua inglesa e espanhola, que se concentram na apresentação de biografias, baseadas em literatura da época, ou seja, do século XII. Foi a partir das referências constantes nestes textos que pudemos localizar outros autores e obras para fortalecer as bases teóricas do presente trabalho.

Depois de selecionarmos o material, buscamos organizar a biografia de Leonor de Aquitânia sob o critério de uma linha cronológica, utilizando, para isto, os dados coletados e registrados por autores que já têm pesquisado sobre ela, como é o caso de Ralph Turner (2009, 2010) e Nicholas Vincent (2020).

Ralph Turner é professor de História e pesquisador na Universidade da Flórida, nos Estados Unidos. Apesar de estar aposentado, ele não hesitou em responder aos nossos e-mails e, gentilmente, ele nos cedeu uma cópia de um de seus livros sobre Leonor de Aquitânia. Atualmente, Turner é apontado como uma das maiores referências sobre a vida dela, então, acreditamos que seus estudos foram imprescindíveis para o desenvolvimento desta dissertação, uma vez que seu trabalho não se limitou à interpretação apenas das fontes primárias e crônicas, pois ele ampliou suas análises para documentos, como as cartas que Leonor de Aquitânia endereçadas à igreja, aos filhos e à sociedade. Salientamos que tivemos acesso a uma parte destes documentos

Ao analisar o prefácio do livro de Turner, Earenfight (2021) argumenta que ele foi muito cuidadoso em suas análises sobre Leonor, devido às fontes que utilizou. Ele

² Disponível em: <<https://youtu.be/ZbYD8kxUE54>>. Acesso em: 18 jun. 2023.

reconhece que existem referenciais ricos para embasar tanto a vida privada, quanto na corte, na família e na realeza, mas ele utiliza poucas, dando maior ênfase à vida política, aos funcionários reais e à liderança de seus filhos. Sobre o livro, ele o indica não apenas como uma pesquisa sobre a rainha, mas como uma fonte histórica sobre o poder dela como regente, governando ao lado de seus maridos e filhos.

Nicholas Vincent é professor e atua no projeto de edição das cartas dos reis e rainhas plantagenetas³, tendo publicado seis volumes deste trabalho, em 2020. Atualmente, está envolvido na edição das Cartas de Leonor, cujo lançamento está previsto para 2023. Ele é membro eleito da Academia Britânica, membro correspondente da Academia Medieval da América e usufruiu de bolsas de estudo, ou cátedras, nas universidades de Oxford, Cambridge, Poitiers e na École des Chartes em Paris. É responsável pelo projeto de pesquisa da Academia Britânica sobre as “Actas of the Plantagenets”.

O referido pesquisador nos cedeu um de seus estudos, no qual ele analisa algumas cartas. Vincent considera importante caracterizar Leonor de Aquitânia não como uma nobre da corte, mas, sim, como uma rainha regente que teve papel fundamental no governo da Inglaterra, após a morte de Henrique II. Seus estudos colaboraram para dar legitimidade aos dados de nossa pesquisa.

Em um de seus textos, Vincent (2020) ressalta que é necessário analisar cada interpretação à luz das cartas que trazem relatos sobre seus reinados, casamentos e sua influência política e religiosa. Ele alega, também, que Leonor de Aquitânia merece ser estudada sob o olhar da história e dos documentos reais. É importante saber que Vincent e Turner têm em comum a utilização das pesquisas do professor historiador inglês Sir James Holt, que examinou as Cartas de Henrique II.

A partir da indicação do professor Turner, acessamos as cartas (epístolas) que integram o site “Medieval women’s latin letters”, que tem a historiadora Dra. Joan Ferrante ([2014?]), professora emérita de Inglês e Literatura Comparada da Universidade de Columbia, como principal pesquisadora. Em parceria com outros pesquisadores, ela coletou e traduziu as mencionadas Epístolas, às quais ela teve acesso, principalmente, por fontes impressas. Ela trabalhou com o *Columbia Center for New Media Teaching and Learning* para desenvolver o material no formato de uma

³ Plantageneta é o sobrenome de um conjunto de monarcas ingleses, conhecidos como dinastia Plantageneta ou Angevina (de Anjou), que reinaram em Inglaterra entre 1154 e 1485.

coleção online, aberta e exclusiva, para fins de ensino e pesquisa (FERRANTE, [2014?]). A supracitada pesquisadora se mostrou gentil, no e-mail, e muito generosa, quando indicou bibliotecas, com as quais poderíamos entrar em contato para tentar analisar as cartas originais.

Outra referência não menos importante para a realização desta investigação foi Ricardo Alexandre Fonseca Santana (2018), Doutorando em História Medieval, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que colaborou para que localizássemos algumas cartas traduzidas, além de nos indicar o caminho para o acesso a suas pesquisas.

Buscando articular este diálogo, enviamos e-mails para algumas instituições internacionais - biblioteca da Universidade de Columbia, Nova York; Museu da Inglaterra; Museu da Vida Rural Inglesa; Abadia de Fontevraud, em Anjou, França; Secretaria de Cultura da França; Livraria Nacional do País de Gales; Biblioteca Britânica; e Jornal de Seattle, nos Estados Unidos - solicitando permissão para entrar nas salas de análise online e ter acesso aos documentos. Porém, não obtivemos sucesso, uma vez que muitos dos referidos documentos constavam como restritos, estando disponíveis apenas para acadêmicos e/ou moradores da cidade na qual se localiza a instituição na qual a pesquisa estava sendo realizada.

Em 2021, encaminhamos as primeiras cartas à Coroa Inglesa, endereçadas à Rainha Elizabeth II (1926-2022), Rei Charles III (1948) e aos príncipes Willian (1982) e Harry (1984), solicitando autorização para acessar documentos oficiais sobre Leonor de Aquitânia. Novamente, não obtivemos resposta.

No decorrer da pesquisa, alcançamos um resultado que pode ser considerado satisfatório. Portanto, não poderíamos deixar de enfatizar que outros importantes autores contribuíram, de forma significativa, para que este trabalho fosse realizado, tais como: Pernoud (1984), Júnior (2001), Brown (2003), Le Goff (2007), Weir (2008) e Peacock (2013), Silva (2023), dentre outras valiosas referências.

Antes de iniciarmos a Seção 2, por questão didática, apresentamos uma Linha do Tempo, na Figura 2, na qual delineamos um breve histórico sobre a Idade Média e, contextualizamos nossa personagem, por meio de sua biografia.

Figura 2 – Linha do tempo da pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora⁴.

⁴ Disponível em: <<https://www.canva.com/design/DAFmMcX2ffo/KYJ7QIGJdAcMPZPiVritvA/edit?AnalyticsCorrelationId=ef24fa15-dd03-45e0-8059-13fad1fc7857>>.

2 BEM-VINDO À IDADE MÉDIA – O SÉCULO XII

Ao longo da Subseção 2.1, traçamos um breve histórico sobre a Idade Média e, em especial, o século XII, discorrendo sobre algumas questões sócio-político-religiosas e abordando a organização social, religiosa, política, educacional e econômica vigentes naquele período.

Na Subseção 2.2, tratamos sobre a presença da mulher na Idade Média, a partir da imagem veiculada por diversos autores.

2.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE A IDADE MÉDIA E O SÉCULO XII

O termo Idade Média, usado para designar o período entre 476 e 1453, foi criado pelos renascentistas, com uma alusão pejorativa a um período que, na visão deles, teria sido uma época “[...] ruim, de atraso e de interrupção no progresso humano. Outros grupos, conforme seus interesses, teciam suas críticas a essa Idade, sempre a taxando como ‘ignorante’.” (SILVA, 2023, p. 3). De acordo com o mesmo autor, “A primeira menção à Idade Média dessa maneira remonta a Francesco Petrarca, que, no século XVI, já a chamava de ‘tenebrae’.”

Contudo, contrariando as ideias renascentistas, é preciso considerar que a Idade Média foi um período repleto de grandes realizações, no qual emergiram avanços nas ciências, nas artes e na organização social, corroborando para o processo de transformações relacionadas à humanidade e sua produção. Dentre o legado que nos foi deixado, devemos à Idade Média os óculos, o papel, o livro, as universidades, a anestesia, e muitas outras invenções.

Em consonância com Júnior (2001), a Idade Média costuma ser abordada com a visão do Romantismo, como uma época em que predominavam a fé, o autoritarismo e a tradição, elementos que norteavam os indivíduos para a solução de suas incertezas e problemáticas recorrentes. Compreende-se, portanto, que liberdade, imunidade e privilégio colaboravam para reforçar o liberalismo burguês

Já no século XX, segundo o mesmo autor, a Idade Média passou a ser vista por ela mesma e não sob a perspectiva daqueles que viveram em outros momentos. Assim sendo, tornou-se possível a quem estuda este período, entender todos os

aspectos que envolvem o contexto de cada período vivenciado pela humanidade, sem a emissão de julgamentos sobre o passado. Júnior (2001, p. 13) alega que:

[...] o único referencial possível para se ver a Idade Média é a própria Idade Média. Com base nessa postura, e elaborando, para concretizá-la, inúmeras novas metodologias e técnicas, a historiografia medievalística deu um enorme salto qualitativo. Sem risco de exagerar, pode-se dizer que o medievalismo se tornou uma espécie de carro-chefe da historiografia contemporânea, ao propor temas, experimentar métodos, rever conceitos, dialogar intimamente com outras ciências humanas.

Ainda segundo Júnior (2001), de qualquer forma, a Idade Média permanecia incompreendida, a partir de concepções que oscilavam entre o pessimismo renascentista/iluminista e a exaltação romântica. Nesse caso, consideramos válido conhecermos mais sobre este período, sendo que, para tal, apresentamos a descrição de Júnior, dentre outros autores que o seguirão.

Trata-se de um período da história européia de cerca de um milênio, ainda que suas balizas cronológicas continuem sendo discutíveis. Seguindo uma perspectiva muito particularista (às vezes política, às vezes religiosa, às vezes econômica), já se falou, dentre outras datas, em 330 (reconhecimento da liberdade de culto aos cristãos), em 392 (oficialização do cristianismo), em 476 (deposição do último imperador romano) e em 698 (conquista muçulmana de Cartago) como o ponto de partida da Idade Média. Para seu término, já se pensou em 1453 (queda de Constantinopla e fim da Guerra dos Cem Anos), 1492 (descoberta da América) e 1517 (início da Reforma Protestante) (JÚNIOR, 2001, p. 14).

A Idade Média, por muito tempo, foi considerada a idade das trevas, um período de transição onde todos ficaram parados no tempo. Porém, muitas coisas às quais temos acesso, atualmente, devemos aos eventos ocorridos naquele período. Conforme Costa (2009, p. 7):

O período denominado Idade Média é normalmente tratado como uma transição da antiguidade para Idade Moderna. Abrangeu cerca de um milênio, época em que o continente europeu assistiu a grandes transformações na organização política, social e econômica. Neste período, a Europa viu desaparecer o esplendor do Império Romano e vivenciou o surgimento de novas formas de organização como o Feudalismo.

Conforme revelam Schipanski e Pontarolo (2009, p. 8), “Desde o início da Idade Moderna a expressão (Idade Média) foi usada no sentido pejorativo pelos homens renascentistas, com o intuito de negar a dinâmica estabelecida naquele período e não divulgar a ação produtora e renovadora de uma época”.

Sobre o surgimento deste período, em seus estudos, Schipanski e Pontarolo (2009, p. 70) esclarecem que:

A Idade Média (*Médium aevum* ou *Midle age*) foi a expressão utilizada pelos pensadores pré-renascentistas para designar e localizar temporalmente a fase entre a Antiguidade e a Renascença. De acordo com essa noção renascentista, entre a Antiguidade e a Renascença estava a Idade Média, considerada, por muito tempo, uma época das trevas, uma longa noite de mil anos durante a qual a civilização ocidental não tomou banho e teria sido irrigada com sangue de torturas e perseguições, representando algo desprezível.

Contudo, contrariando a ideia renascentista, Schipanski e Pontarolo (2009, p. 75) atestam que, de fato, a Idade Média pode ser comparada a “[...] um grande laboratório no qual as atividades políticas, econômicas, culturais e religiosas encontraram solo fértil para se desenvolverem”. Os autores acrescentam que:

Mesmo com a existência de períodos de intensas atividades bélicas, as ações nos mosteiros durante os primeiros tempos da Idade Média se concentravam principalmente na recuperação, tradução, conservação e sistematização do conhecimento produzido ao longo de toda a Antiguidade, que contribuiu para o desenvolvimento de todos os campos do saber, permitindo dessa maneira que tais conhecimentos chegassem ao conhecimento dos pensadores da Idade Moderna (SCHIPANSKI; PONTAROLO, 2009, p. 75).

Nunes (1979) aponta uma divisão da Idade Média, de acordo com a história da educação, conceituada em quatro fases, nas quais podemos observar que, na primeira, há um declínio escolar, no mundo antigo, e o surgimento do monarquismo, sendo nesta que os povos germânicos cristianizados conhecem a cultura romana. Na segunda fase, pode ser observado o renascimento da cultura, no reino de Carlos Magno, a diminuição das invasões, o crescimento da população e da economia, o surgimento da organização feudal e o renascimento do século XII. Na terceira fase, pode ser identificado o auge da civilização medieval, com o surgimento das universidades, da doutrina e do método escolástico. No último período, ocorre o declínio escolar e a crise da Cultura Ocidental, entre a Civilização Ocidental e a Europa Moderna. A respeito destas fases, Nunes (1979, p. 19) declara que:

Do ponto de vista da História da Educação pode adotar-se a seguinte periodização da Idade Média: a) a primeira fase após a queda do Império Romano do Ocidente (476) até o reinado de Carlos Magno no fim do século VIII, uma faixa de três séculos com a mesma duração que no Brasil se estende de 1650 aos nossos dias. Este, o período que os historiadores ingleses denominam de *Dark Ages*. b) A segunda fase alonga-se de 950 a 1200, ou seja, do fim da linguagem carolíngia à concessão por Felipe Augusto dos primeiros privilégios reais à nascente universidade de Paris. Este período

equivale ao do apogeu da Idade Feudal. c) A terceira fase abrange o século XIII e termina com o gesto irreverente de Nogaret que assinala simbolicamente o declínio da Idade Média. d) A quarta e última fase caracteriza-se pelas mudanças e convulsões sociais, pela transição do feudalismo à monarquia, pela crise da cultura, decadência das escolas e pelo surgimento do humanismo renascentista.

Quanto à organização social, política e econômica da Idade Média, esta era baseada no regime de servidão, no qual o trabalhador rural era o servo do grande proprietário de terras, o senhor feudal. Este regime ficou conhecido como Feudalismo, predominando na Europa Ocidental entre os séculos V e XV (ARELLANO, 2023, p. 1).

Segundo o mesmo autor, a sociedade feudal era dividida em três principais estratos: “[...] a nobreza, o clero e os servos. A hipótese de mobilidade social era praticamente inexistente, [...] ao nascer em um nível social se estaria condenado a permanecer nele pelo resto da vida” (ARELLANO, 2023, p. 2). Será dado destaque ao século XII devido ao objeto de estudos ser Leonor de Aquitânia e esta estar vivendo no século XII.

Discorrendo sobre as relações que caracterizavam este período, Duby (2013, p. 86) esclarece que:

A casa, a família — a mesnie, a masnade, como diziam as línguas românicas —, constituía no século XII o quadro mais firme de todas as relações sociais. Estas eram pensadas, vividas sob forma doméstica, fossem elas relações entre o cristão e a Trindade, a Mãe de Deus, os santos, entre o senhor e seus vassallos, o patrão e seus servidores, o chefe de guerra e os que o apoiavam nos combates. A sociedade que chamamos feudal pode ser definida como uma aglomeração de famílias, cada uma colocada sob a autoridade de um patrão e de um só. Essas casas, organismos vivos, tendiam a perpetuar sua existência. Os homens que as dirigiam tinham portanto o dever, primordial, de procriar, de tomar uma esposa, a dama, e de engravidá-la. Se desgostassem de fazê-lo, seu círculo os forçava a isso. Era absolutamente preciso que, à hora de sua morte, estivessem em condição de entregar o poder que caía de suas mãos nas de um de seus filhos, o primogênito.

Segundo o supracitado autor, cada casa representava uma dinastia e a gravidez era como um tipo de capitalização, pois o sangue herdado dos antepassados se fortalecia, crescendo e fazendo com que as raízes da família se perpetuassem por gerações. Esta tradição delegava ao nome grande significado, sendo este, muitas vezes, a única herança recebida pelo indivíduo, uma vez que os bens materiais eram herdados apenas por um dos filhos, de preferência, que fosse homem. A organização familiar era composta, geralmente, por filhos obedientes, que serviam aos seus pais,

que os alimentavam, a esposa/mulher ao lado dos filhos/das filhas, e, em algumas situações, havia a presença de irmãos solteiros (DUBY, 2013).

De fato, é indiscutível que, na Idade Média, a Igreja detinha o poder e a Ela costumavam se curvar até mesmo os nobres da sociedade. Porém, se analisarmos a história, podemos observar que nem sempre isto acontecia (a submissão), pois existiam aqueles e aquelas que afrontavam as autoridades eclesiásticas, buscando mudar situações que eram vigentes na época, e com as quais não concordavam.

Conforme revelam Schipanski e Pontarolo (2009, p. 29), “No período Medieval vemos uma força grandiosa da Igreja sobre muitos aspectos da sociedade [...]”. O autor complementa que “[...] o cristianismo influenciou [...] a relação das pessoas com o tempo”. De fato, ele afirma que “[...] nesse período havia uma multiplicidade de tempos: o tempo natural e rural; o tempo senhorial e o tempo religioso”.

Entretanto, segundo Sousa (2023, p. 2), “Mesmo contando com muito poder e influência, a Igreja também sofreu com manifestações dissidentes. [...], as heresias, seitas e ritos pagãos interpretavam o texto bíblico de forma independente ou não reconheciam o papel sagrado da Igreja”. Sobre o homem deste período, Schipanski e Pontarolo (2009, p. 29) asseveram que “[...] eram práticos e simples, tinham os pés plantados no chão. Apesar das precárias condições de vida, vimos surgir, pouco a pouco, uma civilização que foi o berço de grande parte das instituições do mundo moderno”.

Sobre o trabalho e aqueles que o realizavam, na Idade Média, Júnior (2001, p. 47) revela que:

O segmento de trabalho assalariado expandiu-se, em especial no século XII, graças ao barateamento da mão-de-obra resultante do aumento populacional. O servo tornou-se o principal tipo de trabalhador, complementando um processo bem anterior. As prestações em trabalho na reserva, que tinham sido a essência do regime dominial, passaram a ser bem mais leves.

Ainda de acordo com Júnior (2001), o excedente agrícola se configurou como uma transformação importante neste período, pois impulsionou significativamente o comércio, que passou a ter maior importância na vida do Ocidente. Naquele momento, a participação da população nas atividades comerciais era reduzida e o tráfico interno europeu era menos arriscado. Isso ocorria porque a maior parte da produção da região

era de bens e necessidades básicas, e também devido ao fato de o transporte ter um alto custo. Júnior indica que:

A indústria têxtil era ainda mais importante, especialmente a de panos de lã. Ainda que praticamente toda cidade de certo porte tivesse suas oficinas têxteis, os maiores centros estavam localizados em Flandres, na Itália e na Inglaterra. A indústria flamenga conheceu seu apogeu entre fins do século XII e XIII, destacando-se principalmente as cidades de Ypres, Gand e Bruges. A lã utilizada era em grande parte importada da Inglaterra, vindo também do exterior os corantes (JÚNIOR, 2001, p. 53).

Corroborando com a noção apresentada anteriormente, Le Goff (2007) declara que a cidade medieval é policêntrica, sendo que, até mesmo em cada um de seus elementos, que permaneceram mais ou menos independentes, raramente só existe um verdadeiro centro. Consoante o mesmo autor:

Herdeira de uma história longa, cujo sentido ela modifica, a cidade medieval traz em seu próprio interior, mais ainda que em suas relações com o exterior, os sinais dessa história de que ela procede. Tem uma memória topográfica, donde ser raríssimo que, como no caso das bastides, ela tenha um centro afirmado. O que estrutura a cidade é um certo número de lugares e monumentos que determinam até certo ponto o ordenamento das casas e das ruas e, sobretudo, a circulação (LE GOFF, 2007, p. 24).

Outro acontecimento que provocou transformações econômicas significativas, na época, foi a criação do sistema monetário, com as moedas dos senhores. Júnior (2001) destaca que, com o passar do tempo, isto se tornou um problema, pois haviam várias moedas transitando, em uma mesma área, e com valor baixo. Para melhorar este cenário, foi realizada a reforma monetária carolíngia, no século VIII, com a criação do monometalismo de prata, o denarius, que se adequava à economia, com pouca produção e circulava de forma mais lenta. Segundo Pirenne (1973, p. 90), “[...] a partir do século XII, ao contrário, o progresso dos negócios determina uma economia mais racional. Em todos os lugares onde se pode contar com a exportação, pede-se a cada torrão o que é possível produzir com menores gastos e de qualidade superior”.

Pode-se considerar, então, que entre o início do século XII e meados do século XIII, estabeleceu-se uma fase de economia natural, sobre a qual Júnior (2001, p. 56-57) aponta que:

Graças à expansão mercantil, [...] um afluxo de ouro muçulmano contribuiu para alargar o estoque metálico ocidental. Graças às novas técnicas de mineração, cresceu bastante a produção de prata da Europa central. Possivelmente no século XII em Gênova, os banqueiros ampliaram seu leque

de atuação, aceitando depósitos reembolsáveis a qualquer momento, fazendo empréstimos, transferindo valores de clientes de uma cidade para outra. Para atrair capitais, pagavam juros sobre os depósitos. Para evitar aos clientes os inconvenientes de transporte de valores até importantes praças comerciais, desenvolveram instrumentos de crédito, protótipos da letra de câmbio e da nota promissória.

Neste período, surgem as feiras e com elas “[...] uma organização de crédito, provavelmente contemporânea da origem das letras de câmbio, de que tomaram a iniciativa os italianos, muito mais adiantados do que os povos do continente em matéria de usos comerciais” (PERINNE, 1973, p. 108). Também pode ser observado, no século XII, a expansão da ideia de nação para nação geográfica e política, que originou um cenário no qual as pessoas, de qualquer origem, começavam a ganhar força quanto aos costumes locais, sendo que, em especial, os costumes religiosos começaram a ser introduzidos (JUNIOR, 2001).

Já no final do século XII, os sacerdotes iniciavam a prática de elevar a hóstia, após consagração, para que cada cristão olhasse a espiritualidade do momento. Compreende-se, portanto, que os clérigos e leigos eram figuras centrais para que o cristianismo medieval fizesse sentido e fosse realmente vivido por toda a população (JUNIOR, 2001).

A partir de suas pesquisas, Macedo (1992) revela que, no século XII, os casamentos se tornaram públicos, com a realização de cerimônias e solenidades, que aconteciam na frente da igreja, e depois dentro dela. Os padres “[...] já não são os únicos a manejar a bela escrita. A alta nobreza se torna — ou antes volta a ser [...] letrada. Homens capazes de compor poemas e de os transcrever no pergaminho são agora pensionados nas moradas dos nobres” (DUBY, 2013, p. 98).

Sobre as escolas que foram surgindo no decorrer do século XI, Júnior (2001) destaca que:

Surgiram no século XI as escolas urbanas, que se transformariam em universidades no século XIII. Ambas eram produto do crescimento demográfico-econômico-urbano, que tornava a sociedade mais complexa e mais necessitada de atividades intelectuais. De fato, eram necessários sacerdotes em maior número e mais bem preparados para guiar fiéis mais numerosos e com novos problemas; juristas para uma maior quantidade de tribunais e às voltas com questões novas mais difíceis; burocratas para os reis e grandes senhores feudais, cujos rendimentos, despesas e interesses se ampliavam; mercadores para atender à crescente procura de bens e que precisavam elaborar contratos, escrever cartas, controlar lucros e estoques. De qualquer forma, as escolas urbanas do século XII, eclesiásticas ou não,

viviam muito dependentes do renome de um ou outro mestre, que atraía estudantes de toda a redondeza (JÚNIOR, 2001, p. 159-160).

Ainda sobre o surgimento das escolas, o mesmo autor reafirma que, na Idade Média, além de estas instituições se caracterizarem como educacionais, elas também variavam seus ensinamentos, para atender às necessidades da sociedade daquela época. Júnior (2001) indica que a escola era uma referência para a disseminação da cultura, do mercado, da política e dos valores considerados fundamentais na formação humana, levando-se em conta os ideais que envolviam as instituições, as sociedades, os povos e as comunidades, daquele período. Discorrendo sobre a estrutura da escola da Idade Média, Júnior (2001) explicita que:

Scholae era o nome do estabelecimento escolar, ainda que só constasse de uma sala. No mosteiro as aulas eram dadas no auditorium e nas escolas episcopais eram ministradas no claustro dos cônegos, quando ele existia ou, então, num lugar qualquer, e até mesmo ao ar livre, como o fez Abelardo. Scholae publicae eram as classes abertas aos clérigos seculares ou regulares. Scholae privatae eram as escolas dos mosteiros. Scholas constituere era abrir escola ou curso e scholarum regimen vinha a ser a direção da escola. Scholis praesidere, vacare ou regere, era estar à frente de uma escola. A regimine scholarum cessare era deixar de manter escola. Magisterium significava o direito ou a função de ensinar, bem como a ciência comunicada pelo mestre ou a própria disciplina do ensino. Clerici, por fim, era o termo que jurídica e socialmente designava os estudantes ou scholars (JÚNIOR, 2001, p. 165).

Nunes (1979) argumenta que para compreender a organização das escolas, na Idade Média, é importante saber que o clero era secular e regular. No caso dos padres seculares, estes eram sacerdotes que prestavam votos de castidade, desfazendo-se de seus bens e trabalhando com um bispo, sendo submissos e obedientes, vivendo para Deus. Quanto ao clero regular, este assim se configura:

[...] como um corpo auxiliar da tropa oficial, do ponto de vista administrativo. Ele abrange as ordens e congregações cujos membros levam a vida em comum, sob a orientação de um superior, prestam a Deus os três votos de pobreza, castidade e obediência, e vivem de acordo com a regra da sua corporação [...] (NUNES, 1979, p. 92).

O mesmo autor acrescenta que, conforme as escolas oficiais e as particulares foram desaparecendo, a Igreja tratou de se organizar, no sentido de formar possíveis candidatos ao sacerdócio, com o intuito de lhes garantir a instrução mínima, requerida para o exercício do ministério sacerdotal.

O nível elementar desse ensino era representado pelas escolas paroquiais e o superior, pelas episcopais. A escola paroquial funcionava na igreja matriz da paróquia ou na casa paroquial, e a escola episcopal alojava-se na igreja catedral ou na residência do bispo. Aliás, desde os primórdios da Igreja, no período patrístico, os bispos tratavam de formar ao seu lado os colaboradores do seu ministério pastoral, assim como os concílios e os sínodos orientais e ocidentais foram legislando a respeito dos requisitos para a ordenação sacerdotal e para a imposição dos ministérios. Por conseguinte, as escolas paroquiais e as episcopais foram instituídas para a formação do clero. No entanto, devido ao desaparecimento das escolas públicas e à falta ou à raridade das particulares, nelas também estudavam alunos que não se dedicariam mais tarde ao sacerdócio e que, a certa altura dos estudos, resolviam constituir família (NUNES, 1979, p. 103).

Conforme Júnior (2001, p. 136), os leigos e nobres recebiam uma educação na arte cavaleiresca e a sua formação integral de nobre era de acordo com os princípios dos cavaleiros, sendo que “[...] a formação completa do nobre, segundo o ideal da cavalaria, só ocorrerá após o primeiro milênio da era cristã, para atingir o seu ápice nos séculos XII e XIII”. O referido autor acrescenta que:

Como a técnica militar que prevalecia cada vez mais era a cavalaria, esses elementos passaram a ser conhecidos por milites, “cavaleiros”. Portanto, guerreiros servidores, inferiorizados em relação ao dominus (senhor) possuidor de muitas terras, de um castelo no qual se centralizava a defesa da região e detentor do poder de ban⁵. Procurando exercer controle sobre essa força emergente, a Igreja aos poucos foi cristianizando o título de cavaleiro. Para tanto criou a cerimônia de adubamento⁶, de forte componente litúrgico, e que nos séculos XI e XII acabaria por se tornar um verdadeiro sacramento. Graças ao novo prestígio da condição cavaleiresca, mesmo os nobres passaram a se armar como milites, e foi então ocorrendo uma fusão entre aqueles dois níveis da aristocracia laica (JÚNIOR, 2001, p. 123).

Em meados do século XII, consolidou-se, então, uma outra organização social, formada pelos cavaleiros (nobres) que propunham proteger os interesses da Igreja e do Rei. Graças à sua destreza, estes homens alcançaram *status* e posição privilegiada no campo de batalha. Sobre isto Corral (2022, p. 3) assinala que:

A passagem do tempo e o constante aumento da sua destreza e armamento elevaram os cavaleiros a uma categoria superior à dos homens que combatiam a pé, especialmente a partir do início do século XII, na Terra

⁵ No começo da Idade Média, este termo designava o poder de comando do chefe militar. Depois, o conjunto de poderes regalianos (de rei) que a partir do século X foi confiscado e explorado por grandes latifundiários: julgar, punir, tributar (JÚNIOR, 2001, p. 251).

⁶ Cerimônia que se difunde a partir de meados do século XI, pela qual um indivíduo era armado cavaleiro. Rito de iniciação [...]. A cerimônia implicava ainda a bênção da espada e, mais raramente, um banho purificador e uma noite de velada das armas (JÚNIOR, 2001, p. 251).

Santa ocupada pelos cruzados, quando se fundaram as ordens militares com a missão de ajudar os peregrinos e combater os muçulmanos.

Le Goff (2007, p. 82) também trata sobre os cavaleiros, asseverando que “[...] com o tempo a cavalaria será civilizada pela igreja para canalizar sua violência”. A mesma fonte indica que a cavalaria mantém relações estreitas com outro comportamento feudal, a cortesia, que, como sua etimologia indica, é definida pelas boas maneiras que deveriam reinar na corte dos reis e príncipes. Segundo Nunes (1979, p. 153):

O cavaleiro, além da bravura e da perícia nas armas e na luta, devia distinguir-se pela "cortesia", um conjunto de virtudes sociais que lhe permitisse tratar com lhaneza os seus pares, os superiores e os inferiores, mas especialmente as damas. No sul da França, na Provença, nasceu a literatura dos trovadores que cantavam as proezas guerreiras e os encantos do amor cortês.

De acordo com Nunes (1979, p. 153) é importante compreender a distinção existente, no século XII, entre o amor cavaleiresco e o amor cortês. Sendo assim, ele apresenta a seguinte definição sobre o amor cavalheiresco:

O amor cavaleiresco surgiu em primeiro lugar e foi o resultado da idealização da mulher pela aristocracia guerreira. De acordo com o amor cavaleiresco, o homem consegue o favor das damas por meio de proezas. O cavaleiro faz questão de ser leal e fiel à sua dama, mas quer levar o amor até à consumação carnal.

Em relação ao significado do amor cortês, em consonância com Nunes (1979, p. 153):

O amor cortês, [...] de origem provençal, surgiu na primeira metade do século XII e requeria que a amante fosse casada e de nível social superior, o que o tornava teoricamente platônico. Tratava-se de paixão de poeta e de homem gentil que obtinha da amada, quando muito, a recompensa de um beijo ou de outros pequenos favores.

Na sequência, na Figura 3, exibimos a representação de um cavaleiro, por meio da ilustração de uma escultura do século XII, que pode ser encontrada na igreja de Saint-Pierre de Parthenay, no Poitou, França.

Figura 3 - Um cavaleiro



Fonte: Júnior (2001, p. 124)⁷

Consoante Nunes (1979), se a cavalaria é um mundo, essencialmente masculino, a cortesia é um universo em que a mulher está onipresente, seja para dar o tom, reunir em torno dela escrivães e artistas, seja para ser o objeto de admiração ou para obter a proteção dos homens que a cercam.

Nesse contexto, ao longo da Subseção 2.2, discutimos sobre a presença das mulheres na Idade Média, no sentido de refletirmos sobre a importante atuação destas personagens, nas diversas esferas.

2.2 REPRESENTAÇÕES DA MULHER NA IDADE MÉDIA

Sobre a imagem da mulher na Idade Média, Macedo (1992) afirma que estas, ao serem retratadas, não eram vistas como elas eram, mas, sim, como deveriam ser.

⁷ Note-se o equipamento que fazia do cavaleiro um especialista da guerra: seu custo equivalia a 22 bois, ou seja, aos bens de 11 camponeses juntos. O cavalo, de tipo especial para aquele fim, era robusto. O cavaleiro está protegido por uma roupa de cota de malha (a lorica), um elmo cônico e um escudo. Empunha uma espada. Numa das mãos ele segura um falcão, importante símbolo nobiliárquico. Observe-se a presença do estribo, que dava maior firmeza durante o combate, e já foi por isso considerado por Lynn White Jr. elemento central para a formação do feudalismo (JÚNIOR, 2001, p. 124).

No século XII, Santo Anselmo e Abelardo celebraram o regozijo do sexo feminino com a “nova Eva”, a mulher-símbolo da pureza, da grandeza, da santidade. No tratado *Cur Deus homo* Anselmo consola amavelmente as mulheres afirmando os poderes de Maria; assim como Eva foi responsável pelo pecado original, a Virgem Maria, “nova Eva”, era a fonte da redenção. A extraordinária popularidade do culto marial depois do século XII é atestada nos sermões, tratados e poemas escritos em louvor da Virgem (MACEDO, 1992, p. 45).

Na visão de Duby (2013, p. 92) o que fazia com que as mulheres fossem consideradas fortes era seu poder de gerar filhos, sendo que, “As duas funções da feminidade, materna e funerária, designavam, ao que parece, a dama para reger as “obséquias”, os serviços que os ancestrais exigiam dos vivos”. De fato, a expectativa quanto as mulheres com relação aos padres e guerreiros, era de que depois que ela fosse uma boa filha e esposa fértil, ao envelhecer, ela cultivasse os valores da igreja, com a sua santidade. De acordo com Duby (2013, p. 178), esse era o “[...] dom último que ela oferecia a esse homem que a deflorara bem jovem, [...] cuja piedade se reavivara com a sua e que depositara numerosas vezes em seu seio o germe dos rapazes que [...] na viuvez, a apoiariam e que ela ajudaria com seus conselhos [...]”.

Contudo, foi possível observar que, no decorrer do século XII, a Igreja do Ocidente mudou seu posicionamento, passando a considerar, com mais atenção, as aspirações das mulheres, notando que estas se sentiam preteridas, ansiando por alguém que as ajudasse a trilhar o caminho da salvação. Segundo Duby (2013, p.185):

Sem dúvida, os grandes prelados que no século precedente haviam conduzido a reforma moral da sociedade cristã perceberam que era preciso cuidar também das mulheres, desviá-las do mal, e os mais generosos dos homens religiosos, os mais atentos ao ensinamento do Evangelho já reuniam as mais inquietas, as mais desamparadas dentre elas ao redor de si. Contudo, a autoridade eclesiástica desconfiava desses apóstolos temerários. Decepcionadas, muitas mulheres escutavam os heresiarcas que lhes estendiam os braços. Logo se impôs preveni-las contra as seduções das seitas, reconduzir ao aprisco as ovelhas desgarradas. Então, os padres começaram a falar delas com mais frequência, alguns chegaram mesmo a falar com elas e por vezes as escutaram. Permanecem vestígios de suas palavras. Eles lançam alguma luz sobre aquilo que busco e que tão mal se vê: como as mulheres eram tratadas naquele tempo.

Ainda no que se refere à situação da mulher na Idade Média, “Com a ascensão da Igreja Católica, o patriarcado imperou, até mesmo porque Jesus era um homem. Neste contexto, tudo o que a mulher tentava realizar, por conta própria, era visto como uma imoralidade” (ALAMBERT, Ano II, p. 7). Sobre a mesma questão, Dalarun (1993, p. 85) assevera que:

A sexualidade feminina no medievo era considerada como um ato desviante no meio social, pois, para a Igreja, a mulher deveria permanecer pura, ou manter relações sexuais após o casamento, com finalidade de procriação. As mulheres não tinham direito ao prazer sexual, uma vez que a sociedade masculina era incumbida de não as deixar ter orgasmo. De acordo com a afirmação de Dalarun “o prazer é antes de mais nada, o prazer do homem”.

Apesar de não concordarmos com a visão de alguns autores sobre a mulher na Idade Média, apresentamos as interpretações deles. Em nossa concepção, a mulher medieval, quando analisada com os olhos da atualidade, é vista como frágil, sofredora e submissa aos caprichos do homem, porém, consideramos relevante compreender estas questões no contexto do período estudado. Sendo assim, é importante lembrar que as mulheres medievais, de forma geral, enquanto os homens caçavam, guerreavam etc., tinham os seus afazeres, eram fortes para defenderem as suas casas, os seus filhos e as suas famílias. Elas educavam sua prole e atendiam às necessidades da família, o que era considerado ‘normal’ para aquele período.

Para exemplificar mulheres deste período, Le Goff (2007) menciona os exemplos de Maria da França (1145-1198), Condessa de Champagne, e Alienor (Eleonora) da Aquitânia, rainha da Inglaterra, personagens do final do século XII. A respeito da atuação das mulheres, Duby (2013, p. 115), atesta que:

De fato, as mulheres se fazem muito mais presentes na metade do século XII no relato dos narradores encarregados de divertir a corte de Henrique Plantageneta. Estes sugerem, como seus predecessores, que o destino delas é serem tomadas, objetos sempre do desejo masculino. Mas eles repetem que esse desejo deve ser doravante dominado. Não mais rapto, a sedução. As mulheres entram no jogo do amor.

Sobre as produções das mulheres do medievo, é preciso considerar que a maioria delas não sabia ler e escrever. Contudo, aquelas que puderam deixar suas contribuições escritas se destacaram pela inteligência, força, luta pelos seus ideais e pelos grandes ensinamentos deixados nas diferentes áreas. Como exemplo podemos citar: Heloísa de Argenteuil ou Heloísa de Paráclito (1090-1164), Hildegarda de Bingen (1098-1179), Herrad de Landsberg (1130-1195), Branca de Castela (1188-1252) e Cristina de Pisano (1364–1430), ainda, que um pequeno conto, o *Lai*, um gênero bastante apreciado, na época, foi produzido “[...] por uma escritora famosa do século XII: Maria de France. Ela e as poetisas do Languedoc, as *trobairitz*, foram as primeiras a usar a pena como veículo de expressão das ideias femininas” (MACEDO, 1992, p. 80).

Segundo Júnior (2001), no século XII, no processo de revalorização da mulher, pode ser identificada como principal causa o intenso florescimento do culto à Virgem. Já no que concerne à literatura, o mesmo autor revela que:

[...] desenvolvia-se a lírica cortesã, na qual o trovador reverenciava uma dama, tornada sua "senhora" pelo amor que ele lhe dedicava. Portanto, adoção do vocabulário feudal, ampliando seu sentido primitivo. Nas instituições urbanas, e logo nas aristocráticas, passava-se a reconhecer à mulher o direito a uma parte substancial dos bens do marido. No sul europeu, aceitava-se mesmo sua participação na vida política (JÚNIOR, 2001, p. 132).

Conforme já foi comentado anteriormente, sob a nossa interpretação, não concebemos a mulher medieval como portadora da fragilidade mencionada por alguns autores. Dessa forma, para entendermos melhor esta questão, na Seção 3, apresentamos a biografia de Leonor de Aquitânia, objeto de nossa investigação, discorrendo sobre os principais fatos que marcaram a sua existência.

3. LEONOR DE AQUITÂNIA: DO NASCIMENTO À GLÓRIA DE SEUS REINADOS

Sobre as rainhas da Idade Média, especificamente, as que reinaram na França e na Inglaterra, para nós, uma delas tem maior relevância, a Rainha Leonor de Aquitânia, cuja representação segue na Figura 4.

Figura 4 – Queen Eleanor of Aquitaine



Fonte: Wikimedia commons (2012)⁸.

Concordamos com as ideias de Montesano (2018), quando esta aponta que ela (Leonor) foi uma das mais importantes personagens do século XII, devido à sua participação na política, que foi essencial para muitos eventos que ocorreram na história da Inglaterra e da França, além de ter nascido de seu mecenato⁹ as bases do renascimento literário e da cultura cortesã.

Ao longo da Seção 3, abordamos as relações políticas, religiosas, sociais e culturais que marcaram os dois casamentos de Leonor de Aquitânia, tendo o primeiro ocorrido quando Leonor tinha apenas 14 anos. Na Figura 5, exibimos mais uma ilustração da jovem rainha Leonor de Aquitânia.

⁸ Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:LeonorAquitania.jpg>>. Acesso em: 17 jul. 2023

⁹ O mecenato é o ato de patrocinar e investir em arte e cultura.

Figura 5 – Queen Eleanor



Fonte: Wikipedia (Frederick Sandys, 2009)¹⁰.

Na Subseção 3.1, traçamos uma breve biografia de Leonor de Aquitânia, discorrendo sobre as condições de seu nascimento e apresentando a sua genealogia, bem como, alguns aspectos de sua relação com os pais, o irmão e o avô. Em dado momento, tratamos sobre a educação esmerada que Leonor recebeu de seu pai, visando a prepará-la para governar o território de Aquitânia.

Na Subseção 3.2, destacamos a Rainha Leonor de Aquitânia, enfatizando os acontecimentos que cercaram o seu primeiro casamento, com o rei Luís VII, da França, em 1137.

Na Subseção 3.3, analisamos a participação de Leonor de Aquitânia na Segunda Cruzada, destacando os motivos que a levaram a acompanhar seu marido, o Rei Luís VII, nesta perigosa empreitada.

Na subseção 3.4, tratamos do segundo casamento de Leonor de Aquitânia com Henrique II, da Inglaterra, que também se tornou rei, após a morte de seu pai, o Rei Godofredo. Foi neste período que Leonor teve seus filhos e lutou para manter o território de Aquitânia protegido.

¹⁰ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Anthony_Frederick_Sandys_-_Queen_Eleanor.JPG>. Acesso em: 11 jul. 2023.

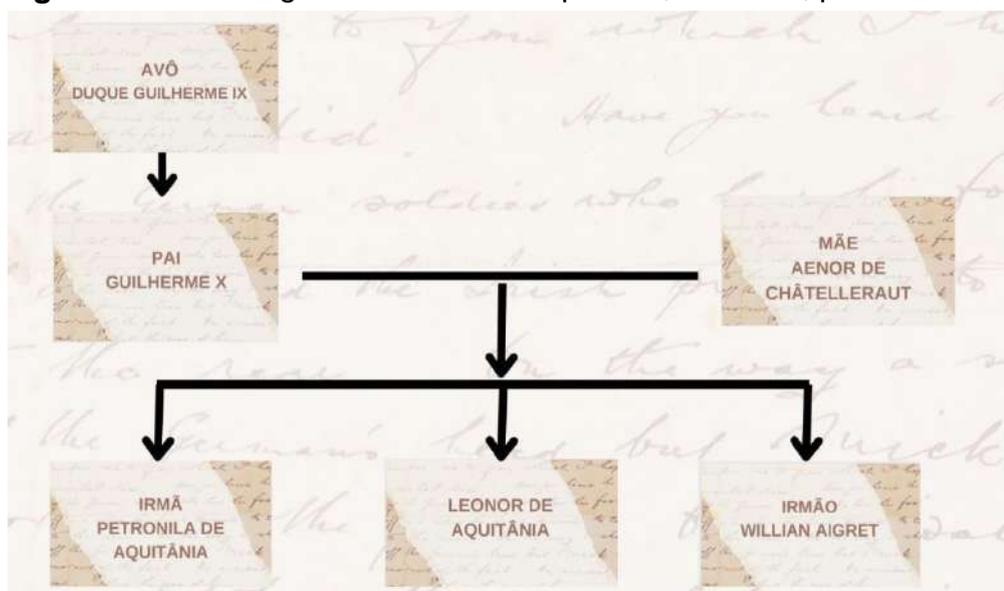
3.1 OS LAÇOS FAMILIARES DE LEONOR DE AQUITÂNIA COM SEUS PAIS, SEU IRMÃO E AVÔ, SUA EDUCAÇÃO E SEU TERRITÓRIO DE AQUITÂNIA

Autores como Bentes (2019) discorrem sobre Leonor de Aquitânia como rainha, esposa e mãe, mas poucas fontes foram encontradas que comprovem quem era ela até os seus 13 anos, a não ser pelo que se tem escrito sobre seu avô e seu pai. Ela também é conhecida na história como Eleonor - em inglês - ou Aliènor - em francês, e como a mais amada, ou a mais detestada, das rainhas medievais. Em consonância com River (2018, p. 10):

O ano de seu nascimento está registrado em algumas fontes como 1122, e em outras 1124. Filha mais velha de Guilherme e Aenor, nasceu em Poitiers, Burdeaux o nieul-sur-l'Autis, entre os territórios mais ricos de Aquitânia. A nobre menina era tão delicada como uma boneca de porcelana, parecia uma versão em miniatura de sua deslumbrante mãe e por isso recebeu seu nome. Ela seria chamada "Eleonor" (Leonor em Espanhol) a versão Anglicana do nome "Alienor", um derivado da frase latina "Alia Aénor," "a outra Aénor" a irmã mais nova de Eleonor, nascida em 1125, chamava-se Petronila e seu irmão mais novo, Willian Aigret. Leonor e seus irmãos eram mimados além da medida em sua juventude.

Elaboramos um organograma genealógico sobre a família de Leonor de Aquitânia, antes de seus casamentos, que apresentamos na sequência do trabalho, por meio da Figura 6.

Figura 6 - Genealogia de Leonor de Aquitânia, com avô, pais e irmãos



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Sobre a infância e o nascimento de Leonor de Aquitânia, Turner (2009) afirma que a evidência mais antiga para o ano de nascimento dela é uma genealogia, escrita no final do século XIII, informando que ela tinha treze anos, na primavera de 1137, quando o seu pai morreu. Presumivelmente, o compilador se esforçou para dar precisão, deduzindo que, já que seu casamento, ocorrido mais tarde, naquele mesmo ano, teria sido invalidado sob a lei da Igreja, se ela tivesse menos de doze anos, a data a ser aceita para seu nascimento deveria ser o ano de 1124, e não 1122, como havia sido informado em outros escritos.

Leonor de Aquitânia e seus irmãos viveram cercados pelos cuidados que os filhos da nobreza poderiam desfrutar, naquele período. O que se sabe é que além da atenção de sua mãe, seu pai se preocupou em educá-los para governar. Pouco se sabe sobre sua mãe e irmãos, mas fontes, como River (2018), indicam que, devido a uma enfermidade, que acometia sua comunidade naquela época, ela perdeu sua mãe e seu irmão.

A nobre família não estava imune às tragédias. Na primavera de 1130, Guilherme, Leonor e Petronília sofreram um duro golpe quando tanto Aenor como Guilherme, de 4 anos, contraíram varíola, desintéria e outras doenças contagiosas e morreram pouco depois. Leonor aos 8 anos se convertia na herdeira de seu pai, receberia os títulos de Condessa de Poitou e Duquesa de Aquitânia e Gasconha, sendo também os mais ricos e bem populosos territórios que vão desde o rio Loire até o que hoje é a Espanha (RIVER, 2018, p. 11).

Para complementar a passagem de River, citamos Koestler-Grack (2005) quando este aponta que Leonor teve que conviver desde pequena com a ausência de sua mãe, tendo que ser amparada e apoiada pelo seu pai que, na época, era um dos homens mais poderosos, até acima do rei, por ter muitas terras

Em consonância com Turner (2009), a vida familiar nobre não girava em torno da criação e socialização das crianças, e as mães aristocráticas não consideravam o cuidado dos filhos apenas sua responsabilidade. Todos os tipos de serviços domésticos, bem como outros, pertencentes às famílias nobres, tinham que cumprir o papel de educar e cuidar das crianças. Isto significa que os primeiros laços de afeição que eram formados por crianças da aristocracia, ou da realeza, não eram apenas com seus pais, mas, sim, eram estendidos para parentes, criados cavalheirescos, oficiais e servidores de escalão inferior.

Isso teria sido ainda mais verdadeiro para a jovem Leonor, cuja mãe morreu quando ela tinha apenas seis anos. Segundo Turner (2009) talvez os servos tenham se redobrado mais com os cuidados, porque tinham pena dela, pela perda de sua mãe, por isso, eles a mimavam mais do que a outras crianças aristocráticas.

Há poucos registros sobre a mãe de Leonor, isso talvez por ela não pertencer a uma família tão rica. A partir de suas pesquisas, Turner (2009) a descreve da seguinte forma:

A mãe de Eleanor não pertencia a uma das famílias principescas mais altas da Aquitânia, pois Guilherme IX arranhou um casamento para seu herdeiro em 1121 com a infame filha da amante La Maubergeonne, Aénor. A noiva de William X era filha de seu marido, o visconde de Châtelleraut. A pequena Eleanor recebeu o nome de sua mãe, seu nome alienor em francês deriva do latim, que significa 'outro Aenor'. A mãe de Eleanor morreu em 1130, enquanto ela e seu marido estavam em uma caçada nos pântanos do baixo Poitou, e ela foi enterrada perto do local de sua morte em Nieuil-sur-l'Autise, a casa de cônegos regulares. Ela deixou três filhos: Leonor, de cerca de seis anos, a filha mais nova, Aélith, também conhecida como Petronilla; e um filho, Aigret, que morreu no mesmo ano que sua mãe¹¹ (TURNER, 2009, p. 22 - Tradução nossa).

Sobre a educação formal de Eleanor, apesar de poucas referências, Turner (2009) alega que:

[...] a evidência é abundante para a presença de tutores nas famílias principescas dos séculos XI e XII; também algumas famílias nobres enviaram seus filhos, meninas e meninos, para casas religiosas para serem educados. Quando a pequena Leonor foi enviada para o convento para a escolaridade, lá ela recebeu uma sólida formação em letras. Ela certamente aprendeu a ler Latim, ensinada por capelães na casa ducal. Talvez quem tenha supervisionado sua educação foi o arcebispo de Bordeaux, seu guardião durante a ausência de seu pai em peregrinação e nos dias seguintes à sua morte¹² (TURNER, 2009, p. 23 – Tradução nossa).

¹¹ Eleanor's mother did not belong to one of the highest princely families in Aquitaine, as William IX arranged a marriage for his heir in 1121 with his infamous daughter by mistress La Maubergeonne, Aénor. William X's bride was her daughter by her husband, the Viscount de Châtelleraut. Little Eleanor was named after her mother, her name alienor in French deriving from the Latin, meaning 'another Aenor'. Eleanor's mother died in 1130, while she and her husband were on a hunting party in the marshes of lower Poitou, and she was buried near the site of her death at Nieuil-sur-l'Autise, the home of regular canons. She left behind three children: Leonor, aged about six, the youngest daughter, Aélith also known as Petronilla; and a son, Aigret, who died the same year as his mother.

¹² Almost nothing can be known about Eleanor's formal education. However, evidence is abundant for the presence of tutors in princely families of the 11th and 12th centuries; also some noble families sent their children, girls and boys, to religious houses to be educated. Whilst little Leonor was sent to a convent for schooling, there can be no doubt that she received a solid education in letters. She almost certainly learned to read Latin, taught by chaplains in the ducal household. Perhaps overseeing his education was the Archbishop of Bordeaux, his guardian during his father's absence on pilgrimage and in the days following his death.

Leonor aprendeu muito nas viagens com seu pai, Guilherme X, duque reinante de Aquitânia, que constantemente a levava com ele, o que lhe permitiu compreender sobre a vida e a política, tendo adquirido conhecimentos e maturidade que iam muito além daqueles que as meninas de sua idade possuíam. Além disso, ela teve bons exemplos de tutores que a ajudaram e influenciaram por meio do ensino, capacitando-a para que ela tivesse grande domínio sobre os assuntos inerentes à política, arte e educação.

Na concepção de Koestler-Grack (2005), tendo todo esse estímulo para viver, sobrou tempo para Leonor investir em arte e poesia, tornando-se inspiração para poemas e obras literárias do período. A partir de seus estudos, River (2018, p.14) alega que:

Aproveitando ao máximo sua riqueza e nobreza, Guilherme X se assegurou que suas filhas recebessem mais que treinamento doméstico, como fiação, costura, bordado e administração doméstica. Apesar da igreja declarar blasfêmia educar as meninas, ele contratou um grupo de professores particulares para proporcionar a melhor educação possível. Elas aprenderam Latim, literatura clássica, astronomia, aritmética e diversas ciências. Ele queria que fosse explorado ao máximo o potencial de cada uma.

Consoante Turner (2009), Leonor era descendente de duques orgulhosos, que governavam a Aquitânia, o maior território principado da França. Ela poderia orgulhar-se da herança de seus ancestrais ducais, como sucessores dos monarcas carolíngios¹³ e de uma espécie de aura sagrada de realeza que continuou a cercá-los.

Leonor da Aquitânia nasceu e cresceu em um ambiente que contrasta com o passado dos seus dois maridos, Rei Luís VII de França e Rei Henrique II de Inglaterra. Ela nasceu em uma dinastia com uma rica história, governando o mais alto ducado da França, e foi seu direito hereditário à Aquitânia que a tornou importante na história¹⁴ (TURNER, 2009, p. 9).

O avô de Leonor, o Duque Guilherme IX, ficou conhecido por ser o primeiro trovador, “Eleanor adorava ouvir as canções de amor românticas que seu avô escrevia. Para ela representava o modelo de cavaleiro heróico - um ideal que Eleanor

¹³ Império Carolíngio é o nome dado ao período em que o império franco ficou sob a liderança da dinastia carolíngia, destacando-se grandemente Carlos Magno. Disponível em: <<https://incrivelhistoria.com.br/imperio-carolingio-historia-caracteristicas/>>. Acesso em: 20 jul. 2023.

¹⁴ Leonor of Aquitaine was born and raised in an environment that contrasts with the background of her two husbands, Louis VII of France and Henry II of England. She was born into a dynasty with a rich history ruling over France's highest duchy, and it was her hereditary right to Aquitaine that made her important in history.

jamais conheceria” (KOESTLER-GRACK, 2005, p. 13). Seu avô é citado em quase todos os escritos sobre Leonor, pois foi figura influente na Idade Média, por ter sido o primeiro trovador e proprietário de muitas terras férteis. Foi um dos poetas mais famosos na região, levando alegria e conhecimento por onde passava. Ele não conseguiu fazer de seu filho Guilherme X, pai de Leonor, um poeta, mas, ele se tornou um cavaleiro que, mais, tarde, capacitaria a filha para ser uma das mulheres mais inteligentes do período.

Escritos de dois monges anglo-normandos do início do século XII que fornecem mais detalhes sobre a personalidade do avô de Eleanor. Alguém o descreve como “um homem ousado e íntegro e tão alegre que ele poderia superar até mesmo os menestréis mais espirituosos com suas muitas piadas. Ele dá um relato do desastre que se abateu sobre William na cruzada em 1101, quando um ataque turco quase aniquilou sua força, e o duque escapou por pouco, foi deixado para vagar de volta¹⁵ (TURNER, 2009, p.15 - Tradução nossa).

No tocante ao legado deixado por Guilherme IX e sobre como ele é descrito por estudiosos, Turner (2009) revela que:

Hoje, a reputação do avô de Eleanor repousa em seus poemas sobre mulheres, amor e luxúria compostos em langue d'oc ou occitano, e ele é considerado o primeiro dos trovadores. Um esboço biográfico que acompanha uma coleção de canções de trovadores do final do século XIII atribui-os a um conde não identificado de Poitiers, de quem poucos hoje duvidam que seja o duque Guilherme IX. Ele é descrito como "um dos melhores cortesãos do mundo e um dos melhores enganadores de mulheres... E ele sabia bem como compor e cantar¹⁶ (TURNER, 2009, p.15 - Tradução nossa).

O pai de Leonor era um cavaleiro que possuía coragem e bravura, mas que não herdara o dom da poesia de seu pai. Entretanto, ele mantinha muitos trovadores em sua corte (KOESTLER-GRACK, 2005). Além disso, Guilherme X gostava de viajar, percorrendo seus ducados, pelo menos uma vez por ano, conhecendo todo tipo de

¹⁵ Writings by two Anglo-Norman monks from the early 12th century that provide further details about the personality of Eleanor's grandfather. Someone describes him as “a bold and principled man and so merry that he could outrun even the wittiest minstrels with his many jokes. He gives an account of the disaster that befell William on crusade in 1101, when a Turkish attack nearly annihilated his strength, and the narrowly escaped Duke was left to wander back.

¹⁶ Today, Eleanor's grandfather's reputation rests on his poems about women, love and lust composed in langue d'oc or Occitan, and he is considered the first of the troubadours. A biographical sketch that accompanies a collection of troubadour songs from the late 13th century attributes them to an unnamed Count of Poitiers, whom few today doubt was Duke William IX. This describes him as "one of the best courtiers in the world and one of the best deceivers of women... And he knew well how to compose and sing".

peçoas: mendigos, camponeses, pobres, comerciantes, bispos e cavaleiros. Foi com ele que a jovem herdeira aprendeu a governar o seu território.

Leonor de Aquitânia se tornou uma jovem muito cobiçada, devido à sua aparência, ao seu domínio e à sua autoconfiança. A respeito desta questão, Koestler-Grack (2005, p. 2) indica que:

Eleanor da Aquitânia era considerada uma das mulheres mais bonitas de seu século, mas possuía muito mais do que longos cabelos ruivos e um rosto adorável. Sua inteligência, sagacidade e sofisticação eram inigualáveis por outras mulheres de seu tempo. Ela se importava pouco com o que a sociedade esperava dela e se portava com confiança e autoridade. Seu espírito livre e caráter forte – traços incomuns para uma mulher daquela época – fizeram muitas pessoas sussurrarem sobre ela quando ela passava

Leonor foi educada para governar seu ducado e a não se deixar influenciar, muito menos para perder suas terras. Ela estudou sobre artes, línguas estrangeiras e se preparou, com a ajuda de seu pai e sua irmã, não apenas para se comportar como uma mulher da nobreza, mas, também, para atuar na política e tomar decisões sobre este assunto.

Conforme Macedo (1992, p. 79), “Leonor da Aquitânia foi sem dúvida a maior patrocinadora de obras literárias. Rainha da França e, posteriormente, da Inglaterra, politicamente influente, aumentou seu prestígio, estimulando a criação de poemas e obras históricas”. É possível entender, portanto, que a educação que recebeu, fez de Leonor de Aquitânia uma das maiores influências na literatura e arte, do século XII.

Em se tratando do território geográfico de Aquitânia, Koestler-Grack (2005, p. 9) revela que:

Na época do nascimento de Eleanor, a atual França foi dividida em vários reinos. Cada reino era governado separadamente, muitas vezes por pessoas que falavam línguas diferentes. Aquitânia - com mais de duas vezes o tamanho do que era então o francês reino - era um dos reinos mais cobiçados da França. A exuberante terra da Aquitânia se estendia do rio Loire ao norte, até a fronteira da Espanha, e das colinas de calcário da França central até o oceano Atlântico. Muitos rios e córregos corriam por vales férteis, ricos em morangos silvestres, framboesas e cerejas. Vinhas, oliveiras e campos de trigo cobriam hectares de terra.

Neste trabalho, não fizemos uma análise do território que abrangia as regiões de Aquitânia, mas consideramos importante sua visualização enquanto espaço geográfico, conforme ilustramos na Figura 7.

Na obra de River (2018), ele revela que Aquitânia, traduzida, significa “Terras de águas”, o que nos leva a considerar que aquela região representava, então, uma extensão enorme de terras férteis, sobre as quais os poderes locais vizinhos estavam desesperados para afundar seus dentes (RIVER, 2018, p. 12).

Como foi apontado anteriormente, Leonor de Aquitânia sempre acompanhava seu pai em suas viagens, o que a fez ficar conhecida e ser admirada por todos os camponeses, comerciantes, membros da igreja e cavaleiros. Aquela era uma forma de saber quais eram suas terras e, posteriormente, ter respaldo para tomar decisões sobre como governá-las.

Era uma jovem espirituosa com muita vitalidade e autonomia para viver sua vida de acordo com os ensinamentos de seu pai que a queria muito inteligente e livre para saber cuidar de seu território, ela sabia muito mais do que as jovens de sua idade. Com a morte de seu pai ela se tornou herdeira e governante do território de Aquitânia, aos 13 anos. Esta responsabilidade a tornou uma das mais cobiçadas mulheres de seu tempo, afinal, ela foi a primeira mulher herdeira a governar, depois de mais de 200 anos de herdeiros homens em sua família.

River (2018, p. 14) indica que “Eleonor se transformou em uma excepcional Harpista, vocalista e andar a cavalo rapidamente se tornou seu passatempo favorito, equitarista, [...] ela era muito talentosa amazona tinha paixão pelos cavalos e superava muitos homens”. Segundo o mesmo autor, Leonor de Aquitânia, como uma mulher nobre de seu tempo, recebeu uma educação que lhe permitiu governar e cuidar de Aquitânia. Naquele período ela não se limitou a aprender cozinhar, bordar e cuidar de sua casa (RIVER, 2018).

Leonor viveu além da expectativa de vida para a época, com mais de oitenta anos. Ela teve privilégios para se alimentar e viver confortavelmente, sendo que, mesmo em viagens longas, como durante as cruzadas, ela se cercava de pessoas para seus cuidados. Segundo as pesquisas de Turner (2009), a idade de oitenta anos evidencia uma expectativa de vida extraordinária para qualquer um, naquela época, por causa das muitas mortes que ocorriam na infância, ou na primeira infância, e às

westwards to the region of the Sèvre Niortaise and Vendée, and Olonnais and Talmondais to the along the Atlantic coast, extending southwards into Aunis and Saintonge. Although more and more of the Poitevin estates were to be converted to vineyards, forests abounded to give the Dukes pleasure as hunting grounds and also to generate funds through supply of timber and other resources, as well as rents from forest dwellers.

muitas guerras. De fato, a probabilidade média de existência para aqueles tempos era em torno de trinta anos, sendo que, para as senhoras aristocráticas, que tinham a vantagem de um cotidiano confortável e comida abundante, com a isenção de arriscar suas vidas em batalhas, obviamente, havia a possibilidade de vidas mais longas.

Duquesa da Aquitânia e Condessa de Poitiers ¹⁹, por seu próprio direito, Leonor de Aquitânia foi esposa de dois reis, mãe de três reis e duas rainhas, governando um território que abarca metade da França, território do qual foi rainha. Posteriormente, ela se tornou também rainha da Inglaterra. Ela foi uma poderosa patrona das artes, além de ser considerada uma mulher com senso político muito apurado. Leonor de Aquitânia foi uma das mulheres mais poderosas da história, poder que foi fortalecido pelos seus dois casamentos e as relações políticas que deles se originaram, como resultado de sua inteligência e estratégias.

Esta breve apresentação da biografia de Leonor de Aquitânia, mostrando sua educação e incentivo para ser uma governante, possibilita que coloquemos nosso foco nas relações políticas, religiosas, culturais e educacionais estabelecidas, após seus dois casamentos, tendo sido o primeiro, com o Rei Luís VII, da França, em 1137. É sobre evento que trataremos na Subseção 3.2.

3.2 LEONOR DE AQUITÂNIA, RAINHA DA COROA DA FRANÇA

Conforme já foi exposto neste trabalho, o pai de Leonor era muito atencioso e cuidadoso com a filha, portanto, pensando no seu futuro, antes de viajar para a Espanha, ele a deixou com o Rei Luís VI. Guilherme X não imaginava que aquela seria sua última viagem. Turner (2010) faz um relato muito interessante sobre este acontecimento, o qual transcrevemos abaixo:

Eleanor tornou-se a noiva mais desejável da Europa, herdeira do prestigioso ducado da Aquitânia e o próspero condado de Poitou com a morte inesperada de seu pai Guilherme X no curso 1137, em sua peregrinação para Espanha. O pai teve que deixar inesperadamente para a filha sua herdeira, e os planos que ele havia feito antes de partir para Compostela eram apenas por precaução, mas o imprevisto de sua morte deixou a jovem Eleanor vulnerável. Sem um poderoso parente para proteger sua jovem herdeira, ele sabia que ela se tornaria presa de algum ambicioso príncipe em busca de terras adicionais por meio do casamento ou precisando de uma noiva rica para fornecer sustento de um filho mais novo. No pouco tempo que lhe restava, o moribundo Guilherme X resolveu colocar a jovem Eleanor sob os cuidados

¹⁹ Uma cidade da França.

de Luís VI, rei da França, e incumbi-lo de cuidar dela, casando-a. O rei francês, aproximando-se da morte, teve que agir rapidamente para realizar o pedido do duque. Ele resolveu que Eleanor deveria se casar com seu próprio filho e herdeiro, o já coroado rei Luís VII, o Jovem²⁰ (TURNER, 2010, p. 32 - Tradução nossa).

Esta era uma época em que era uma regra, entre os aristocratas, casamentos arranjados pelas famílias, que os consideravam uma chance para obter vantagem política ou pecuniária, não visando ao benefício pessoal ou a felicidade de seus filhos. Leonor percebeu, desde cedo, que o casamento era uma questão para famílias, não para indivíduos, e que ela não poderia desempenhar qualquer papel na escolha de seu marido, mesmo que seu pai tivesse retornado da Espanha em 1136²¹ (TURNER, 2010, p. 36 - Tradução nossa).

No caso do Rei Luís VI, o interesse era aumentar seu poder na França, ao somar os seus domínios aos de Aquitânia. Sendo assim, os preparativos logo se sucederam para que os noivos se encontrassem e o casamento fosse realizado o mais rápido possível.

O noivo real e sua comitiva chegaram a Limoges em 1º de julho de 1137 e, depois de parar lá para orações no santuário de São Marcial, Luís e sua comitiva chegaram a Bordeaux em 11 de julho. Montaram barracas e acamparam às margens do Grande Rio, na entrada da cidade, onde os barcos esperavam para cruzar as águas largas. A entrada em Bordeaux de Luís, o Jovem, coroado rei seis anos antes, marcou a primeira visita do monarca francês em três séculos. O casamento aconteceu no dia 25 de julho na catedral de Saint-André, construída por volta do final do século XI²² (TURNER, 2009, p. 37 - Tradução nossa).

²⁰ Eleanor became Europe's most desirable bride, heiress to the prestigious duchy of Aquitaine and the prosperous county of Poitou with the unexpected death of her father William X in the course of his 1137 pilgrimage to Spain. The father had to unexpectedly leave his heiress to his daughter, and the plans he had made before leaving for Compostela were just in case, but the unforeseen event of his death left young Eleanor vulnerable. With no powerful kinsman to protect his young heiress, he knew she would fall prey to some ambitious prince seeking additional lands through marriage or needing a wealthy bride to provide support for a younger son. In the little time he had left, the dying William decided to place young Eleanor under the care of Louis VI, King of France, and charge him with taking care of her by marrying her. The French king, approaching death, had to act quickly to carry out the duke's request. He resolved that Eleanor should marry his own son and heir, the already crowned King Louis the Younger.

²¹ Eleanor could not have expected to play any part in choosing her husband, even if her father had returned from Spain in 1136. In an era when arranged marriages were the norm among aristocrats, she would have realized early on that marriage was a matter of course, for families, not for individuals. All aristocrats saw their children's marriages as opportunities for their family's political or pecuniary advantage, not for the personal benefit of their children's happiness.

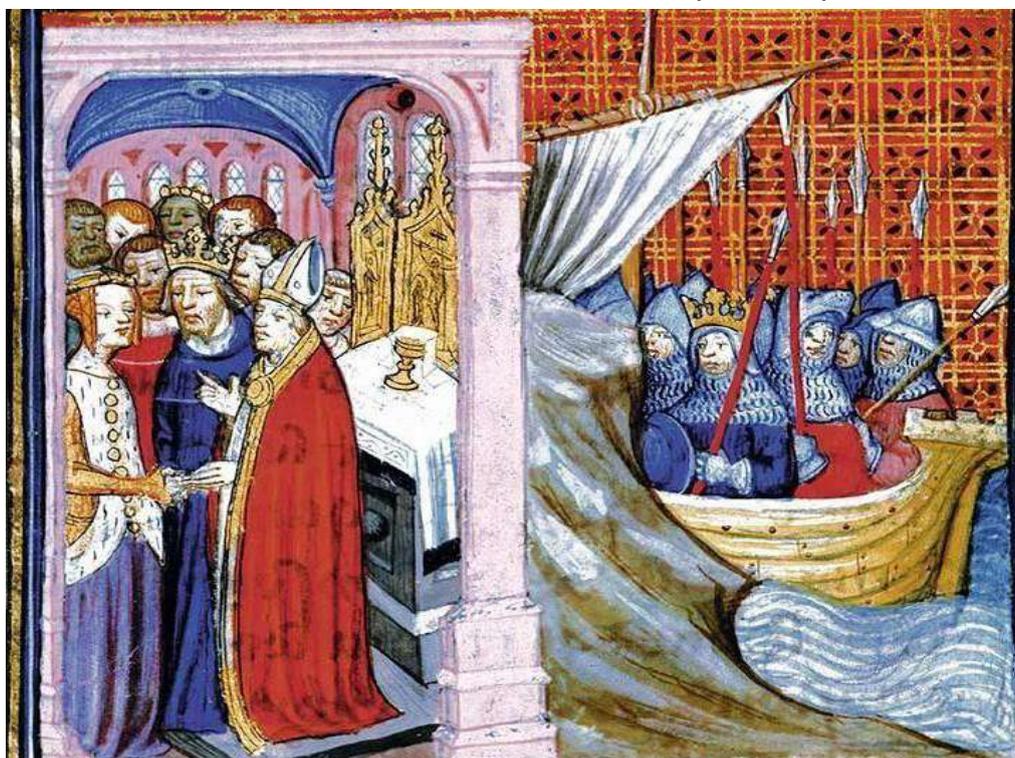
²² The royal bridegroom and his retinue reached Limoges on 1 July 1137 and, after stopping there for prayers at the shrine of Saint Martial, Louis and his retinue reached Bordeaux on 11 July. They set up tents and camped on the banks of the Great River at the entrance to the city, where the boats were waiting to cross the wide waters. The entry into Bordeaux of Louis the Younger, crowned king six years

Leonor de Aquitânia conhecia todos os costumes nobres e fez questão de organizar sua festa de casamento. Weir (2018) assim descreve este momento: “A duquesa Eleanor supervisionou a festa de casamento com facilidade e graça. Ela se certificou de que todos os seus convidados tivessem bastante para comer e beber. Entre as refeições, os artistas apresentaram canções e danças²³ (WEIR, 2008, p.17 - Tradução nossa).

Conforme Koestler-Grack (2005) a energia de Leonor parecia interminável. Ela organizou festas de caça durante o dia e entretenimentos, como cantar e dançar, à noite. Leonor impressionava com sua vitalidade e brilho, ela tinha energia e alegria que contagiavam por onde ela passava.

A Figura 8, que será exibida a seguir, é uma representação do século XV, do casamento de Leonor de Aquitânia e do Rei Luís VII.

Figura 8 – O casamento de Luís e Leonor; à direita, Luís partindo para Cruzada



Fonte: História Medieval (2022)²⁴.

earlier, marked the first visit by the French monarch in three centuries. The wedding took place on the 25th of July in the cathedral of Saint-André, built around the end of the eleventh century.

²³ Duchess Eleanor oversaw the wedding party with ease and grace. She made sure that all her guests had plenty to eat and drink. Between meals, performers performed songs and dances. The extravagant party lasted from mid-morning to late afternoon.

²⁴ Disponível em: <<https://www.historiamedieval.com.br/post/leonor-da-aquit%C3%A2nia>>. Acesso em: 14 fev. 2023.

De acordo com Montesano (2018), o casamento aconteceu na catedral de Saint-André, em Bordeaux, no ano de 1137, no dia 25 de julho, tendo como celebrante o arcebispo de Boudeaux. Esta foi uma união muito importante, uma vez que, por meio dela, Leonor de Aquitânia se tornaria Duquesa, e Luís VII, Duque de Aquitânia. Mas, para que isso acontecesse, foi realizado um acordo para que o ducado de Aquitânia permanecesse independente da França, até que o filho mais velho de Leonor se tornasse o rei da França. Sobre o referido acordo, Montesano (2018, p. 3) aponta que “Assim, suas participações não seriam fundidas com a França até a próxima geração”. O mesmo autor revela que “Como presente de casamento ela (Leonor) deu a Luís VII um vaso de cristal de rocha, atualmente em exposição no Louvre. Louis doou o vaso para a Basílica de St. Denis. Este vaso é o único objeto ligado a Leonor da Aquitânia que ainda sobrevive, e será representado na figura 9, a seguir.

Figura 9 - Vaso de cristal d'Aliénor



Fonte: Wikipédia (2009)²⁵.

Foram dias de festas e comemorações, porém, o mandato de Luís como Conde de Poitou e Duque da Aquitânia e Gasconha durou pouco tempo, pois, alguns dias após seu casamento com Leonor, ele recebeu uma triste notícia a respeito de seu pai, que se encontrava em uma expedição contra um nobre salteador de Saint-Brisson. O que se sabe é que “[...] o Rei Luís VI, havia falecido, próximo, em 1º de agosto, em

²⁵ Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/File:Vase_de_cristal_d'Ali%C3%A9nor.jpg>. Acesso em: 14 fev. 2023.

Béthisy-Saint-Pierre, na França, tendo como suposta causa de sua morte uma disenteria, aparentemente causada por excessos alimentares, uma vez que ele se alimentava de forma excessiva” (WIKIPÉDIA, 2020, p. 2).

Quando o Rei Luís VI faleceu, o Conde Luís VII e a Condessa Leonor de Aquitânia faziam uma excursão pelas províncias. De acordo com Turner (2010):

O intenso calor do verão exigiu seu enterro imediato no mosteiro de Saint-Denis, sem esperar a chegada de Luís, o Jovem, e sua noiva de Poitou. Luís, já coroado e ungido rei após a morte de seu pai Louis VI, teve responsabilidades reais outrora, e a recém-casada Leonor tornou-se rainha. Agora rei Luís VII teve que deixar sua noiva aos cuidados do bispo Geoffroy de Chartres para continuar seu progresso em direção a Paris, enquanto liderava uma força para subjugar os habitantes rebeldes da cidade de Orléans, que haviam se aproveitado da morte do antigo rei para proclamar sua cidade uma comuna, tirando os direitos de autogoverno para si mesmos²⁶ (TURNER, 2010, p. 39 - Tradução nossa).

Como rainha, Leonor de Aquitânia realizou várias mudanças no castelo, transformando suas paredes frias e tristes em um lugar cheio de cor, ornamentado com tecidos e tapeçarias coloridas. Ela reorganizou a rotina dos trabalhadores, para que efetivassem seu trabalho com mais cuidado e zelo, propondo, por exemplo, que lavassem as mãos antes de servi-los. É importante destacar que para o Rei Luís VII o fato de Leonor cuidar e trazer mais vida ao castelo só demonstrava o quanto sua educação fora relevante para que o povo, ao se sentir feliz e rodeado por cuidados, continuasse fiel e satisfeito no reino. Ela ensinava a corte sobre boas maneiras, como se comportar diante do rei, o que os diferenciava dos homens “plebeus”. Sobre esta questão, Duby (2013, p. 246) esclarece que:

O amadurecimento da simbólica amorosa foi rápido, pois os príncipes rivalizavam entre si. Sua glória e boa parte de seu poder dependiam do brilho de sua corte. Eles cuidavam de que ali se pudesse viver agradavelmente, de que o corpo e o espírito ali se revestissem dos mais brilhantes ornamentos. Com esse fim, mantinham os melhores poetas em sua casa. Os príncipes acreditavam-se também responsáveis pela educação dos homens e das mulheres que se reuniam em torno deles. Era uma velha tradição. Na época carolíngia, o palácio do rei era uma escola de boas maneiras. As obras compostas pelos escritores à sua disposição tinham, assim, uma função

²⁶ The intense summer heat required his immediate burial in the Monastery of Saint-Denis without waiting for the arrival of Louis the Younger and his bride from Poitou. Louis, already crowned and anointed king upon his father Louis VI's death, had royal responsibilities once upon a time, and the newly married Leonor became queen. Now, King Louis VII, he had to leave his bride in the care of Bishop Geoffroy of Chartres to continue his progress towards Paris, while he led a force to subdue the rebellious inhabitants of the city of Orléans, who had taken advantage of the former king's death to proclaiming their city a commune, taking away rights of self-government for themselves.

pedagógica. Ensinavam os usos que distinguem o homem bem-educado, o homem de corte, o “cortês”, do “plebeu”, do grosseiro, do rústico. Ensinavam em particular os guerreiros a tratar segundo as conveniências as mulheres das quais se aproximavam no círculo dos príncipes.

Além das mudanças nos ambientes do castelo, Leonor de Aquitânia convidou cavalheiros e damas para as festas, atitude que a mãe de Luís, a Rainha Adelaide, reprovou, achando-tal medida estravagante e causadora de gastos desnecessários, o que a fez mudar-se do Castelo para uma propriedade rural mais calma. Mesmo parecendo exageros aos olhos de sua sogra, Leonor trazia consigo as memórias da educação que recebera de seu pai e da cultura que conhecia em Aquitânia. Isso demonstra o cuidado dela em permanecer vinculada às raízes e herança de sua família, o que nos conduz ao entendimento de que ela repassaria estes laços para os seus filhos.

Discorrendo sobre o Rei Luís VII, Koestler-Grack (2005) indica que este era um monarca pacato e tranquilo, que passava a maior parte do seu tempo rezando. Leonor de Aquitânia tentava fazer com que ele mudasse sua imagem para a de um homem forte e corajoso, pois ela sonhava em ter um guerreiro ao seu lado. Apesar dos esforços dele, indo a algumas batalhas para provar a ela que poderia ser forte, isto não foi suficiente. Com tantas exigências para que ele mudasse de personalidade, o rei acabou se tornando um governante duro e frio, que punia severamente quem não o obedecesse.

De acordo com Turner (2010), não demorou para Leonor notar as discrepâncias entre a vida no seu ducado e a de seu novo lar.

A jovem rainha observou rapidamente que a vida cultural no norte da França era muito mais dominada pela Igreja do que em sua pátria. As principais personalidades políticas e a vida intelectual das terras de Luís VII vieram de origens monásticas. Na corte real, o abade Suger de Saint-Denis foi uma figura dominante tanto como ideólogo quanto como político. O rei em sua juventude e inexperiência apoiou-se fortemente em Suger, amigo de seu pai e ministro-chefe, e o abade ficou ao lado dele quase como uma figura paterna²⁷ (TURNER, 2010, p. 41 - Tradução nossa).

²⁷ The young queen quickly observed that cultural life in northern France was much more dominated by the Church than in her homeland. The leading political figures and intellectual life of Louis VII's lands came from monastic backgrounds. At the royal court, Abbé Suger de Saint-Denis was a dominant figure both as an ideologue and as a politician. The king in his youth and inexperience leaned heavily on Suger, his father's friend and chief minister, and the abbot stood by him almost as a father figure.

Em consonância com as pesquisas de Turner (2009), por não ter suas raízes na França e devido à sua criação, Leonor de Aquitânia não foi fiel aos padrões cristãos de uma rainha. Quando pequena, ela foi criada para governar e esperava fazer isso, contudo, a realidade que encontrou foi diferente do que sonhou, ou do que foi educada para viver.

Na França, as mulheres não exerciam domínio ou poder sobre as decisões, pois o governo era um espaço fechado para as mulheres. A herança era deixada para os homens, filhos mais velhos, e a mulher pouco tinha de direitos. No entanto, Leonor esperava que, por ser herdeira de um território de consideráveis terras, essa herança lhe permitiria maior liberdade e poder.

[...] a consciência de Eleanor de damas fortes entre seus ancestrais [...] a levou a esperar ser a principal conselheira de seu marido, em parte porque ela calculou rapidamente com quem havia se casado, já que ela era a personalidade mais forte, apesar de sua juventude. No entanto, Leonor nunca desfrutaria da participação no governo real que sua sogra havia desfrutado. Documentos oficiais quase nada dizem sobre as atividades de Eleanor ou sua influência sobre Luís VII, raramente associando seu nome ao dele. Os documentos com maior probabilidade de sobreviver de seu reinado são florais que concedem privilégios a casas religiosas que os monges tiveram o cuidado de salvar. Durante os anos de Eleanor como consorte de Luís, o nome da rainha estava desaparecendo dos documentos reais²⁸ (TURNER, 2009, p. 43 - Tradução nossa).

Entretanto, Turner (2009) revela que Leonor de Aquitânia, de certa forma, exerceu, sim, algum poder sobre o Rei Luís VII, mas, isso ocorria de forma pessoal e indireta, por meio das conversas, quando estava sozinha com seu marido, e então ele permitia que ela expressasse suas opiniões sobre as decisões dele, ou falasse sobre o que ela gostaria de fazer. O autor afirma que a rainha era considerada muito inteligente, pois conseguia fazer com que o monarca aceitasse o que ela lhe pedia, principalmente, no que dizia respeito aos assuntos relacionados a Aquitânia. De fato, ele enfrentava dificuldades para governá-la, tendo visitado aquelas terras poucas vezes, limitando-se à região na qual Leonor havia morado.

²⁸ Louis the Younger's experience of his mother's active partnership with Louis VI in ruling led him to assume that his bride would share his work of ruling the French realm, and Eleanor's awareness of strong ladies among her ancestors also caused her to expect being her husband's main adviser, in part because she had quickly calculated who she had married as she was the stronger personality, despite her youth. Yet Leonor would never enjoy the share in the royal government that her mother-in-law had enjoyed. Official documents say almost nothing about Eleanor's activities or her influence on Louis VII, rarely associating her name with his. The documents most likely to survive from his reign are florals granting privileges to religious houses that the monks were careful to save. During Eleanor's years as consort of Louis, the Queen's name was disappearing from royal documents.

Leonor esperava desempenhar um papel significativo no governo da Aquitânia, e Luís, ao governar seu ducado, precisava associá-la a ele, já que sua autoridade ali derivava inteiramente de sua posição como marido da legítima duquesa. Louis considerou essencial identificar-se com a linhagem dos antepassados masculinos de Leonor, confirmando as suas ações como um sinal de que se tornaram os seus antecessores com o título ducal, bem como os antepassados dela. Documentos da Aquitânia mostrando Louis agindo sozinho sem a participação de sua rainha deixam claro os limites de seu poder, no entanto; pois a maioria deles diz respeito a assuntos sérios, resolução de disputas ou ameaças de ação contra nobres indisciplinados. A maioria das cartas de Eleanor para a Aquitânia mostra sua decisão ao lado de seu marido, revelando sua esfera relativamente limitada de autoridade sob seu ducado²⁹ (TURNER, 2009, p. 46 - Tradução nossa).

A evidência mais clara da influência de Leonor de Aquitânia sobre o Rei Luís VII, segundo Turner (2009), é o seu apoio persistente para o casamento de sua irmã com o conde de Vermandois. O resultado principal desta estratégia foi o de complicar seus problemas com o conde de Blois-Champagne e a Igreja, que já eram bastante difíceis.

Depois de muitas crises, por volta de 1144, o Rei Luís VII foi retornando à piedade e à sobriedade de sua juventude, voltando seus pensamentos para uma peregrinação a Jerusalém. A influência de Leonor estava em declínio, ela “[...] havia envelhecido alguns anos [...] esteve rainha da França por sete anos. Desde que chegou a Paris como noiva de Luís, o Jovem, em 1137, conseguiu superar todos os rivais para garantir sua posição como parceira de seu marido no governo ³⁰ (TURNER, 2009, p. 53 - Tradução nossa). Entretanto, segundo a mesma fonte, ela não estava conseguindo espaço e seu casamento não andava bem, e embora o Rei Luís VII amasse sua esposa, ela não tinha tido filhos homens, somente filhas, o que pesava nas questões da herança do reinado (TURNER, 2009).

²⁹ Eleanor expected to play a significant role in the government of Aquitaine, and Louis in governing his duchy needed to associate her with him, as his authority there derived entirely from his position as husband to the rightful duchess. Louis found it essential to identify with the lineage of Leonor's male ancestors, confirming their actions as a sign that they had become his predecessors bearing the ducal title as well as her ancestors. Documents from Aquitaine showing Louis acting alone without his queen's participation make clear the limits of his power, however; for most of them concern serious matters, the settlement of disputes, or threats of action against undisciplined nobles. Most of Eleanor's charters to Aquitaine show her ruling alongside her husband, revealing her relatively limited sphere of authority under her dukedom.

³⁰ Eleanor of Aquitaine, who had aged a few years in 1144, was queen of France for seven years. Since arriving in Paris as the bride of Louis the Younger in 1137, she has managed to outrun all rivals to secure her position as her husband's partner in government.

Leonor não conseguia mais disfarçar a sua infelicidade no casamento, que a colocava constantemente na posição de submissa. Ela compartilhava seus anseios na corte de Raymond o que provocava muito ciúme no Rei Luís, pois ele esperava uma esposa que o obedecesse, que ficasse escondida nos bastidores, sem fazer qualquer tipo de afronta ou questionamento sobre as decisões que ele tomava em público. Leonor pediu que ele fosse a Jerusalém, para sua peregrinação, e ela ficaria em Antioquia para começar o processo de divórcio. O registro mais antigo para comprovar tal informação é de autoria de John Salisbúria (TURNER, 2009).

Quando ela chegou a Antioquia, ela decidiu que não poderia mais suportar ser casada com o rei francês. Possivelmente instigada por seu tio, o príncipe Raymond de Antioquia, ela questionou abertamente a tomada de decisão de Luís e declarou seu desejo de se separar dele, levantando a questão de seu parentesco em graus proibidos. Ela não desistiria do seu objetivo de terminar o casamento, nem mesmo depois da dispensa do papa do impedimento do casal em consanguinidade. Sua infelicidade não a faria desistir e retornar para Paris³¹ (TURNER, 2009, p. 81 - Tradução nossa).

Vários parentes do Rei Luís VII queriam essa separação, pois não aprovavam a conduta da rainha em seu reinado, acreditando que ela não era digna da coroa que havia recebido, ao se casar com o rei, talvez por ela não ter lhe dado filhos homens, ou até mesmo, devido à sua postura quanto às viagens e a abertura do castelo para festas abundantes, bem como, à veiculação de muita fofoca envolvendo o nome dela.

Turner (2009) atesta que Leonor foi uma das primeiras monarcas capetianas³² a alcançar a idade de 30 anos - sendo que quinze deles foi em um casamento real – sem dar à luz a nenhum filho homem. Com o passar do tempo, esse fato preocupou o Rei Luís VII, que não tinha nenhum herdeiro para quem deixar seu trono, tendo apenas duas filhas. Elaboramos um organograma genealógico representando a família de Leonor de Aquitânia com o Rei Luís VII, que será apresentado na Figura 10.

³¹ When she arrived in Antioch, she decided she could no longer bear to be married to the French king. Possibly egged on by her uncle, Prince Raymond of Antioch, she openly questioned Louis' decision-making and declared her desire to separate from him, raising the question of their kinship in forbidden degrees. She would not give up her goal of ending the marriage, not even after the pope's dispensation from consanguinity. Her unhappiness would not dissipate and return to Paris.

³² Rainhas descendentes do Rei Hugo Capeto da França.

Mesmo de volta às suas terras, Leonor de Aquitânia não teria paz, visto que, devido ao à sua posição e ao território sobre o seu domínio, que era muito cobiçado, ela estava sujeita a vários perigos, inclusive a sequestros.

Na Subseção 3.3, analisamos a participação de Leonor de Aquitânia na Segunda Cruzada, destacando as prováveis motivações que a levaram a acompanhar seu marido, o Rei Luís VII, naquela perigosa empreitada.

3.3 LEONOR DE AQUITÂNIA: UMA RAINHA NA SEGUNDA CRUZADA

Discorrendo sobre as Cruzadas, Júnior (2001) explicita que elas foram necessárias, devido à apropriação dos excedentes, que incitavam desavenças entre os camponeses e senhores. Esta situação gerava excesso de cobranças de novas taxas no comércio dos produtos, o que ocasionava fugas, roubos e sonegação. Existiam tensões entre os que eram laicos e clérigos, pois, estes possuíam as riquezas produzidas pelos trabalhadores. Conforme Júnior (2001, p. 126), “Nesse contexto social, e exteriorizando as necessidades espirituais mais profundas da época — fatores naturalmente interligados — é que se organizaram as Cruzadas”. O mesmo autor argumenta que haviam dois novos grupos que consideravam as Cruzadas como a solução para os seus problemas, sendo que:

O primeiro deles era o dos nobres sem terra, isto é, filhos secundogênitos em número cada vez maior, produto do crescimento demográfico. O direito feudal excluía-os da herança de bens imobiliários para que a terra não fosse dividida e não se comprometessem as relações contratuais senhor-vassalo. Até então muitos daqueles secundogênitos tomavam a batina (numa mobilidade social horizontal), recebendo assim terras da Igreja. Mas tal processo revelava seus limites frente ao acentuado incremento populacional. O segundo era o dos servos desenraizados, produto da continuada fragmentação dos mansos. Não estando protegida por uma norma como a que garantia a indivisibilidade dos feudos, a terra dos camponeses era repartida entre seus filhos. Quando estes passaram a ser mais numerosos, a porção que cabia a cada um deles tornou-se insuficiente para seu sustento, para a formação de sua própria família (JÚNIOR, 2001, p. 126).

Em meio a esta tensão e à falta de ter o que comer, alguns trabalhadores abandonavam a terra, começavam atividades artesanais e mercantis, ofícios que estavam em progresso naquele período. Uma parte deles não conseguia progresso, acabava roubando e vivendo miseravelmente. Inicialmente, os senhores não se

importavam com tal situação, porque muitas pessoas ainda estavam trabalhando. Porém, segundo Júnior (2001):

As Cruzadas pretendiam combater tal situação ao abrir uma válvula de escape que aliviasse as tensões sociais. Tentavam promover o reenquadramento da sociedade no modelo clerical. Buscavam, coroando a Reforma Gregoriana, colocar toda a sociedade cristã sob controle do papado. Revelaram-se, porém, apenas outra idealização. Elas aceleraram a dinâmica social e trouxeram à tona (ou facilitaram) novos problemas. Em primeiro lugar, os que afetaram a Igreja, que jogara todo seu prestígio na justificação ideológica e na organização do movimento. O fracasso das Cruzadas ofuscou muito da autoridade moral do clero. Seu poder de intermediação com a Divindade começou a ser colocado em xeque: por que Deus permitira a derrota cristã? (JÚNIOR, 2001, p. 127).

O fracasso das Cruzadas afetou as relações da igreja com o povo, pois ela apostara que aquela seria mais uma forma de poder. As heresias e expressões contrárias ao feudo-clerical aumentaram nos séculos XII e XIII, marcando o momento de perda de poder da igreja, em seu próprio movimento nas Cruzadas, uma vez que, em consonância com Júnior (2001), os homens que iam para as batalhas só aceitavam os representantes papais que não tinham poder para decidir nada.

É relevante discorrer sobre o que aconteceu em Dante, no século XIV, quando várias famílias, ao entrarem nas Cruzadas, perderam o seu patrimônio e os seus herdeiros, além de sofrerem a decadência de sua linhagem. A respeito disto, Júnior (2001, p. 128) explicita que:

A decadência aristocrática teve como contrapartida a emergência de novos grupos sociais. Saídos todos eles da crise feudo-clerical, foram elementos dissolventes daquela sociedade, cuja crise então se acelerava. Foi esse o caso de um campesinato livre, que, se nunca tinha desaparecido, fora bastante reduzido pelo processo de feudo senhorialização, mas que desde o século XII crescia com as dificuldades da aristocracia, obrigada a aceitar a quebra dos laços de servidão.

Nesse período, alguns grupos cresceram, pois compravam a sua liberdade, como uma espécie de troca, uma vez que os senhores também dependiam de dinheiro para sustentarem suas famílias. Outro fato que marcou este momento foi o crescimento das cidades, que aumentavam, devido às fugas dos servos para as áreas urbanas, aproveitando a ausência de seus senhores, que estavam nas Cruzadas.

A Segunda Cruzada (1147-1149) foi uma campanha militar, organizada pelo Papa e nobres europeus, para retomar a cidade de Edessa na Mesopotâmia que havia caído em 1144 para os turcos muçulmanos seljúcidas. Apesar de um exército de 60.000 homens e a presença de dois reis ocidentais, a

Cruzada não teve sucesso no Levante e conseguiu produzir tensões entre o Império Bizantino e o ocidente. A Segunda Cruzada também incluiu campanhas significativas na Península Ibérica e no Báltico contra mouros muçulmanos e pagãos europeus [...]. [...] as campanhas secundárias foram amplamente bem-sucedidas, porém o objetivo principal, libertar o Oriente Latino da ameaça de ocupação muçulmana, iria ficar sem se realizar e por isso, [...] nos próximos dois séculos, outras Cruzadas seriam convocadas e todas com sucessos marginais (CARTWRIGHT, 2018, p. 1).

A seguir, na Figura 11, há uma representação de Leonor e Luís VII, em Saint-Denis, em uma abadia, na qual o rei da França recebe do papa Eugénio III o estandarte dos reis franceses durante a guerra, antes de partir para a Cruzada de 1147. Leonor está ajoelhada.

Figura 11 - Leonor e Luís VII em Saint-Denis - Pintura de J.B. Mauzaisse



Fonte: Montesano (2018)³⁴.

Segundo Cartwright (2018), estavam à frente da Segunda Cruzada o Rei Germânico Conrado III (1138-1152) e o Rei Luís VII, da França, sendo importante destacar que ambos estavam liderando uma batalha pela primeira vez. As tropas foram para Constantinopla, através da Europa, no verão de 1147. O Papa Eugénio III (1145-1153) foi quem as convocou, mas o que ele pretendia ainda era obscuro, embora ele tivesse prometido aos fiéis o perdão de seus pecados, mesmo após a morte, caso esta acontecesse nas Cruzadas. Ele jurou, também, cuidar das terras e famílias, até quando os seus senhores voltassem.

³⁴ Disponível em: <<https://www.nationalgeographic.pt/historia/leonor-aquitania-a-soberana-dois-reinos>>. Acesso em: 5 mar. 2023.

O Rei Conrado III não planejou direito a expedição, por isso sofreu com a falta de comida e materiais. Ele foi alertado pelos bizantinos, mas, mesmo assim, prosseguiu com seu exército. Porém, na primeira investida, sofreu as consequências, pagando com as mortes de muitos homens.

Luiz VII ficou chocado ao ouvir do fracasso germânico, porém se apressou, avançou e manobrou para derrotar o exército dos seljúcidas em dezembro de 1147, utilizando sua cavalaria muito superior aos turcos. O sucesso teve vida curta, pois a partir de 7 de janeiro de 1148 os franceses foram derrotados em uma batalha quando atravessavam as Montanhas Cadmus. O exército cruzado ficou muito distendido, unidades perdendo contato umas com as outras e os seljúcidas assumindo completa vantagem (CARTWRIGHT, 2018, p. 2).

Na Figura 12, apresentamos a reprodução de uma pintura do século XV, de Jean Fouquet, retratando os Segundos Cruzados (1147-1149 dC), liderados por Luís VII e Conrado III, no momento em que as tropas chegam a Constantinopla.

Figura 12 – Os Segundos Cruzados em Constantinopla



Fonte: Cartwright (2018)³⁵.

Um dos maiores desafios da Rainha Leonor foi acompanhar o Rei Luís VII na Segunda Cruzada. Segundo Turner (2009), eles partiram do Leste da Europa rumo à Capital Bizantina e, ao longo do caminho, a rainha passou por várias adversidades, buscando concretizar sua intenção que era fazer com que o Rei Luís VII fosse aclamado como aquele que iniciou a Segunda Cruzada.

³⁵ Disponível em: <<https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-16759/segunda-cruzada/>>. Acesso em: 5 mar. 2023.

Provavelmente ela esperava alguma recompensa por sua peregrinação, não apenas no céu, mas no presente. Embora ela tivesse dado à luz duas filhas, ela deve ter se preocupado que seu casamento não tivesse produzido mais filhos e, acima de tudo, que ela não deu à luz um herdeiro homem. Provavelmente a rainha francesa esperava que, submetendo-se aos perigos de uma longa peregrinação, pudesse merecer a recompensa de ter um filho. No entanto, ela provavelmente subestimou o desconforto e o perigo de uma jornada tão longa através do território inimigo, e ela teria antecipado ansiosamente uma radical mudança em sua vida, rompendo com o tédio da corte real francesa para experimentar a aventura e excitação de uma viagem para distantes e exóticas terras³⁶ (TURNER, 2009, p. 57 - Tradução nossa).

Turner (2009) revela que a quantidade de mulheres que seguiam nas cruzadas era considerável, visto que elas precisavam cozinhar, cuidar dos feridos, lavar as roupas, além de executar serviços de cunho íntimo e sexual. Nos combates, elas ajudavam carregando água e confortando os feridos. Leonor levava consigo seu grupo de ajudantes mulheres, e apesar de as crônicas e lendas contarem que ela contou com um grupo de amazonas, isso não foi comprovado. Contudo, esse fato é muito relatado, quando se lê sobre Leonor.

A cruzada de Luís VII terminou em fracasso e, durante a longa aventura do casal real, a deficiência do rei como líder em assuntos militares e diplomáticos ficaram claras para todos, especialmente para Leonor. A Segunda Cruzada foi cara para a França. Impostos especiais cobrados antes da partida para as cruzadas poderia não cobrir os custos de Luís, e diversas vezes durante a longa jornada para a Terra Santa, ele teve que pedir ao abade Suger para levantar mais dinheiro. Uma vez em Jerusalém, Luís teve que pedir dinheiro emprestado aos Cavaleiros Templários e Hospitalários enquanto esperava por fundos da França³⁷ (TURNER, 2009, p. 77 - Tradução nossa).

De acordo com os estudos de Turner (2009), a Segunda Cruzada foi um fiasco e Leonor perdeu o respeito por seu marido, o que a levou a querer se separar dele,

³⁶ Probably she expected some reward for her pilgrimage, not only in heaven, but in the present. Although she had borne two daughters, she must have been concerned that her marriage had not produced more children and, above all, that she had not borne a male heir. Probably the French queen hoped that, by submitting herself to the dangers of a long pilgrimage, she might deserve the reward of bearing a child. However, she probably underestimated the discomfort and danger of such a long journey through enemy territory, and she would have eagerly anticipated a radical change in her life, breaking from the tedium of the French royal court to experience the adventure and excitement of travel to distant and exotic lands.

³⁷ Louis VII's crusade ended in failure, and during the royal couple's long adventure, his shortcomings as a leader in military and diplomatic affairs became clear to everyone, especially Eleanor. The Second Crusade was costly for France. Special pre-departure taxes for crusades could not cover Louis's costs, and several times during the long journey to the Holy Land he had to ask Abbot Suger to raise more money. Once in Jerusalem, Louis had to borrow money from the Knights Templar and Hospitaller while waiting for funds from France.

o mais rápido possível. Por vários momentos, ela questionou as decisões do rei, desafiando-o, demonstrando para todos a insatisfação com o seu casamento.

Vincent (2006) aponta que, quando a Rainha Leonor soube das cruzadas, ela decidiu que iria acompanhar o Rei Luís VII, considerando essa empreitada como uma grande aventura. Por muito tempo, historiadores a condenavam por essa postura, afinal, sua comitiva era luxuosa e cheia de bagagens, contendo suas roupas e seus adereços. As tropas consideravam Leonor mais líder do que seu marido, então, ela dava ordens aos soldados, sem o consentimento do rei. Este fato fez com que, em um dos trechos da viagem, parte da comitiva não parasse para descanso, seguindo às ordens da rainha, o que fragilizou a tropa, permitindo que eles fossem atacados. O rei só sobreviveu por que estava vestido de Clérigo e se escondeu.

Leonor de Aquitânia, com 28 anos, estava livre e divorciada em 1152 e, por um tempo, segundo Turner (2009), ela acreditou que poderia escolher seu destino. Contudo, logo a ex-rainha percebeu que não poderia ficar solteira por muito tempo, pois havia o risco de ela ser sequestrada e forçada a um novo casamento, por algum nobre ansioso para pôr as mãos em sua herança. Ela precisava agir rapidamente para arranjar um marido de sua própria escolha e o escolhido por Leonor foi Henrique II Plantageneta, Duque da Normandia e Conde de Anjou que, mais tarde, foi coroado rei da Inglaterra, após a morte de seu pai, o Rei Godofredo. Sobre este evento tratamos na próxima Subseção.

3.4 LEONOR DE AQUITÂNIA, RAINHA DA COROA DA INGLATERRA

Sabendo das poucas opções para se casar, Leonor escolheu seu novo marido, para que assim não fosse forçada a se casar com qualquer pessoa, na tentativa de se manter herdeira de sua Aquitânia. De acordo com Turner (2009), esta opção em seu tempo era inválida, pois as mulheres não podiam ser responsáveis por suas escolhas. Entretanto, ela agiu por vontade própria, sem consultar parentes ou conselheiros, pois temia ser sequestrada, o que quase ocorreu algumas vezes.

Ela escapou por pouco durante sua viagem a Beaugency; primeiro ao conde de Blois e Chartres, Theobald V, que mais tarde se tornou marido de sua filha mais nova, que tentou levá-la quando ela passou por Blois. Então ela teve que fugir e quase sofreu outro ataque, ela seria sequestrada por Geoffrey Plantagenet, o irmão mais novo de Henry, com dezesseis anos. Ele planejou capturá-la em Port-de-Piles, na fronteira de Touraine e Poitou, mas "advertida

por seus anjos" em Tours, ela tomou um caminho diferente para seu próprio país. Assim que Eleanor estava segura em Poitiers, ela escreveu a Henry dizendo que estava livre para se casar³⁸ (TURNER, 2009, p. 87 - Tradução nossa).

O que se seguiu foi o desenrolar de um enlace matrimonial que duraria mais de quarenta anos, com muitos envolvimento políticos e diplomáticos. Desta vez, Leonor se casou com Henrique II Plantageneta, Duque da Normandia e Conde de Anjou que, mais tarde, foi coroado rei da Inglaterra, ao lado de sua amada esposa, que entrou para a história como a única mulher a conquistar duas coroas, a Francesa e a Inglesa, em um mesmo século.

Por seu pai, Henrique descendia dos condes angevinos. Do lado materno, como era o caso de quase todos os nobres, podia invocar mais gloriosos ancestrais. Neta de Guilherme, o Conquistador, sua mãe era a herdeira dos duques da Normandia, o sangue de Rollon corria em suas veias, e foi alegando direitos que ela possuía, reclamando a herança de seu avô, o rei Henrique I, de quem herdou o nome, que Henrique Plantageneta reivindicara a coroa da Inglaterra e se apoderara dela em 1155, erigindo-se doravante em sucessor do rei Artur da lenda (DUBY.2013, p.109).

Em consonância com Vincent (2020), Leonor se casou com Henrique II, que era mais de 10 anos mais jovem que ela, em dezoito de maio de 1152. Ele se tornou responsável pelo Ducado de Aquitânia, que antes era governado por seu primeiro marido, o Rei Luís VII.

O casamento de Eleanor e Henry ocorreu na catedral de Poitiers em uma cerimônia organizada em 1152. Os preparativos para o casamento foram feitos em segredo por medo de tentativas de sequestro, foi uma cerimônia simples com apenas poucos íntimos presentes. [...] Não há dúvida sobre a vantagem que o casamento iria trazer para Henrique, era sua consideração e desejo dominantes por Eleanor. Mais do que o prestígio do título de duque da Aquitânia, Eleanor era uma noiva atraente para o jovem conde-duque³⁹ (TURNER, 2009, p. 88 - Tradução nossa).

³⁸ She was in danger of being kidnapped and forced into remarriage by some nobleman eager to acquire his inheritance. The former queen knew that she could not remain unmarried for long and that, unless she moved quickly to find a husband of her own choosing, she would soon find that she would be unwillingly marrying a stranger. She had two narrow escapes during her trip to Beaugency; first to the Count of Blois and Chartres, Theobald V, later to become the husband of his youngest daughter, who tried to take her as she passed through Blois. So she had to flee and almost suffered another attack, she would be kidnapped by Geoffrey Plantagenet, Henry's sixteen years younger brother. He planned to capture her at Port-de-Piles, on the border of Touraine and Poitou, but "warned by his angels" at Tours, she took a different route to her own country. Once Eleanor was safe in Poitiers, she wrote to Henry that she was free to marry.

³⁹ Eleanor and Henry's wedding took place in Poitiers Cathedral in a ceremony arranged in 1152. Preparations for the wedding were done in secret for fear of kidnapping attempts, it was a simple ceremony with only a few intimates present. [...] There is no doubt of the advantage which the marriage

Era evidente a satisfação de Leonor com o Rei Henrique II, afinal ele era mais alegre, educado, viril, parceiro, mantendo-se em constante movimento no reinado, caçando e lutando contra os inimigos que se rebelavam. Além disso, ele autorizou pensadores e escritores em sua corte, o que permitiu que a vida de Leonor ficasse mais alegre e interessante, e o seu governo alcançasse uma reputação, como um farol para os demais reinos.

Eleanor cresceu na corte de Poitevin que deu origem à poesia trovadoresca, e ela certamente ouviu, leu e incentivou a literatura da corte. Ao contrário da primeira corte de seu marido em Paris, a corte real de Henrique II atraiu cantores de chanson, tocadores de viola, gaiteiros e outros músicos; e entre esses animadores estavam poetas e compositores. Sem dúvida, as partituras eram encomendadas como propaganda em louvor ao monarca e sua rainha ou para comemorar eventos especiais, como celebrações de vitórias ou nascimentos e casamentos de descendentes reais, e uma vez cantadas eram logo esquecidas⁴⁰ (TURNER, 2010, p. 143 -Tradução nossa).

É preciso levar em conta que, como rei da Inglaterra, o Rei Henrique II estava ansioso para encorajar autores a escreverem sobre assuntos variados, mas, sem dúvida, esperando que suas obras o retratassem, favoravelmente, como um monarca poderoso.

Pierre de Blois⁴¹ (1130-1211), que um clérigo, teólogo, poeta e diplomata francês conhecido, principalmente, por suas cartas escritas em latim, era muito próximo de Henrique II. Ele fez a seguinte descrição do monarca:

[...] o senhor rei sempre teve os cabelos vermelhos, exceto quando ficou mais velho e seus cabelos ficaram grisalhos. Sua altura é mediana, portanto não parece alto entre os baixos e nem baixo dentre os altos... as pernas são curvadas, canelas de um cavaleiro, peito largo e braços de boxeador, tudo indica que esse é um homem forte, ágil e corajoso... ele nunca senta, apenas quando está cavalgando ou comendo... Num dia apenas, se necessário, ele consegue aguentar uma marcha de quatro ou cinco dias, frequentemente frustrando seus inimigos e zombando deles com suas aparições repentinas

would bring to Henry, it was his dominant regard and desire for Eleanor. More than the prestige of the title of Duke of Aquitaine made Eleanor an attractive bride for the young count-duke.

⁴⁰ Eleanor grew up in the Poitevin court that gave rise to troubadour poetry, and she certainly heard, read, and encouraged courtly literature. Unlike her husband's first court in Paris, Henry II's royal court attracted chanson singers, viola players, pipers and other musicians; and among these animators were poets and composers. No doubt, song scores were commissioned as propaganda in praise of the monarch and his queen or to commemorate special events, such as victory celebrations or births and marriages of royal descendants, and once sung they were soon forgotten.

⁴¹ Em defesa do rei Henrique II da Inglaterra, escreveu contra Thomas Becket. Foi secretário do polêmico arcebispo de Cantuária, Balduino de Forde e, depois, de Leonor da Aquitânia. Pregou ativamente a Terceira Cruzada e chegou a viajar à Terra Santa.

... Nas suas mãos estão sempre, o arco, a espada, a lança e flechas, a menos que ele esteja num conselho ou entre os livros (WIKILIVROS, 2017)⁴²

Na Figura 13, apresentamos uma representação de Henrique II, que foi rei da Inglaterra, no período de 1154 a 1189.

Figura 13 – Rei Henrique II, da Inglaterra



Fonte: GullenRoots (2021)⁴³.

Quanto a Leonor, ela esperava que o Rei Henrique II aceitasse sua parceria, no que diz respeito à tomada de decisões e ao firmamento de acordos. No início, isto aconteceu com frequência, porém, por pouco tempo, pois, de acordo com os apontamentos de Turner (2009):

Eleanor da Aquitânia em seus primeiros anos como rainha de Henrique II encontrou uma parceria com ele, seu segundo marido, pois o primeiro casamento com Luís VII, a iludiu. Henrique Plantageneta, senhor de Anjou e Normandia, bem como duque no ducado da Aquitânia de Eleanor, passariam ainda mais tempo fora da Inglaterra do que seus predecessores anglo-normandos, menos de treze a trinta e cinco anos de reinado⁴⁴ (TURNER, 2009, p. 127 - Tradução nossa).

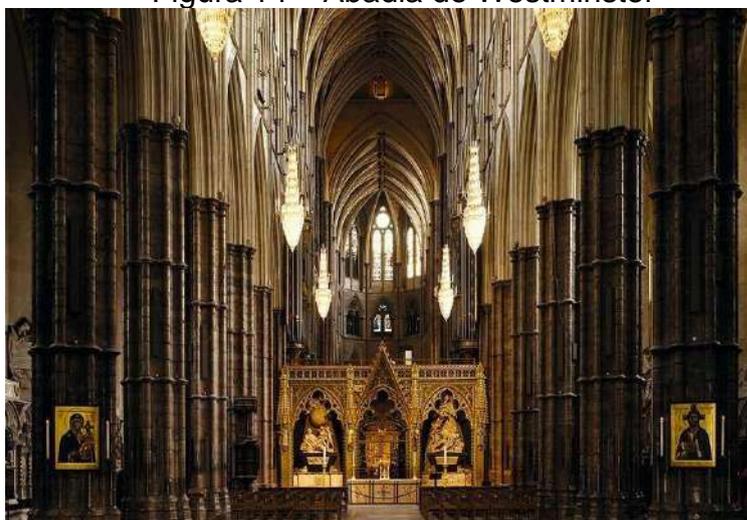
⁴² Disponível em: <https://pt.wikibooks.org/wiki/Reis_e_Rainhas_da_Inglaterra_/Os_Plantagenetas>. Acesso em: 12 mai. 2023.

⁴³ Disponível em: <<https://gullenroots.com/f/lines-of-descent-from-henry-ii-king-of-england>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

⁴⁴ Eleanor of Aquitaine in her early years as queen of Henry II found a partnership with him, her second husband, as her first marriage to Louis VII had eluded her. Henry Plantagenet, lord of Anjou and Normandy, as well as duke in Eleanor's duchy of Aquitaine, would spend even more time away from England than his Anglo-Norman predecessors, less than thirteen to thirty-five years of reign.

Conforme o mesmo autor, antes de sua coroação como rainha da Inglaterra, Leonor conseguiu governar sua Aquitânia, algo que em seu casamento anterior teve dificuldades para fazê-lo. Em 19 de dezembro de 1154, Henrique (com o título de Henrique II) e Leonor foram coroados Rei e Rainha, na Abadia de Westminster, que está localizada em Londres. Na Figura 14, será exibida uma ilustração do local da coroação.

Figura 14 – Abadia de Westminster



Fonte: Montesano (2018)⁴⁵.

Turner (2009) indica que depois de ser coroada, Leonor de Aquitânia passou por um período de distanciamento do seu ducado, pois, neste período, conforme Vincent (2020), a monarca se tornou mãe de cinco filhos, sendo que apenas quatro deles sobreviveram à idade adulta. “Uma vez que ela se tornou a rainha da Inglaterra, ela se manteve ocupada em seu novo reino atuando com o Rei Henrique II regente e tendo seus filhos, enquanto ele estava frequentemente do outro lado do mar” (VINCENT, 2020). Com o passar do tempo, a ausência do monarca era cada vez mais constante, então, quando nasceu o primeiro filho do casal, em 1153, quinze meses depois do casamento deles, Leonor quebrou mais uma tradição:

Na ausência de Henry, ela poderia escolher o nome de batismo do herdeiro recém-nascido. Leonor selecionou o nome William que era o de um de seus ancestrais ducais, que o adotou em sua sucessão, se não fosse seu nome de nascimento. Embora os filhos primogênitos em famílias aristocráticas frequentemente recebiam o nome de seu avô paterno, William era um nome

⁴⁵ Disponível em: <https://www.nationalgeographic.pt/historia/leonor-aquitania-a-soberana-dois-reinos_1676>. Acesso em: 15 mar. 2023.

mais prestigioso do que Geoffrey, o nome do pai de Henry⁴⁶ (TURNER, 2009, p. 94 - Tradução nossa).

O mesmo autor declara que a relação conjugal entre o casal real não era cheia de amor, pois a infidelidade dele, traindo-a com empregadas e subalternas, incomodava bastante a rainha que, mesmo sabendo, desde pequena, que isso era algo aparentemente normal entre os homens aristocráticos, e que suas mulheres não deveriam dar importância, ela se sentia furiosa com “[...] os casos extraconjugais de Henry antes de seu retorno a Poitou e nos anos seguintes, [...] ela não podia evitar o sentimento de orgulho ferido”⁴⁷ (TURNER, 2009, p. 161 - Tradução nossa).

Eleonor se mudava constantemente de um castelo para outro, na Inglaterra, pois, naquele período, ela tinha que acompanhar o Rei Henrique II em viagens às suas posses, na França, e para o seu Ducado. O deslocamento era doloroso, uma vez que, quando chovia, as estradas ficavam enlameadas, o percurso nas trilhas era desconfortável e cruzar o Canal da Mancha era perigoso.

De fato, os problemas entre o casal real começaram quando Henrique II demonstrou interesse nos assuntos dos Poitevins, apesar de ele ter lhe concedido o poder de governo, da mesma forma que ocorreu com o seu antigo marido, o Rei Luís VII. Para Leonor isso não pareceu bom, pois, para ela, a mesma violência daquele período se instaurava e ela não concordava com tal atitude. A respeito deste fato, Turner (2009) assinala que:

Foi nos cinco anos após o retorno de Eleanor a Poitou em 1168 que ela se viu exercendo poder genuíno sobre Poitou e Aquitânia. Uma vez que o rei Henrique II decidiu pelo governo indireto através de sua esposa como um meio de lidar com os intratáveis Poitevins, sua esposa ficou feliz em retornar à sua terra natal para assumir o comando. Quanto mais ela residia em seu ducado natal, mais ela se identificava com sua nobreza, que se ressentia das infrações de seu marido em suas tradicionais liberdades⁴⁸ (TURNER, 2009, p.178 - Tradução nossa).

⁴⁶ In August 1153, fifteen months after Eleanor and Henry's marriage in mid-May 1152, she brought forth the baby boy. In Henry's absence, she could choose the birth name of the newborn heir. Leonor selected the name William which was from one of her ducal ancestors, who adopted it in their succession, if it were not her birth name. Although firstborn sons in aristocratic families were often named after their paternal grandfather, William was a more prestigious name than Geoffrey, the name of Henry's father.

⁴⁷ Eleanor's fury at Henry's extramarital affairs before his return to Poitou or in the years just following, though she could not help feeling wounded pride.

⁴⁸ It was in the five years after Eleanor's return to Poitou in 1168 that she found herself exercising genuine power over Poitou and Aquitaine. Once Henry II decided on indirect rule through his wife as a means of dealing with the intractable Poitevins, his wife was happy to return to her homeland to take charge. The longer she resided in her native duchy, the more she identified with its nobility, who resented her husband's infringements on their traditional freedoms.

Analisando tal situação, Turner (2009) discorre que, de fato, o Rei Henrique II não lhe concedeu o poder, mas, sim, tentava mascará-lo como se fosse dela, pois, discordando de Leonor, ele acreditava ser essencial o uso do militarismo e dos recursos financeiros que tinha, para fazer valer seu governo. Sendo assim, por várias vezes, ele interferiu nas decisões da rainha, contrariando-a. A respeito deste momento na vida de Leonor de Aquitânia, Duby (2013, p. 22) assinala que:

[Alienor] estava com cinquenta anos. Doravante infecunda e com encantos provavelmente menos vistosos, não tinha mais utilidade para seu homem. Ela entrava naquela etapa da existência em que as mulheres, no século XII, quando sobreviveram aos partos ininterruptos, são comumente abandonadas por seus esposos, etapa em que, dispondo do dote de viúva que receberam por ocasião do casamento, respeitadas em geral por seus filhos, sobretudo pelo mais velho, elas têm pela primeira vez na vida um verdadeiro poder e usufruem dele. Alienor não dispunha de tal liberdade. Henrique ainda vivia.

Turner (2009) relata que, por causa das ações do marido, Leonor de Aquitânia se aproximou ainda mais de seus filhos, em Poitiers, enquanto eles cresciam, tentando garantir a segurança de seu poder em Aquitânia. Anos mais tarde, ela promoveria uma rebelião contra o Henrique II, apoiada pelos seus filhos. Mas ela pagaria um alto preço por isto.

Para tirar partido das chances que lhe restavam, Alienor se apoiou em seus filhos e especialmente num deles, Ricardo. O mais velho, Guilherme, morrera na infância. Em 1170, importunado pelos dois seguintes que cresciam e reclamavam uma parte de poder, Henrique fora obrigado a ceder. Tinha associado ao trono Henrique, com quinze anos. A Ricardo, com treze, havia concedido a herança de sua mãe, a Aquitânia. Alienor estava naturalmente por trás do adolescente e, agindo em seu nome, acreditava poder tornar-se enfim senhora de seu patrimônio ancestral. Na primavera de 1173, ela foi mais longe. Apoiou a revolta desses dois rapazes insaciáveis e de seu filho mais moço. Rebeliões desse tipo, que opunham os filhos ao pai que tardava a morrer, eram moeda corrente na época, mas era raro ver-se a mãe dos amotinados tomar o partido deles e trair seu marido. A atitude de Alienor causou escândalo, portanto. Pela segunda vez ela parecia infringir as regras fundamentais da conjugalidade. (DUBY, 2013, p.18)

No final de 1173, o rei tirou vantagem “[...] de um golpe de sorte e Leonor foi capturada enquanto tentava fugir para se reunir com o seu primeiro marido, que não ignorava os planos de revolta” (MONTESANO, 2018, p. 9). Henrique II tinha outras opções para punir Leonor, pois não arriscaria perder as terras de Aquitânia, então, realizou uma manobra mais inteligente para permanecer com o Ducado.

A prisão de Eleanor como punição por Henrique era preferível ao divórcio, Henrique estava muito ciente de que perderia Aquitânia se divorciando de Eleanor, então de 1174 até a morte de Henrique em 1189 Eleanor permaneceu sua prisioneira em acomodações seguras, longe de sua base de poder familiar⁴⁹ (VINCENT, 2020, p.17 - Tradução nossa).

Além da prisão, Turner (2009) afirma que havia outra medida que era adotada pelos nobres da época, para lidar com suas esposas desobedientes e, muitas vezes, não mais desejadas: trancá-las em conventos.

Henrique II ficou a passo desta atitude em 1175-76, quando seu caso adúltero com Rosamund Clifford estava em sua fase mais apaixonada. Com Eleanor banida da corte real, o rei não sentiu necessidade de esconder sua relação com a bela Rosamund, aparentemente a única de suas muitas amantes que ele realmente amava, e ele pode muito bem ter desejado se casar com ela⁵⁰ (TURNER, 2009, p.186 - Tradução nossa).

Segundo as pesquisas de Vincent (2006), Leonor teve uma vida boa e luxuosa, na Inglaterra, em seu exílio (1174-1189), fato que pode ser comprovado pelos registros de Pipe Rolls ⁵¹, do Royal Exchequer, que apresentam informações desde a sua chegada, sendo esta uma das poucas fontes dos seus gastos e finanças.

No período de mais de quinze anos de seu cativeiro, não se ouvia falar da rainha, porém, segundo Turner (2009), durante este período, ela teve grandes perdas, estando dentre elas a morte de seus filhos Henrique e Geoffrey, os quais desafiavam o pai junto com o irmão Ricardo, Conde de Poitou.

O tempo foi passando e Leonor pôde se mudar para outros castelos como o de Winchester, Windsor e Devonshire, que pareciam palácios reais, com sua estrutura de grandes quartos. O rei procurava deixá-la confortável e promovia constantes reformas para que não lhes faltasse nada enquanto rainha. Mesmo

⁴⁹ Eleanor's imprisonment as punishment by Henry was preferable to divorce, Henry was very aware that he would lose Aquitaine by divorcing Eleanor, so from 1174 until Henry's death in 1189 Eleanor remained his prisoner in secure accommodation far from his power base familiar.

⁵⁰ Henry II considered such a step in 1175-76, when his adulterous affair with Rosamund Clifford was at its most passionate stage. With Eleanor banished from the royal court, the king felt no need to hide his relationship with the beautiful Rosamund, apparently the only one of his many mistresses he truly loved, and he may well have wanted to marry her.

⁵¹ Os rolos de tubos, às vezes chamados de grandes rolos, são uma coleção de registros financeiros mantidos pelo Tesouro Inglês, ou Tesouraria. A data mais antiga do século 12, e a série se estende, na sua maioria completa, a partir de então até 1833. Eles formam a série contínua mais antiga de registros mantidos pelo governo inglês, cobrindo um período de cerca de 700 anos. Os primeiros tempos medievais são especialmente úteis para o estudo histórico, já que são alguns dos primeiros registros financeiros disponíveis na Idade Média.

mantendo Leonor longe de seu governo, a fim de evitar novas conspirações, as relações entre o Rei Henrique II e seus três filhos mais velhos eram conflituosas, e estas se agravaram ainda mais. Consoante Turner (2009):

Um segundo fator na briga de Henry Sênior com seus filhos mais velhos era sua insistência em encontrar uma herança de terras para seu filho mais novo, John, que eles suspeitavam que estaria em sua despesa. Embora John não parecesse promissor para os contemporâneos, aparentemente Henrique viu algo nele que os outros perderam. Ele claramente se sentia mais próximo de seu filho mais novo do que de seus filhos mais velhos, manchados por terem tomado armas contra ele em 1173 em associação com sua mãe⁵² (TURNER, 2009. p. 190 - Tradução nossa).

O exílio de Leonor só chegou ao fim após a morte de Henrique II, que aconteceu no castelo de Chinon, na França, em 1189. “Abalado pela conspiração é obrigado a fugir, perseguido pelas tropas de Ricardo I. Vítima de uma hemorragia, o rei falece pouco tempo depois. Assumiu então o trono seu filho Ricardo I, mais tarde conhecido como Ricardo Coração de Leão” (FRAZÃO, 2019, p. 3).

Depois de sua libertação, Eleanor desempenhou um papel político mais importante do que nunca. Ela se preparou ativamente para a coroação de Ricardo I como rei, foi administradora do reino, durante sua Cruzada à Terra Santa e, após sua captura pelo duque da Áustria, ela coletou seu resgate e foi, pessoalmente, escoltá-lo até à Inglaterra.

Durante a ausência do Rei Ricardo I, ela conseguiu manter seu reino intacto e frustrar as intrigas de seu irmão, João Lackland em conjunto com o Rei Filipe II, da França, contra ele. “Após a morte do rei inglês em 1189, Eleonor emergiu para embarcar em uma vida ativa e cheia de acontecimentos durante a vida de seus dois filhos sobreviventes, reinava alcançando como viúva a influência política que sempre desejou⁵³ (TURNER, 2009. p. 3 - Tradução nossa).

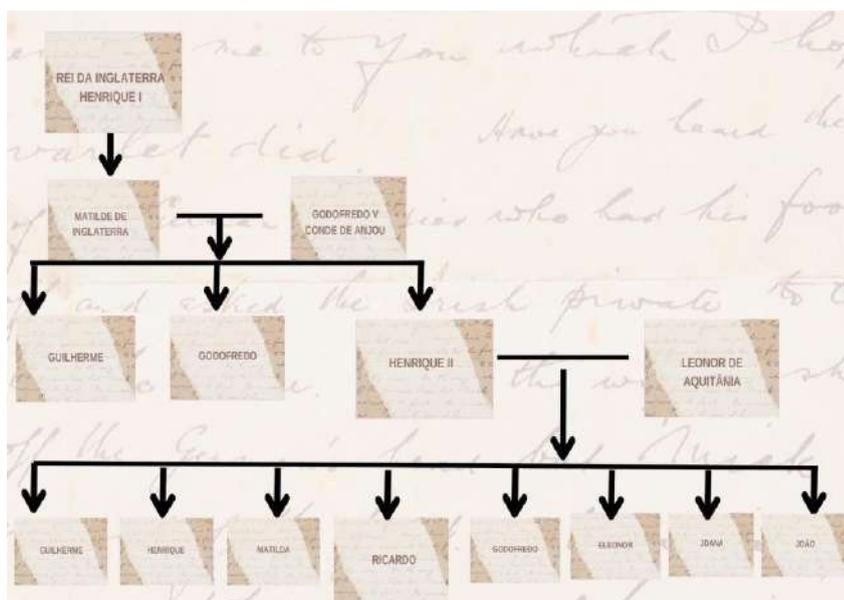
⁵² Although Henry II kept his queen under lock and key to protect her from further conspiracies, his stormy relations with his three eldest sons continued. Their bad relations were compounded by their periodic new succession proposals which caused their sons constant uncertainty, their father's growing resentment and jealousy of each other which led to continual revolts. A second factor in Henry Sr.'s quarrel with his eldest sons was his insistence on finding an inheritance of lands for his youngest son John, which they suspected would be at their expense. Although John did not look promising to contemporaries, apparently Henry saw something in him that others missed. He clearly felt closer to his younger son than he did to his older sons, tainted by their having taken up arms against him in 1173 in association with their mother.

⁵³ After the death of the English king in 1189, Eleanor emerged to embark on an active and eventful life during the lives of her two surviving sons, reigning as a widow achieving the political influence she always desired.

A partir de suas pesquisas, Vincent (2006) aponta que, apesar de seus setenta anos, Leonor teve um papel imprescindível para a preservação do poder e a autoridade do Rei Ricardo I, uma vez que, quando este se ausentava do país, para ida a Cruzadas e expedições internacionais, por exemplo, era ela quem governava como rainha regente. Quando foi a vez de seu filho John assumir a coroa, ele também pôde contar com o seu apoio e prestígio.

Na Figura 15, que será apresentada a seguir, buscamos ilustrar a organização da genealogia da família de Leonor de Aquitânia com o Rei Henrique II.

Figura 15 - Genealogia da família de Leonor com o Rei Henrique II



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Na Seção 4, tratamos das relações de poder que foram se estabelecendo entre os herdeiros do Rei Henrique II e de Leonor de Aquitânia, discorrendo sobre o poder e a influência da rainha como governante.

3.4 O PODER E A INFLUÊNCIA DA RAINHA LEONOR DE AQUITÂNIA

Após a morte do Rei Henrique II, os filhos de Leonor de Aquitânia a libertaram de seu exílio, e ela, novamente, ascendeu ao trono, estabelecendo relações importantes com a igreja e outros segmentos da sociedade, ajudando seus herdeiros a governarem, em seus respectivos reinados. Dessa forma, observamos que Leonor de Aquitânia alcançou o poder apenas quando os seus filhos Ricardo e João se

tornaram reis, o que deu a ela a chance de influenciar nas questões políticas do governo, algo pelo qual ela tanto havia lutado e que, por anos, lhe fora negado.

Conforme os estudos de Turner (2009, p. 205), após seu cativo, Leonor de Aquitânia, no auge dos setenta e cinco anos, viu-se obrigada a ajudar os filhos na política e no governo, sendo que, nesta época, as mulheres já estavam a se recolher. No entanto, Leonor ainda passou por um profundo sofrimento, quando seu filho, Rei Ricardo I, faleceu. A partir deste acontecimento, emergiram foram muitas as dúvidas sobre quem seria o seu sucessor.

No final de sua vida, próximo à sua última década, ela finalmente conseguiu mostrar a todos a sua relevância no cenário político da Inglaterra, como uma grande vitalidade e capacidade mental de governança, A respeito deste fato, Turner (2009) atesta que:

O respeito dado a Leonor como a rainha-mãe lhe daria um papel proeminente na política inglesa durante os anos turbulentos 1190-1194, quando o reino foi ameaçado por seu filho mais novo, João, conde de Mortain, e por Capetiano o rei. Ela era a força proeminente na Inglaterra, impondo real diretivas, proibindo um legado papal de entrar no reino, atestando cartas régias e participando de reuniões do grande rei Conselho⁵⁴ (TURNER, 2009, p. 237 - Tradução nossa).

Além disso, durante o reinado de Ricardo I “Coração de leão”, no que se refere às questões que envolveram a Igreja, Leonor acabou participando, ativamente:

[...] em novembro de 1189 na longa disputa entre o arcebispo de Canterbury e seus monges da Catedral de Christchurch. Quando o legado papal pousa na Inglaterra para resolver a controvérsia, Leonor o parou na Cantuária porquê a chegada real sem permissão, impedia o processo. Desempenhou um papel ativo na segunda eleição de Canterbury, exigida pela morte repentina do novo arcebispo. Somente no início de 1193, enquanto Ricardo era prisioneiro em Alemanha, seus desejos nesta eleição se tornaram conhecidos⁵⁵ (TURNER, 2009, p. 247 - Tradução nossa).

⁵⁴ The respect given to Eleanor as the Queen Mother would give her a prominent role in English politics during the turbulent years 1190-1194, when the kingdom was threatened by her youngest son, John, Earl of Mortain, and by Capetian the King. She was the preeminent force in England, enforcing royal directives, banning a papal legate from entering the realm, attesting to royal charters, and attending meetings of the King's Grand Council.

⁵⁵ [...] in November 1189 in the long-running dispute between the Archbishop of Canterbury and his monks at Christchurch Cathedral. When the papal legate landed in England to resolve the controversy, Eleanor stopped him in Canterbury because the royal arrival without permission impeded the process. She played an active part in Canterbury's second election, necessitated by the new Archbishop's sudden death. Only in early 1193, while Richard was a prisoner in Germany, did his wishes in this election become known.

Na política do tribunal, Leonor de Aquitânia mostrou grande poder de influência, devido às amizades e relações construídas com os cortesãos e administradores da realeza. Segundo Turner (2009), para representar, visualmente, sua posição, Leonor mandou fazer um novo selo, cuja reprodução apresentamos na Figura 16, em cujo anverso está inscrito “Leonor Pela Graça de Deus”, “Rainha Inglesa”, “Duquesa dos Normandos”⁵⁶.

Figura 16 - Selo de Leonor de Aquitânia



Fonte: Wikipedia (2008)⁵⁷.

De acordo com Turner (2009), o referido selo serviria ao seguinte propósito:

[...] afixar os documentos em consequência apenas dos títulos de duquesa de Aquitânia e Condessa de Poitou, omitindo qualquer título que lhe veio através do casamento. Por um curto período na primavera de 1152, Eleanor de Aquitânia tinha mais poder do que jamais tivera antes, e nunca seria tão poderosa. Novamente até ficar viúva. Logo ela tinha outro selo [...], um que trazia os novos títulos resultantes de seu casamento com Henry Plantageneta, não apenas 'duquesa dos aquitanos, mas também Duquesa dos Normandos e Condessa dos Angevinos ⁵⁸ (TURNER, 2009, p. 92 - Tradução nossa).

O mesmo autor argumenta que Leonor de Aquitânia se preocupou em fazer doações para inaugurar novas casas religiosas, além das possibilidades da época,

⁵⁶ Tradução livre das autoras.

⁵⁷ Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/File:EleanorAkvitanie1068.jpg>>. Acesso em: 2 jun. 2023.

⁵⁸ To give visual representation of Eleanor's authority, she had a new seal made to affix the documents arising only from the titles of Duchess of Aquitaine and Countess of Poitou, omitting any titles that came to her through marriage. For a short time in the spring of 1152, Eleanor of Aquitaine had more power than she had ever had before, and would never be as powerful. Again until she was widowed. Soon she had another seal, however, one that bore the new titles resulting from her marriage to Henry Plantagenet, not only 'Duchess of the Aquitanians, but also Duchess of the Normans and Countess of the Angevins.

no tocante ao que era estabelecido como valor para as rainhas inglesas doarem. De fato, segundo o autor, o que se pode observar é que as ações da rainha eram estratégias para conseguir aliados em seu Ducado, na Aquitânia (TURNER, 2009).

Na concepção de Le Goff (2007), os nobres tinham grande influência sobre a sociedade, sendo considerados superiores e com muitos privilégios, então, eles tinham o dever de fazer doações constantes à igreja e à sociedade, a fim de manterem o prestígio e poder necessários. Na época, esta ação era uma das mais importantes para este distinto grupo.

Em consonância com Vincent (2020), ao se analisar os diversos escritos e cartas tratando de Leonor, verifica-se que o nome de Fontevraud aparece muitas vezes, caracterizando-se como um dos lugares para os quais Leonor mais fez doações, por ano, inclusive, para ajudar nas construções de espaços no local, como uma cozinha e salas de orações.

Segundo revela Turner (2009), Leonor foi morar em Fontevraud, a prestigiada abadia, situada na Fronteira Angevina - Poitevina, pela qual ela tinha grande apreço, não por ser sua grande filantropa, e nem pelo fato de seu marido e filhos falecidos estarem enterrados lá, mas por sua dedicação espiritual. Apesar de, na Idade Média, as pessoas viverem menos, ela era uma exceção, vivendo para além das estatísticas da época. Portanto, ela aguardava uma boa morte, tranquila e serena, naquele lugar.

Em Fontevraud, Eleanor desfrutou da companhia das freiras [...] e nobres viúvas que, como ela, haviam se retirado para a grande abadia. Entre as freiras durante o reinado de Eleanor lá era residência dela e da neta, filha de Alicia condessa de Blois, segunda filha dela do casamento com Louis VII. Embora fosse incomum que as mulheres testemunhassem as cartas constitutivas de outra mulher, nos últimos anos da rainha Mãe em Fontevraud, freiras ou viúvas nobres que se retiraram para a grande abadia às vezes agiam como suas testemunhas. Alguns não podem ser identificados com precisão; eles incluem uma 'Condessa Matilde', identificada variadamente como Condessa de Eu, Perche ou Viscondessa de Aunay, 'A. Duquesa de Borbonie' e 'M. condessa de Tornodori (Tonnère?)'. Todas essas senhoras a acompanhavam no Poitiers em 1199⁵⁹ (TURNER, 2009, p. 211 - Tradução nossa).

⁵⁹ At Fontevraud, Eleanor enjoyed the company of the Fontevraud nuns and noble widows who, like herself, had retired to the great abbey. Among the nuns during Eleanor's reign there was the residence of her and her granddaughter, daughter of Alicia Countess of Blois, her second daughter from her marriage to Louis VII. Although it was unusual for women to witness another woman's charters, in the Queen Mother's later years at Fontevraud, nuns or noble widows who retired to the great abbey sometimes acted as her witnesses. Some cannot be precisely identified; they include a 'Countess Matilde', variously identified as Countess of Eu, Perche or Viscountess of Aunay, 'A. Duchess of

Na Figura 17, apresentamos uma representação da vista geral do complexo da Abadia de Fontevraud, na França, um dos locais preferidos da Rainha Leonor de Aquitânia e para onde ela enviava generosas doações.

Figura 17 - Vista geral do complexo da Abadia de Fontevraud, França



Fonte: Wikipédia (Pierre Mairé, 2005)⁶⁰.

O final do século foi difícil para a rainha-mãe, uma vez que as suas duas filhas com o Rei Luís VII, Alice e Marie, morreram e, em 1199, Ricardo também se foi. Mesmo já estando retirada na abadia de Fontevraud, “[...] Leonor foi forçada a voltar à corte para apoiar o seu filho João, cuja sucessão era disputada por um sobrinho e tinha a oposição de Filipe Augusto. Em 1202, quase octogenária, ela ainda resistiu ao cerco dos rebeldes no donjon da cidade de Mirabeau” (MONTESANO, 2018, p. 4).

Ainda de acordo com a autora, “Dois anos mais tarde, Leonor morreria em Fontevraud, legando aos seus sucessores uma disputa cruel pelo trono de Inglaterra e pelo controle dos seus velhos domínios franceses” (MONTESANO, 2018, p. 4). Não foram encontrados registros indicando que ela tenha se ausentado de lá antes de falecer.

Antes do final de sua vida, Leonor de Aquitânia cumpriu um dos deveres aos quais as mulheres nobres tinham que cumprir: construir um mausoléu para sua família. Diante da obrigação, ela não perdeu a oportunidade de ordenar a construção de um

Bourbonie' and 'M. countess of Tornodori (Tonnère?)'. All these ladies accompanied her at Poitiers in 1199.

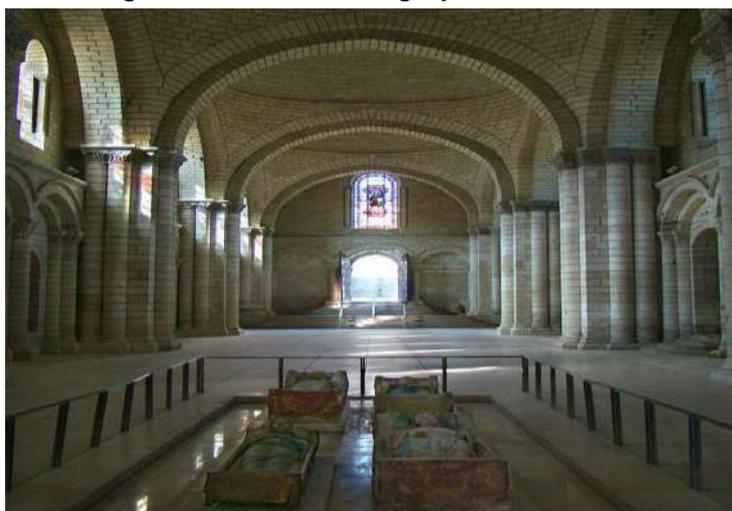
⁶⁰ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Abadia_de_Fontevraud#/media/Ficheiro:Fontevraud_3.jpg>. Acesso em: 14 jun. 2023.

mausoléu real, apesar de seu casamento não ter sido dos mais felizes, era seu dever cumprir os compromissos reais. Sobre este fato, Turner (2009, p. 215) declara que:

Durante os dias finais de Eleanor no Fontevraud, ela encontrou conforto no planejamento e supervisão da construção e colocação de túmulo-esculturas de Henrique II e Ricardo, que foi concluído antes de 1210. Construindo o mausoléu da família Plantageneta, Eleanor estava cumprindo um dos deveres frequentemente empreendidos por damas nobres, mas ela também desejava reunir na morte sua família que esteve alienada em vida⁶¹.

Na Figura 18, representamos a Nave da igreja de Santa Maria, que integra a Abadia de Fontevraud, localizada na França.

Figura 18 - Nave da igreja de Santa Maria



Fonte: Wikipédia (Tango, 2008)

Em primeiro plano, estão as efígies de Ricardo I da Inglaterra, Isabel de Angoulême⁶², Henrique II da Inglaterra e Leonor da Aquitânia (da direita para a esquerda, da frente para trás). Sobre as referidas efígies dos monarcas, a partir de suas pesquisas, Turner (2010) indica que:

[...] estão entre as mais antigas em tamanho natural, figuras reclinadas de personagens reais esculpidas na Europa medieval, e são classificadas como

⁶¹ During Eleanor's final days at Fontevraud, she found comfort in planning and supervising the construction and placement of tomb-sculptures by Henry II and Richard, completed before 1210. Building a mausoleum for the Plantagenet family, Eleanor was fulfilling one of the duties often undertaken by noble ladies, but she also wished to reunite in death her family that had been alienated in life.

⁶² Isabel foi a segunda esposa do rei João e rainha consorte do Reino da Inglaterra, de 1200 até 1216. De 1202 até sua morte também foi, em direito próprio, a Condessa de Angolema. Fonte: WIKIPEDIA, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Isabel_de_Angolema>. Acesso em: 28 jul. 2023.

'principais inovações na evolução da escultura tumular'. Eleanor pode ter encontrado inspiração para os monumentos funerários de Henrique e Ricardo nas tumbas de seu primeiro marido, Luís VII, e sua ex-sogra, Adelaide de Maurienne⁶³ (TURNER, 2010, p. 215 - Tradução nossa).

Na Figura 19, estão representadas as efígies da Rainha Leonor de Aquitânia e do Rei Henrique II, que foram colocadas na Abadia de Fontevraud, na França.

Figura 19 - Efígies de Leonor de Aquitânia e Henrique II



Fonte: História Medieval (2022)⁶⁴.

Os estudos de Turner (2010) nos conduzem à compreensão de que não foi Leonor quem tomou a decisão de enterrar seu marido em Fontevraud. Contudo, há indícios de que ela teve um papel importante para convencer as freiras sobre o lugar ideal para o seu próprio túmulo.

[...] não era improvável que Leonor anteciparia que a capela de Fontevraud, localizada sobre as fronteiras dos territórios de marido e mulher, se tornaria um mausoléu real, proclamando as glórias de a dinastia que uniram as casas Angevinas e Poitevinas. Apesar do colapso do 'império' que ela presidiu como rainha de Henrique II e a extensão capetiana de controle sobre Fontevraud, estava parcialmente realizado⁶⁵ (TURNER, 2009, p. 216 - Tradução nossa).

⁶³ [...] are among the oldest life-size reclining figures of royal personages carved in medieval Europe, and are classified as 'major innovations in the evolution of tomb sculpture'. Eleanor may have found inspiration for the funerary monuments of Henry and Richard in the tombs of her first husband, Louis VII, and her former mother-in-law, Adelaide de Maurienne.

⁶⁴ Disponível em: <<https://www.historiamedieval.com.br/post/leonor-da-aquit%C3%A2nia>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

⁶⁵ It was not unlikely that Leonor would have anticipated that Fontevraud's chapel, located on the borders of the husband and wife territories, would become a royal mausoleum, proclaiming the glories of the dynasty that united the Angevin and Poitevin ruling houses. Despite the collapse of the 'empire' she

No que tange à morte de Eleanor de Aquitânia, esta morreu na Abadia de Fontevraud, em 1º de abril de 1204, com oitenta anos.

Duby (2013) argumenta que muitas histórias e fofocas, sobre Leonor de Aquitânia, foram sendo criadas e disseminadas, ao longo do século XIII, incluindo, narrativas da época de sua velhice. A maioria das obras onde tais histórias podem ser encontradas é de autoria de monges e homens da igreja, o que nos leva a considerar que o conteúdo delas colocou Leonor em uma posição desconfortável, perante a sociedade da época. Entretanto, Durby (2013) elenca quatro razões que devem ser ponderadas para que se possa entender o contexto em que as histórias foram produzidas.

A primeira, fundamental, é que se trata de uma mulher. Para esses homens, a mulher é uma criatura essencialmente má por meio da qual o pecado se introduz no mundo, com toda a desordem que nele se vê. Segunda razão: a duquesa de Aquitânia tinha por avô o famoso Guilherme IX. Ora, esse príncipe, de quem a tradição fez o mais antigo dos trovadores, também havia em sua época excitado a imaginação dos cronistas. Estes denunciaram o pouco-caso que fazia da moral eclesiástica, a liberdade de seus costumes, sua excessiva propensão ao namorico, evocando a espécie de harém no qual, como paródia de um mosteiro de freiras, ele havia mantido para seu prazer uma companhia de moças. Dois outros fatos, enfim e sobretudo, condenavam Alienor. Por duas vezes, desembaraçando-se da submissão que as hierarquias instituídas pela vontade divina impõem aos esposos, ela havia pecado gravemente. Uma primeira vez, pedindo e obtendo o divórcio. Uma segunda vez, rejeitando a tutela de seu marido e insurgindo seus filhos contra ele. O divórcio, imediatamente seguido de um novo casamento, foi em 1152 o grande caso europeu (DUBY, 2013, p. 13).

Na visão do mesmo autor, a história de Leonor de Aquitânia fascina os pesquisadores até os dias atuais, e sua trajetória divide opiniões, uma vez que poucas mulheres foram tão marcantes e poderosas, ao longo da história medieval.

Desde o romantismo, Alienor foi ora apresentada como delicada vítima da crueldade fria de um primeiro esposo, incompetente e limitado, de um segundo esposo, brutal e volúvel, ora como mulher livre, dona de seu corpo, desafiando os padres, afrontando a moral dos beatos, porta-estandarte de uma cultura brilhante, alegre e injustamente sufocada, a da Occitânia, contra a selvageria hipócrita, contra a opressão do Norte, mas sempre transtornando os homens, leviana, carnuda, e se divertindo com eles (DUBY, 2013, p. 12).

presided over as Queen Henry II and Capetian extension of control over Fontevraud, it was partially realized.

Em face das discussões estabelecidas nesta seção, conhecemos as várias faces de Leonor de Aquitânia, aquela que, desde a sua infância, recebeu de seu pai e avô a educação que a fez se tornar patrona da literatura trovadoresca e das artes culturais, levando alegria e conhecimento para as cortes por onde passava. Nas relações com a igreja, ela usou de estratégias políticas e de doações importantes, no sentido de manter a posse de suas terras da Aquitânia.

No livro *Leonor de Aquitânia e os quatro Reis*, Amy Kelly (1996), descreve a corte de Eleanor como uma academia para civilizar “[...] jovens truculentos, jovens turbulentos [...] das fortalezas baroniais do sul.” Segundo ela, a rainha-duquesa via isso como seu dever “[...] subjugar à civilidade uma geração que carecia das disciplinas de um fixo e autêntico tribunal” (KELLY, 1996 *apud* TURNER, 2010, p. 232).

Outra autora, Marion Meade, na obra *Eleanor of Aquitaine*, publicada em 1977, definiu a "academia" de Leonor como um ponto de partida para criar uma imagem dela mesma como uma revolucionária feminista. Meade (1977) a retrata esculpindo para as mulheres, em uma posição elevada na sociedade medieval, civilizando jovens cavaleiros, ensinando-lhes uma nova etiqueta da corte, por meio de suas cortes de amor (MEADE, 1977 *apud* TURNER, 2010, p. 232)

Entendemos, portanto, que tornar-se duas vezes rainha (da França e da Inglaterra), por meio de dois casamentos, no mesmo século, foi importante para que Leonor de Aquitânia garantisse alianças e acordos, que protegiam suas terras, que eram as mais ricas e bem localizadas do período medieval.

Quanto à criação e educação de seus filhos e suas filhas, Leonor fez questão de repassar a eles e elas os conhecimentos, as virtudes, a cultura e os costumes necessários para que, um dia, eles/elas pudessem governar como futuros reis e rainhas, eternizando as marcas daquela geração de nobres ao longo da história.

Na Seção 4, buscamos investigar o que as cartas enviadas e recebidas por Leonor de Aquitânia revelam sobre ela, atuando como Rainha da Inglaterra, bem como, em seu papel de mãe, que suplica pela liberdade de seu filho.

4 O QUE AS CARTAS REVELAM SOBRE LEONOR DE AQUITÂNIA

Esta seção tem como objetivo analisar as três cartas que Leonor de Aquitânia escreveu para o Papa Celestino III, bem como, outras três missivas que ela recebeu de seus filhos, três do Rei Ricardo I e uma do Rei João.

Na Subseção 4.1, buscamos contextualizar as cartas às quais tivemos acesso e analisamos, apresentando, ainda, informações sobre os pesquisadores que utilizamos como referências.

Na Subseção 4.2, analisamos as três cartas que Eleonor de Aquitânia escreveu ao Papa Celestino III, pedindo a este que intercedesse pelo seu filho, o Rei Ricardo I.

Na Subseção 4.3, abordamos as cartas que o Rei Ricardo I escreveu para a Rainha Leonor de Aquitânia, enquanto ele estava em cativeiro, buscando traços da personalidade e atuação de nossa personagem.

Na Subseção 4.4, analisamos uma carta do Rei João para sua mãe, Leonor de Aquitânia, sendo este um documento que julgamos de extrema importância, pois é nele que se tornou possível observar o momento mais esperado por nossa personagem, quando é delegado a ela o domínio sobre as terras de Aquitânia.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS CARTAS DE (E PARA) LEONOR DE AQUITÂNIA

Para nossa discussão nesta Subseção, utilizamos como referência os professores Nicolas Vincent e Ralph Turner, e suas análises sobre as referidas missivas. Iniciamos apresentando o professor Nicolas Vincent, que é autor do artigo “Mecenato, política e piedade nas cartas de Leonor de Aquitânia”⁶⁶. Logo na introdução do referido trabalho, ele alega que sua intenção não é observar se ela foi boa ou ruim, mas, sim, avaliar sua presença como mulher na História Medieval, atuando como Rainha por duas vezes.

O referido pesquisador publicou uma análise das cartas de Leonor em 2020, e, será lançada mais uma edição, no corrente ano de 2023. Baseado em estudos, realizados por outros autores, Vincent foi traçando uma linha entre o que existia de real e o que os cronistas ou intérpretes haviam escrito sobre Leonor. Para isto, ele foi

⁶⁶ Patronage, Politics and Piety in the charters of Eleonor de Aquitaine.

analisando as informações e quem as apresentou, buscando comprovar a veracidade dos fatos relativos à convivência da rainha com seus funcionários, suas doações e os aspectos referentes à sua riqueza e ao seu poder.

Vincent (2020) encontrou indícios de seus donativos para a igreja, bem como, tentou investigar em que Leonor gastava seu dinheiro, visto que suas doações eram pequenas e insignificantes, perante à enorme riqueza que ela possuía. É importante ressaltar que o professor deseja desmistificar o papel apenas mítico que Leonor ocupava perante a corte de trovadores.

Segundo o mesmo autor, os escritos sobre Leonor indicam uma mulher com muitas posses e bens e que, em meados de 1154 a 1199, possuía muita influência política na Inglaterra e na Aquitânia, um fato muito significativo, pois isto era muito mais do que as rainhas da Idade Média poderiam usufruir.

Outro autor, o professor Ralph Turner, também estudou as cartas de Leonor de Aquitânia e os reinados do Rei Luís VII, durante muitos anos, tornando-se, portanto, uma das grandes referências sobre tal assunto. Analisando algumas cartas e textos de cronistas, Turner investigou a veracidade dos escritos.

Segundo o supracitado autor, dos quase 200 documentos que foram escritos por Leonor, apenas 20 são sobre seu casamento com o Rei Luís VII; porém, sobre seu casamento com Henrique II foram encontrados mais de 160. A maioria de suas cartas são documentos e registros solenes de concessões de terras ou privilégios religiosos, que se eternizaram ao longo dos séculos, e devem ser estudadas com cuidado e critérios por quem entende de medievalidade. Ele firma, também, que sobre Leonor de Aquitânia não se encontrou mais que meia dúzia de escritos, sendo que a maioria foi localizada na Inglaterra, e não na França, o que os torna um material mais difícil de ser analisado (TURNER, 2009, 2010).

De acordo com Richardson (*apud* Vincent 2020), apesar de Leonor não ter sua própria chancelaria, tinha cartas e mandados elaborados por seus funcionários, grande parte feita para acordos diplomáticos. No que diz respeito às pessoas que testemunharam seus escritos, foi observado que muitos eram funcionários dela e outros eram capelães.

Turner (2009) argumenta que só foi possível compreender o real poder de Leonor de Aquitânia quando foram analisados os mandados, os petiçãoários e as cartas endereçadas a figuras como xerifes e outros agentes da lei, e a representantes

do poder, como os papas. Nestes documentos ela tentava fazer acordos para administrar territórios, propriedades, eleições e etc.

Após o retorno de Eleanor ao continente, ela tinha uma grande equipe de clérigos que serviam como seus escribas, embora nenhum tivesse o título de chanceler ou seu chefe de redação. Os nomes de quatro escribas em Fontevraud, às vezes identificados como seus capelães, indicam que ela continuou a manter uma correspondência ativa. Outros clérigos da Casa da Rainha Mãe ocuparam o cargo de esmola, um dos quais continuou a servi-la após sua aposentadoria em Fontevraud e provavelmente também elaborou cartas para ela⁶⁷ (TURNER, 2010, p. 253 - Tradução nossa).

Vincent (2006) indica que as testemunhas de algumas cartas de Leonor foram as próprias mulheres, que moravam nos conventos, pois, em Fontevraud, elas tinham permissão para isto.

É observado, também, ao final do documento, a rainha declarando que tudo daria certo e o candidato que o rei estava apoiando seria eleito.

O papel de Eleanor como governadora da Aquitânia foi exaltado sobre o de Henrique. Mesmo depois de 1189, e da morte de Henry II, Eleanor continuou a produzir escritos e cartas que seguiram o formato de Henrique e não de Ricardo I, especialmente no que diz respeito à sua especificação de um local de emissão sem fornecer uma data. Comparado com a quantidade inteiramente insignificante de mandados e cartas de Henry II que sobrevivem para os beneficiários franceses do Sul, de 1168 até 1173, parece ter sido para Eleanor, e até certo ponto para Richard, seu filho, que os beneficiários do sul se voltavam para a confirmação de seus privilégios e a emissão de mandados para autoridades locais⁶⁸ (VINCENT, 2006, p. 34 - Tradução nossa).

Ferrante ([2014?]) revela que existem poucas cartas de Leonor de Aquitânia, e isso faz com que as análises realizadas em nossa pesquisa se tornem importantes. Por outro lado, as cartas existentes mostram vários lados de sua personalidade, o que é essencial para compreendê-la como mulher, mãe e rainha. Estas cartas ampliam o ponto de vista daqueles historiadores, que querem realmente saber quem ela foi, sem

⁶⁷ Upon Eleanor's return to the continent, she had a large staff of clerics who served as her scribes, though none bore the title of chancellor or her head of writing. The names of four scribes at Fontevraud, sometimes identified as her chaplains, indicate that she continued to maintain an active correspondence. Other clerics of the Queen Mother's Household held the post of almoner, one of whom continued to serve her after her retirement to Fontevraud and also likely elaborate charters to her.

⁶⁸ Eleanor's role as governor of Aquitaine was exalted over Henry's. Even after 1189, and the death of Henry II, Eleanor continued to produce writings and letters that followed the format of Henry rather than Richard I, especially with regard to his specifying a place of issue without giving a date. Compared with the entirely insignificant amount of writs and letters from Henry II that survive for the southern French Beneficiaries, from 1168 to 1173, it seems to have been to Eleanor, and to some extent Richard, her son, that the Southern Beneficiaries turned. for the confirmation of their privileges and the issuance of warrants to local authorities.

ser por meio das crônicas. Apesar de naquele período não ter sido ela a escrever todos os textos, permanece sua ideia e aprovação, antes do envio dos mesmos.

Na Subseção 4.2, discorremos sobre as cartas que Eleonor de Aquitânia escreveu para o Papa Celestino III, solicitando a este que intercedesse pelo seu filho, o Rei Ricardo I, que foi feito prisioneiro por Leopoldo da Áustria e, do imperador Henrique VI, do Sacro Império, que o libertou em troca de um resgate. Enfatizamos que tivemos acesso a estes documentos graças à indicação e análises do professor Ralph Turner.

4.2 CARTAS DE LEONOR DE AQUITÂNIA PARA O PAPA CELESTINO III

As três epístolas que analisamos foram publicadas no site “Medieval women’s latin letters”, da Universidade de Columbia, que tem como sua principal referência a pesquisadora Joan Ferrante. Nesta fonte, tivemos acesso a várias cartas sobre Idade Média e no que se refere a Leonor de Aquitânia um total de quarenta, todas traduzidas e em fonte original, com conteúdos referentes a doações, pedidos e mandados. Dentre elas, vinte e sete foram escritas por Leonor e treze foram enviadas para ela.

As cartas enviadas por Leonor de Aquitânia tiveram como destinatários o Papa Celestino III, o público e os filhos de Leonor, Rei Ricardo I e Rei João. A escolha pelas cartas endereçadas ao Papa Celestino III e seus filhos, foi importante por destacar o papel que a Rainha Leonor tinha na religião, política, cultura e educação.

Por meio da análise das cartas, é possível identificar a inteligência de Leonor, sua capacidade para negociar com um grande representante da igreja, a fim que este pudesse ajudá-la em seus interesses, que no caso, era a libertação de seu filho, o Rei Ricardo.

No que se refere aos filhos de Leonor de Aquitânia, destacamos o seu papel como mãe, que se esmerava na educação e proteção dos filhos, além de articular ações políticas, religiosas e culturais, a fim de manter seu território e poder por muitas gerações futuras.

Ferrante ([2014?]) esclarece que o referido acervo reúne uma coletânea de várias cartas medievais de figuras femininas, que tanto podem ser remetentes

das missivas, como destinatárias. Os textos são documentos escritos em latim, originais, traduzidos, pertencentes ao período que engloba do século IV ao século XIII.

A principal pesquisadora que, juntamente com sua equipe, traduziu, coletou e analisou as fontes impressas foi a professora Dra. Joan Ferrante, da Universidade de Columbia. Em parceria com a *Columbia Center for New Media Teaching and Learning*, ela disponibilizou um grande acervo, gratuitamente, para que qualquer pesquisador pudesse utilizar as fontes para seus estudos. Ao acessar o mencionado site, é possível fazer a pesquisa em qualquer língua pretendida, o que facilitou os nossos estudos e a compreensão das cartas. O projeto é publicado em bibliotecas da Universidade de Columbia, o que dá maiores opções de pesquisa por meio do repositório acadêmico Commons.

Segundo Ferrante ([2014?]), naquele período, as cartas eram comumente ditadas pelos homens e mulheres para funcionários e escrivães oficiais que, ao final, repassavam as cópias com suas próprias edições. Tal fato deixa em dúvida se todo conteúdo era o que realmente seus ditadores queriam repassar. Entretanto, a autora afirma que, em geral, as intenções e opiniões do declarante eram mantidas.

Peacock (2013) chama a atenção sobre o fato de algumas missivas apresentarem uma linguagem não convencional, o que sugere que o poder e a liderança de Leonor de Aquitânia eram incontestáveis. As palavras de autoridade, muitas vezes mais ásperas, podem servir como indícios da influência que ela tinha junto ao público. Este fato evidencia sua grande inteligência e capacidade de domínio na área administrativa.

As três cartas de Eleanor ao papa Celestino III estão incluídas entre as cartas de Pedro de Blois, mas o quanto de seu texto é responsabilidade de Pedro é uma questão em aberto. Peter pode ter escrito essas cartas de acordo com a intenção de Eleanor, ele pode ter transcrito dela e fornecido alusões bíblicas e floreios retóricos, embora a uma mulher inteligente que viveu em três cortes sofisticadas, cercada por homens eruditos e poetas de latim, francês e Provençal, não seria estranha a linguagem bíblica ou retórica. Não podemos saber quantas palavras nessas cartas são dela, mas podemos ter quase certeza de que expressam seus pontos de vista. A rainha regente da Inglaterra não teria permitido ser representada perante o papa em palavras que não aprovasse ou não desejasse estar publicamente ligada a elas. Eleanor dirigiu essas três cartas ao papa durante o cativeiro de seu filho Ricardo na Alemanha, que durou cerca de dezesseis meses. Com fortes críticas ao fracasso do papa em agir e à tirania do imperador, Eleanor instou

o papa a usar todos os meios para persuadir o imperador alemão, Henrique VI, a libertar Ricardo, enquanto ela levantava um grande resgate para pagar seus captores. Ele acabou sendo libertado sob sua custódia em 1194 (FERRANTE, [2014?], p.10).

Ferrante ([2014?]) enfatiza que a principal motivação da Rainha Leonor para escrever as cartas ao Papa se dá pelo sequestro de seu filho, o Rei Ricardo I. Ela solicita que ele a ajude a influenciar o Imperador Henrique VI para que o liberte.

Naquele período, Leonor de Aquitânia era quem governava a Inglaterra, mesmo seu filho João estando nomeado para o cargo. Ela fez as intervenções por considerarem, na época, que uma mulher era mais confiável. Mas, era sempre o nome do rei João que aparecia antes do dela, indicando quem era a autoridade

Em uma das cartas, ao Papa Celestino, eram muitas as citações bíblicas, porém, de acordo com Ferrante ([2014?]), não se sabe, com certeza, se todas as foram ditadas por ela, mas, o que se consegue compreender é o clamor de uma mãe angustiada, que sofre pelo sequestro de seu filho e anseia por sua libertação.

É possível identificar, no início da carta, que Leonor procura ter cuidado ao se dirigir ao Papa, pois ela pede perdão por se exceder na linguagem, por ter dado a entender um tom mais gritante e agressivo. Ela alega, ainda, que não pretende desrespeitá-lo, pedindo que o Papa a perdoe, caso ela se expresse mal, pois se trata de uma mãe desesperada.

Ela conta com a autoridade do Papa para, realmente, fazer aquilo que Deus o autorizou a fazer, que é proteger e zelar de todos os fiéis, argumentando que ao “fingir” que não sabe de nada ele se torna conivente com os tiranos, que mantêm seu filho aprisionado. A rainha faz promessas de concessão de poder, afirmando que, logo que seu filho for libertado, poderá retribuir a atenção, aumentando a autoridade e domínio da Igreja. É possível identificar o quanto Leonor se mostra maternal e perturbada ao pedir ajuda ao Papa.

Pernoud (1984), uma das historiadoras que discorrem sobre as Cartas de Leonor, argumenta que elas representam uma expressão de sua dor, indignação e ódio pelo Papa Celestino III não ter feito nada, diretamente, para ajudá-la a libertar seu filho. Ao analisar os documentos, nota-se que a sua autoridade e *persona* apresentam-se, constantemente, conforme vai aumentando a intensidade das

palavras e da linguagem utilizados, demonstrando o poder político e a sabedoria que a caracterizam.

Desde o início da primeira carta em 1193, Eleanor aborda o papa por meio de seu papel de "mãe sofredora" e não como regente da Inglaterra cuidando do rei. Isso sugere que ela sabe qual papel inicialmente a ajudará a convencer o papa a ajudá-la, apelando para o poder dele como homem. Mais tarde, Eleanor apela ao papa como regente, afirmando que os povos dilacerados, a multidão dilacerada, as províncias desoladas se devem à ausência de Ricardo. O tom é de sofrimento em tal massa de miséria, porém isso dura apenas o primeiro terço da carta antes que ela mude para uma bajulação composta. Embora ela se desculpe por usar palavras 'duras', ela culpa a perda pública e pessoal que trouxe tal queixa, humilhando-se. Quando isso é colocado em contexto ao lado de Eleanor, dando a Celestino a oportunidade de se tornar como outros grandes homens bíblicos e papais, encorajando-o a agir, há a sugestão sutil de que ele pode ser o culpado se não fizer nada; o único consolo comum está na espera da autoridade de seu poder ⁶⁹ (PEACOCK, 2013, p. 8 - Tradução nossa).

Ainda sobre a forma de Leonor se expressar em suas cartas endereçadas ao Papa Celestino III, Peacock (2013) alega que, no início, o seu tom é de súplica pelo seu apoio. Contudo, no decorrer da escrita, é possível identificar que seu tom começa a ficar mais áspero, com suas palavras soando como quase uma ameaça, caso ele não fizesse o que ela lhe pedia. A mãe que está sofrendo pela ausência de seu filho dá lugar à rainha, com poder suficiente para derrubar qualquer um que se recuse a ajudá-la.

A primeira carta mostra uma Leonor mais tranquila e menos agressiva, mas, no final da missiva, a rainha não deixa de alertar sobre a lentidão da Igreja em ajudá-la. "Esta primeira carta é muito diplomática; é quando Celestine se recusa a responder ou agir que o tom de Eleanor muda" (PEACOCK, 2013).

A respeito da segunda carta de Leonor de Aquitânia, Ferrante ([2014?], p.10) indica que:

⁶⁹ From the beginning of the first letter in 1193, Eleanor approaches the pope through her role as a "suffering mother" rather than as regent of England caring for the king. This suggests that she knows what role she will initially play in convincing the pope to help her by appealing to his power as a man. Later, Eleanor appeals to the pope as regent, claiming that the torn peoples, the torn multitude, the desolate provinces are due to Richard's absence. The tone is one of suffering in such a mass of misery, but this lasts only the first third of the letter before it switches to composed flattery. Although she apologizes for using 'harsh' words, she blames the public and personal loss that brought such a complaint, humbling herself. When this is placed in context alongside Eleanor giving Celestine the opportunity to become like other great biblical and papal men, encouraging him to act, there is the subtle suggestion that he may be to blame if he does nothing; the only common consolation is waiting from the authority of your power beside.

Esta [...] foi escrita depois que Leopoldo da Áustria entregou Ricardo ao imperador da Alemanha, Henrique VI (fevereiro de 1193); embora ainda cheio de justa indignação com a inação e ingratidão papal e a tirania imperial, inclui uma expressão muito mais pessoal de pesar, desânimo e desapontamento. Eleanor também lembra ao papa as reivindicações papais de jurisdição temporal que carregam a responsabilidade de agir. Eleanor acabou levantando o resgate necessário e Richard foi colocado sob sua custódia em 1194.

No início desta missiva, ela se posiciona como a rainha da Inglaterra, igualando-se ao pontífice em termos de autoridade e poder. Segundo Peacock (2013), ela também demonstra sua tristeza e frustração, as palavras saem repletas de ódio por aqueles que prenderam Ricardo. Leonor já não era mais a mesma que escrevera a carta anterior, argumentando a favor do povo, que sofria com a ausência do rei, e falando sobre si mesma como uma mãe que estava a sofrer.

Nesta carta, a Rainha Leonor de Aquitânia alega que o Papa Celestino tem o poder de ajudar, devido à sua força, que vem de Deus, mas que ela sente que esta não é sua vontade, pois suas atitudes parecem as de alguém que não está preocupado. Inclusive, ela usa a palavra “preguiça” para dar mais ênfase ao seu argumento. Ela questiona o Papa sobre o seu futuro, sobre como quer ser lembrado, exaltando sua experiência política.

A terceira e última Carta de Leonor demonstra que há uma oscilação entre o pedido de ajuda e as acusações ao Papa, por ele não ser solícito. Em consonância com Ferrante ([2014], p.15):

Esta terceira carta inclui expressões ainda mais fortes de sofrimento pessoal com conflitos entre afeto materno e responsabilidade pública, mais alusões a falhas papais no dever e crimes e usurpações imperiais, ganância de todos os lados e lembretes de um Deus vingador, e um apelo à mãe de Deus. Eleanor acabou levantando o resgate necessário e Richard foi colocado sob sua custódia em 1194.

Conforme a análise de Peacock (2013), na comparação com o conteúdo das cartas anteriores, fica evidenciado que se trata de mais do que um pedido pessoal da Rainha Leonor, pois o tom grosseiro, expressando poder, emerge, quando seu drama pessoal se aprofunda.

Aqui ela está cansada de pedir ajuda e não ser ouvida, é o momento em que ela culpabiliza o Papa Celestino III pelo sofrimento dela, e de seu povo, que nunca se acaba, por estarem sem o Rei Ricardo. Ela chega ao ponto de criticar até mesmo

Deus, sua fala é de desespero eminente, de quem não tem mais forças para lutar, então, ela apela por piedade e caridade.

A linguagem religiosa continua quando ela afirma que ele abandona a ovelha confiada aos seus cuidados, o que leva seu tom ao ponto de insultar. Ela então sugere que a vida de Richard vale mais do que a de Celestino, o que é um ataque bastante agressivo, verdadeiramente você deveria oferecer sua vida por ele. Então ela sugere firmemente que Celestino só estaria interessado em salvar Ricardo se fosse lucrativo para ele, se meu filho estivesse prosperando, eles viriam rapidamente ao seu simples chamado, sendo eles legados. Além disso, ela afirma que sua fé foi esmagada, o que poderia ser argumentado porque ela sugere que Celestino não é digno do poder papal, mesmo que ela também reconheça seus próprios pecados: Só você me compele ao desespero, que depois de Deus é minha esperança, salva o filho da tua serva; não puna nele os crimes de seu pai ou a malícia de sua mãe. Isso pode sugerir que ela não o considera melhor do que ela⁷⁰ (PEACOCK, 2014, p. 12 - Tradução nossa).

No final da carta, ela enfatiza o poder do imperador, que deveria ser ele o odiado e o não tolerado. Em consonância com Peacock (2014), utilizando os seus conhecimentos sobre as sagradas escrituras, Leonor alerta o Papa de que ele será acusado de negligenciar ajuda, e que não fazendo isso, ele estará concedendo maiores poderes ao tirano, o que acarretará em sofrimento futuro para todos. O que resta a ela, neste momento, é rezar e implorar para que o Papa mude de posição.

Nas cartas é possível identificar a influência que Leonor tinha, naquele período, por se tratar de uma mulher que dialoga com um membro da igreja como se fosse alguém superior a ele. Ela demonstra suas angústias, clamando pela libertação do seu filho, com ameaças diretas ao Papa Celestino III. Observamos que, em vários trechos das epístolas, destaca-se não só um clamor de uma mãe, mas, também, o de uma mulher enfurecida, por não conseguir o que queria. Afinal, foram três cartas destinadas a ao Papa, com o mesmo objetivo.

Em face do exposto, consideramos que Leonor de Aquitânia se revelou uma mulher inteligente, que detinha poder e influência política sobre a igreja e reis.

⁷⁰ The religious language continues when she claims he abandons the sheep entrusted to her care, which brings her tone to the point of insult. She then suggests that Richard's life is worth more than Celestino's, which is quite an aggressive attack, truly you should offer your life for him. Then she strongly suggests that Celestino would only be interested in saving Ricardo if it was profitable for him. Furthermore, she claims that her faith was crushed, which could be argued because she suggests that Celestine is unworthy, of papal power, even if she also acknowledges her own sins: You alone compel me to despair, who alone after God is my hope, save the son of your handmaid; do not punish him for his father's crimes or his mother's malice. This could suggest that she doesn't think you're better than she is.

Outrossim, foi uma mãe amorosa, que buscou proteger e libertar seu filho, usando todas as “armas” de que dispunha: determinação, astúcia, coragem, diplomacia, poder político, sendo estas algumas das qualidades que a destacaram como uma das soberanas mais poderosas do século XII.

Na Subseção 4.3, abordamos as cartas que o Rei Ricardo I escreveu para a sua mãe, a Rainha Leonor de Aquitânia, conferindo-lhe atribuições como governante, enquanto ele estava em cativeiro. Temos como objetivo investigar traços da personalidade de nossa personagem e de sua atuação no século XII.

4.3 CARTAS DO REI RICARDO I PARA LEONOR DE AQUITÂNIA

As cartas que o Rei Ricardo I escreveu a Rainha Leonor de Aquitânia, enquanto ele estava em cativeiro, demonstram o quanto ele amava e respeitava sua mãe, ao usar palavras atenciosas e amáveis, o que comprova que a educação que recebeu dela não foi só de bons costumes, mas de afetividade de uma mãe zelosa. Ricardo escreveu as missivas enquanto estava no cativeiro, no qual foi colocado pelo Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Henrique VI.

Em um dos trechos da primeira carta, logo no início, Ricardo I cumprimenta Leonor, respeitosamente, ao mesmo tempo, como rainha e como sua mãe. Segundo Turner (2009), pela análise desta missiva, fica evidente que havia uma relação afetuosa entre os dois.

A primeira carta que Ricardo I de Inglaterra envia a D. Leonor data de 30 de março de 1193, um mês depois do rei inglês ter sido entregue ao Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Henrique VI pelo Duque da Áustria, Leopoldo V. Ricardo agradece a Leonor pela boa administração governativa que a rainha-mãe tem tido na ausência do rei de Inglaterra na Terra Santa e enquanto permanece em cativeiro, bem como à sua lealdade (SANTANA, 2018, p. 17).

Porém, também constava na carta um pedido político do Rei Ricardo I, para que Leonor de Aquitânia apoiasse a candidatura papal de Hubert Walter. A rainha atendeu ao pedido, tomando as providências necessárias para firmar as bases da eleição do candidato a papa escolhido pelo rei em cativeiro.

Ainda nesta primeira carta, Ricardo I pediu para que a mãe continuasse a governar a Inglaterra e que nomeasse, juntamente com o Conselho de Regência de Ricardo, o Bispo Hubert, de Salisbury, como arcebispo de Canterbury.

Eleanor desempenhou um papel ativo na segunda eleição de Canterbury, exigida pela morte repentina do novo arcebispo. Somente no início de 1193, enquanto Ricardo era prisioneiro em Alemanha, seus desejos nesta eleição se tornaram conhecidos. O rei nomeou como primaz seu conselheiro de confiança na Terra Santa, Hubert Walter, bispo de Salisbury, e enviou três cartas da Alemanha em 30 de março autorizando uma eleição pelos monges da Catedral de Canterbury e apoiando a candidatura de Hubert Walter ⁷¹ (TURNER, 2010, p. 248 - Tradução nossa).

Segundo o mesmo autor, Leonor de Aquitânia escreveu uma carta endereçada aos funcionários, solicitando que eles apoiassem a indicação do rei para o papado. Ela atendeu ao seu filho por que percebeu que ele se referia à indicação como algo divino e indicado por Deus. Ele demonstrou sua súplica para que fizesse alianças com grandes homens, que poderiam contribuir para a sua libertação. O Rei Ricardo I destacou que não deveria ser escolhido outro papa e que sua vontade deveria ser soberana. Caso Hubert Walter não conseguisse se eleger para o referido cargo, ele deveria ficar vago, até que ele retornasse (TURNER, 2010).

Na segunda carta que Ricardo I escreveu para Leonor, mais uma vez, no início da missiva, ele expressou afeto, carinho e respeito por sua mãe. Nesta missiva, ele também envia cumprimentos aos juízes e fiéis de seu reino, evidenciando que ela já iniciava o primeiro contato com estas pessoas, com o intuito de lhes pedir ajuda com o seu resgate. Sobre isto, Santana (2018, p. 18) aponta:

Ricardo I de Inglaterra envia à sua mãe enquanto este se encontra em cativeiro nas terras germânicas data de 19 de abril de 1193 e é através desta carta que Leonor da Aquitânia passa a ter conhecimento do resgate que o imperador do Sacro Império Romano-Germânico pede em troca da vida do rei de Inglaterra. Para além do dinheiro de resgate, Ricardo I pede à sua mãe a libertação de presos de guerra, resultante do acordo entre o rei de Inglaterra e o imperador alemão.

⁷¹ Eleanor played an active part in Canterbury's second election, necessitated by the sudden death of the new archbishop. Only in early 1193, while Richard was a prisoner in Germany, did his wishes in this election become known. The king appointed his trusted adviser in the Holy Land, Hubert Walter, Bishop of Salisbury, as primate, and sent three letters from Germany on 30 March authorizing an election by the monks of Canterbury Cathedral and supporting Hubert Walter's candidacy.

Foi quando recebeu esta carta que a angústia de Leonor de Aquitânia aumentou e ela se deu conta que precisava fazer algo para ajudar seu filho. Nesta missiva, Ricardo I relatou que estava sendo bem tratado e tinha conforto, mas que ele precisava de dinheiro e que ela deveria cumprir o acordo proposto para a libertação dos presos, uma vez que, feito isto, seria libertado.

O rei também pediu à Rainha Leonor que organizasse todos os seus bens e arrecadasse tudo que fosse possível, em ouro e propriedades, para o pagamento de sua liberdade, recomendando, ainda, que ela procurasse todos os magnatas e senhores do reino para solicitar-lhes ajuda, prometendo a eles que, depois que ele estivesse livre, ele os agradeceria com o dobro de sua lealdade.

Segundo Santana (2018), o tempo estava passando, desde que o acordo inicial entre o imperador e o Rei Ricardo I tinha sido feito, o que deixava Leonor mais apreensiva, pois mesmo ela tendo arrecadado a quantia solicitada, seu filho não tinha sido libertado e novas quantias foram exigidas.

Na terceira carta recebida por Leonor de Aquitânia, pode ser identificada a ordem que a rainha deveria dar para os monges, pedindo aos seus conselhos para aceitarem a indicação para a nova candidatura. O rei destaca a lealdade de Hubert, por ele ter estado em todas as batalhas ao lado dele, além de pedir a Leonor que ajude a igreja, apressadamente, para negociar a sua libertação.

Na terceira e última carta (de que se tenha conhecimento) que Ricardo I envia à sua mãe, Leonor da Aquitânia, datada de 8 de junho de 1193, menos de dois meses depois da carta anterior, Ricardo pede a Leonor para que a rainha regente de Inglaterra intervenha diretamente na nomeação do próximo Arcebispo de Canterbury e num tom de urgência, já que se mantém cativo na Alemanha e não pode intervir diretamente nas ações reais da governação de Inglaterra, pede a ajuda da sua mãe para mais uma vez continuar a administrar os ducados reais Plantageneta de Inglaterra e de França na sua ausência e ajudar os bispados e arcebispos na sua governação (SANTANA, 2018, p. 19).

A terceira carta é mais curta e objetiva e nela o Rei Ricardo I deixa claro que a nomeação do Arcebispo é primordial, evidenciando, também, o quanto ele tem gratidão e admiração por sua mãe, pelo empenho dela em cuidar de seu reinado e sempre proteger as suas terras. Ele agradece, ainda, pelos ensinamentos de Leonor de Aquitânia, pelos seus conselhos para que cultivassem a paz em suas terras, além de expressar o desejo de que estas permanecessem com eles por todos os anos futuros.

Conforme Santana (2018, p. 19), “Em fevereiro de 1194, depois dos embaixadores de Henrique VI e do Duque da Áustria receberem o resgate pedido em Mentz, Alemanha, Coeur de Lion é finalmente libertado e regressa à Inglaterra já com a ajuda do Papa Celestino III”. Após a morte de Ricardo I, em 1199, seu irmão João se tornou rei.

Na Subseção 4.4, analisamos uma carta do Rei João para sua mãe Leonor de Aquitânia. Neste documento, que julgamos de extrema importância, identificamos o reconhecimento do rei de que Leonor poderia governar seu próprio território de Aquitânia. Este momento representou o ápice para a Rainha, uma vez que esta passou muitos anos de sua vida lutando para alcançar este objetivo.

4.4 CARTA DO REI JOÃO PARA LEONOR DE AQUITÂNIA

Em consonância com Turner (2009), em uma de suas correspondências para seu filho João, a rainha o reconheceu como seu herdeiro e deu a ele as suas terras da Aquitânia. Foi identificado, ainda, que ele também reconheceu que Leonor deveria governá-la, afinal, lutou por isso durante sua vida toda, portanto, ela merecia tomar conta de suas terras. O rei João declarou que ela poderia governar Aquitânia da forma como quisesse, tendo sua permissão e apoio incondicionais. A única condição que ele impôs era que as terras fossem dos dois.

Durante uma visita de verão de Eleanor à corte do rei João em Rouen, ela trocou cartas com ele, planejando arranjar um condomínio na Aquitânia para mãe e filho. Na carta de Eleanor, ela reconheceu seu filho como seu herdeiro legítimo, cedeu Poitou (toda a Aquitânia está implícita) a ele e aceitou sua homenagem; e ela transferiu a homenagem, lealdade e serviço dos bispos e da nobreza leiga do condado para ele. John, por sua vez, emitiu uma carta devolvendo a província a ela por toda a vida ou pelo tempo que ela desejasse, para governar como sua senhora (dominar). Essa troca de cartas reconhecia sua autoridade "coordenada e coextensiva", mantendo em conjunto o tipo de direito de propriedade comumente compartilhado por marido e mulher, já que nenhum deles poderia dispor de propriedade sem o consentimento do outro. O rei João nomeou senescais que chefiavam a administração em Poitou e na Gasconha, mas a autoridade de sua mãe ali era genuína⁷² (TURNER, 2010, p. 210 - Tradução nossa).

⁷² During a summer visit by Eleanor to King John's court in Rouen, she exchanged letters with him, setting out to arrange a condominium over Aquitaine for mother and son. In Eleanor's letter, she recognized her son as her rightful heir, ceded Poitou (all of Aquitaine is implied) to him, and accepted his homage; and she transferred the homage, allegiance, and service of the bishops and lay nobility of the county to him. John, in turn, issued a charter returning the province to her for her life or for as long as she wished, to rule as her lady (dominate). This exchange of letters recognized their "coordinated

Argumentamos que a carta do Rei João para Leonor de Aquitânia é um documento muito importante, pois é nela que se pode identificar o reconhecimento de seu filho, que a enxergou como alguém que poderia governar seu próprio território, depois de passar muitos anos dando sua vida para alcançar este objetivo.

Nas cartas que revisamos anteriormente foi possível notar a linguagem utilizada pelo Rei Ricardo I, como a de um filho que teve uma educação cortês, pois, em suas palavras, ele demonstrava respeito, consideração e afeto para com a Rainha Leonor de Aquitânia. É preciso lembrar que, naquele período, ao educar os filhos para a corte e para o governo, era primordial valorizar as virtudes. Nesse sentido, ao se analisar o acordo com o Rei João, sua decisão em colocar a Rainha Leonor de Aquitânia como governante de suas terras, identificamos a honra e sensatez de uma educação que prezava pelos valores e pelas virtudes.

Considerando as pesquisas realizadas sobre Leonor de Aquitânia, compreendemos sua importante influência na educação social, religiosa, cultural e política do século XII, levando em conta como era a organização social e a educação familiar da época.

Quando tratamos da educação pensada por Leonor de Aquitânia, observamos que esta prezava pelos valores e bons costumes na corte. Dessa forma, ao realizar as festas com a participação de músicos ela promovia a cultura da arte e da dança, no período medieval. Além disso, ela mostrava que existia uma distinção entre os senhores e os servos, e que a maneira como eles (a realeza) se comportavam à mesa e nos eventos realizados no reino dizia muito sobre sua autoridade, classe social e autonomia.

De fato, Leonor de Aquitânia escolheu viver segundo suas próprias regras, negando-se a se submeter à função limitada que era atribuída às mulheres, regulada pela religião e pelos costumes. Sobre esta decisão, Turner (2010) declara que:

Ela pagou um preço alto por sua insistência em escolher seu próprio destino, testemunhando a ruína de sua reputação, afastamento de dois maridos, e até anos duradouros de prisão. Por fim, Leonor em sua viuvez alcançou o poder político que sempre assumiu ser seu direito. Em exercício autoridade, Leonor mostrou profundamente dedicada para com os filhos, aplicando as habilidades políticas em seu serviço. Seu papel em proteger a Inglaterra para

and coextensive" authority, jointly maintaining the kind of property rights commonly shared by husband and wife, as neither could dispose of property without the consent of the other. King John appointed seneschals who headed the administration in Poitou and Gascony, but his mother's authority there was genuine.

Richard Coração de leão, enquanto ele estava afastado na Cruzada e depois confinado em cativeiro era essencial para a ordem interna do reino e segurança externa⁷³ (TURNER, 2010, p. 218. Tradução nossa).

O mesmo autor acrescenta que, no século XII, uma mulher como Leonor de Aquitânia, segura de sua capacidade e ávida para exercer o poder, com certeza, foi considerada uma ameaça à boa organização social, por transgredir os padrões de comportamento que eram determinados pela igreja e pela aristocracia.

Escurecer a reputação de Eleanor com acusações de imoralidade pessoal foi a resposta dos formadores de opinião à sua chocante recusa em se conformar às normas da sociedade medieval. Nos séculos que se seguiram, o mito triunfou completamente sobre a realidade. Hoje, despir essas lendas é essencial para que uma 'imagem verdadeira' de Eleanor seja recuperada⁷⁴ (TURNER, 2010, p. 232 - Tradução nossa).

Portanto, pesquisar sobre Leonor de Aquitânia nos oportunizou desmistificar o papel das mulheres da Idade Média, entender que a história está repleta de exemplos de personagens femininas que exerceram atividades de liderança política, estiveram à frente de exércitos, lutaram em batalhas, trabalharam em oficinas, enfim, estiveram presentes nas diversas esferas da sociedade medieval.

Ao final desta pesquisa, na Seção 5, apresentam algumas ponderações a respeito dos ensinamentos deixados por Leonor de Aquitânia, como fruto de sua participação no cenário político, religioso e cultural do século XII.

⁷³ Eleanor of Aquitaine lived her life on her own terms, refusing to accept the increasingly restricted role allowed to women by religion and custom. She paid a heavy price for her insistence on choosing her own destiny, witnessing the ruin of her reputation, estrangement from two husbands, and even years of imprisonment. Eventually, Leonor in her widowhood achieved the political power she always assumed was her right. In the exercise of authority, Leonor was deeply devoted to her children, applying her political skills to her service. Her role in protecting England for Richard Lionheart while he was away on the Crusade and later confined in captivity was essential to the realm's internal order and external security.

⁷⁴ In the twelfth century, a woman confident in her own abilities and eager to wield power seemed to threaten the good order, violating the standards of behavior set forth below by both the church and aristocracy. Darkening Eleanor's reputation with accusations of personal immorality was the response of opinion leaders to her shocking refusal to conform to the norms of medieval society. In the centuries that followed, myth completely triumphed over reality. Today, stripping away these legends is essential if a 'true image' of Eleanor is to be recovered.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar os ensinamentos de Leonor de Aquitânia, no que se refere à sua participação no cenário político, religioso e cultural do século XII, considerando sua biografia e as cartas escritas por ela e para ela. Propomos, portanto, uma investigação teórica e científica aos professores que valorizam a história, a memória e o papel de Leonor de Aquitânia, em contextos históricos que unifiquem o passado e o presente nos aspectos da formação social.

No decorrer da análise, organizamos tópicos para descrever a trajetória de Leonor de Aquitânia, no século XII, buscando mostrar que os seus ensinamentos, a partir dos estudos teóricos e práticos da sua formação, criaram perspectivas e projeções políticas, religiosas e sociais para a preservação dos seus poderes, os quais ela mediava com o Papa e com o Rei.

Como se trata de uma mulher do período medieval, o acesso a documentos traduzidos foi satisfatório para a realização da Dissertação, sendo que para isto acontecer buscamos pesquisadores/estudiosos de Leonor de Aquitânia, que nos possibilitaram o desenvolvimento da investigação.

Dentre os principais resultados encontrados em nossa busca, apontamos os estudos realizados por historiadores, como os professores Nicholas Vicent e Ralph Turner, que há algumas décadas estudam sobre o século XII e seus reis, Luís VII e Henrique II, e a Rainha Leonor de Aquitânia. No que se refere aos dados encontrados, destacamos que as análises das cartas e documentos existentes, não deixaram dúvidas sobre a influência da educação social, religiosa, cultural e política de da referida personagem, durante seus reinados, na França e na Inglaterra.

Esses pesquisadores contribuíram significativamente para a análise escrita, visto que as citações, para a confirmação de nossas interpretações, estão centradas neles, ou seja, nas questões teóricas que colaboraram para a fundamentação dos dados.

Por muitos anos, destacou-se o lado romântico e traidor de Leonor de Aquitânia, que protagonizou o divórcio de seus relacionamentos. No caso de Vicent e Turner, o que os autores buscam provar em suas análises é que Leonor representou as mulheres da sua época com inteligência, destacando a influência daquelas que

pertenciam à nobreza, de maneira geral, sobre as decisões que seus maridos tomavam em suas cortes.

Como contribuição social, os resultados demonstram que a mulher, neste caso, estudada na pessoa de Leonor de Aquitânia, no decorrer do século XII, foi fundamental para as decisões econômicas, sociais, culturais, religiosas e políticas. Isso faz com que a imagem da mulher forte, guerreira, dona de sua vida e das próprias decisões se manifeste e se iguale às mulheres retratadas na atualidade, conduzindo-nos à reflexão de que estamos tratando aqui de uma história de lutas constantes, que já existiam antes, no passado, e que têm perpassado por anos e gerações.

Observamos que, em seu acordo de casamento com o Rei Luis VII, Leonor de Aquitânia conseguiu que seu território de Aquitânia permanecesse independente da França, até que um de seus filhos, o mais velho, se tornasse rei, a fim que suas raízes e heranças culturais de sua família pudessem transcender por muitas gerações.

Leonor de Aquitânia conduziu outras mulheres para a Segunda Cruzada, fato que não era comum, ou não era tão retratado na literatura. E mesmo que estas mulheres tenham ido para servir a ela e ao exercito, sua atitude nos indica a força e a coragem que elas demonstraram ao enfrentar os campos de batalhas.

Na educação social, ficou evidente que, por ter nascido onde a poesia trovadoresca nasceu, e seu avô ter sido um dos primeiros trovadores, Leonor se tornou a maior patrocinadora da literatura e da arte, no século XII, patrocinando músicos, gaiteiros, tocadores de viola e escritores, que tratavam de disseminar, por meio de seus talentos artísticos, o quanto o reino era alegre e o povo era fiel ao rei e à rainha.

A educação recebida por Leonor lhe permitiu ajudar a mudar os hábitos das cortes por onde passou, pois ela pôde ensinar ao povo e aos nobres sobre boas maneiras e bons costumes. Seu palácio se tornou um espaço educativo de boas maneiras, onde era possível identificar os homens educados dos plebeus mais grosseiros.

As cartas de Leonor para o Papa Cesletino III apontam indícios de que ela tinha influência sobre a igreja, além de demonstrarem que ela se comportava como uma autêntica rainha, que foi educada para manifestar suas inquietações e que atuava, com diplomacia e inteligência, a fim de concretizar suas aspirações. Seu clamor de mãe, que sofria pelo filho que estava preso, demonstra que Leonor de

Aquitânia tinha fragilidades, como qualquer outra mulher de sua época, mas que também era forte e corajosa, quando o assunto era a liberdade de um dos seus filhos.

Nas cartas que os filhos enviaram para Leonor, encontramos indícios que ambos tiveram boa educação e valorizavam muito os seus conselhos, admirando a sua força e habilidade política. No que tange ao poder e à influência de Leonor de Aquitânia, os filhos confiavam muito na sua inteligência, tanto o Rei Ricardo I, que atribuiu a ela a responsabilidade de governar a Inglaterra, enquanto ele estivesse fora, quanto o Rei João, ao permitir que Leonor governasse as terras de Aquitânia, enquanto ela estivesse viva.

Uma limitação a ser destacada é a de que as cartas originais, os documentos e os escritos da época não estão acessíveis em bibliotecas nacionais. Desse modo, conforme já mencionado, esta pesquisa se fundamentou nas contribuições dos professores citados, que tinham estudos desenvolvidos (e alguns em fase de pesquisa ainda) sobre os documentos referentes a Leonor de Aquitânia.

É importante salientar que, apesar das dificuldades e do tempo curto para o desenvolvimento de nossa investigação, observamos que nosso objeto de pesquisa também é foco de outros pesquisadores, de universidades internacionais, que estão estudando/analizando mais documentos sobre Leonor de Aquitânia.

Durante nossa investigação, os referenciais teóricos que encontramos sobre Leonor de Aquitânia, no Brasil, provocou-nos profunda inquietação, uma vez que a maioria deles eram crônicas, que tratavam do assunto sob uma perspectiva romântica, voltada para o amor e a fidelidade inerentes aos comportamentos femininos. Esta evidência nos preocupa, uma vez que identificamos a falta da visão científica sobre os fatos estudados, que é condição *sine qua non* para se fazer ciência.

Argumentamos que esta tese pode se tornar fonte de consulta por historiadores, professores e pesquisadores, levando em conta as nossas próprias dificuldades para encontrar informações sobre Leonor de Aquitânia. Há ainda os referenciais teóricos que citamos anteriormente, de Ricardo Alexandre Fonseca Santana (2018) e Nicholas Vincent (2020), que se encontravam em fase de pesquisa e de comprovação dos dados, mas que também poderão se tornar importantes fontes para busca de dados.

REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Zuleika. Por uma nova imagem. **Educação & Cultura**. Diário Comercial, Ano II, nº 48.

ARELLANO, Frank. Feudalismo. **Significados**. Publicado em: [2011-2023]. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/feudalismo/>>. Acesso em: 4 jun. 2023.

BENTES, Roberta. Leonor D'Aquitânia: a loba sedenta por poder e conhecimento. **Anais... II Seminário Mulheres na História, na Literatura e nas Artes: entre práticas e representações**. Organizadoras: Ana Luiza Mendes; Elen Biguelini; Roberta Bentes. Curitiba, Setor de Ciências Humanas Universidade Federal do Paraná, 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu/43915691/leonor_d_aquit%C3%82nia_a_loba_sedenta_por_poder_e_conhecimento>. Acesso em: 15 abr. 2023.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

BROWN, Elizabeth A. R. Eleanor of Aquitaine reconsidered: the woman and her seasons. *In*: **Leonor da Aquitânia**. The new middle age. Bonnie Wheeler e John Carmi Parsons (Orgs.). New York: Palgrave Macmillan, 2003.

CARTWRIGHT, Mark. Segunda Cruzada. **Enciclopédia da História Mundial**. Publicado em: 17 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-16759/segunda-cruzada/>>. Acesso em: 11 jul. 2023.

CORRAL, José Luis. O esplendor e declínio da cavalaria medieval. **National Geographic Portugal**. Publicado em: 21 abr. 2022. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.pt/historia/o-esplendor-e-declinio-da-cavalaria-medieval_3041#:~:text=Os%20cavaleiros%20tornaram%2Dse%20uma,a%20fama%20e%20a%20honra.>. Acesso em: 8 jun. 2023.

COSTA, Flamarion Laba da. Prefácio. *In*: SCHIPANSKI, Carlos Eduardo. PONTAROLO, Luizangela Padilha. **História medieval**: releitura de uma época. Guarapuava: Editora da Unicentro, 2009.

DALARUN, Jacques. Olhares de Cléligos. *In*: Duby, Georges; PERROT, Michelle; KLAPISCH-LUBER, Christiane. História das Mulheres no Ocidente: a Média. Porto: Afrontamento, 1993.

DUBY, G. **As damas do século XII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

DUBY, George. **Alienor**. *In*: **Damas do século XII**. Paris: Éditions Gallimard, 1996, p. 11-21

EARENIGHT, Theresa. Turner, Eleanor de Aquitaine. **The Medieval Review**. Publicado em: 11 fev. 2021. Disponível em: <<https://scholarworks.iu.edu/journals/index.php/tmr/article/view/17163/23281>>. Acesso em: 10 set. 2022.

FERRANTE, Joan. A letter from Eleanor of Aquitaine (1193). **Epistolae**. Columbia University Libraries. Publicado em: [2014?]. (Carta I). Disponível em: <<https://epistolae.ctl.columbia.edu/letter/139.html>>. Acesso em: 2 jun. 2022.

FERRANTE, Joan. A letter from Eleanor of Aquitaine (1193). **Epistolae**. Columbia University Libraries. Publicado em: [2014?]. (Carta II). Disponível em: <<https://epistolae.ctl.columbia.edu/letter/140.html>>. Acesso em: 2 jun. 2022.

FERRANTE, Joan. A letter from Eleanor of Aquitaine (1193). **Epistolae**. Columbia University Libraries. Publicado em: [2014?]. (Carta III). Disponível em: <<https://epistolae.ctl.columbia.edu/letter/141.html>> Acesso em: 2 jun. 2022.

FERRANTE, Joan. Eleanor of Aquitaine. **Medieval women's latin letters**. Epistolae. Columbia University Libraries. Publicado em: [2014?]. Disponível em: <<https://epistolae.ctl.columbia.edu/woman/24.html>>. Acesso em: 23 mar. 2022.

FERRANTE, Joan. Eleanor of Aquitaine. **Medieval women's latin letters**. Epistolae. Columbia University Libraries. Publicado em: [2014?]. Disponível em: <<https://epistolae.ctl.columbia.edu/letter/149.html>>. Acesso em: 9 jul. 2023.

FERRANTE, Joan. Eleanor of Aquitaine. **Medieval women's latin letters**. Epistolae. Columbia University Libraries. Publicado em: [2014?]. Disponível em: <<https://epistolae.ctl.columbia.edu/letter/864.html>>. Acesso em: 9 jul. 2023.

FERRANTE, Joan. Eleanor of Aquitaine. **Medieval women's latin letters**. Epistolae. Columbia University Libraries. Publicado em: [2014?]. Disponível em: <<https://epistolae.ctl.columbia.edu/letter/148.html>>. Acesso em: 9 jul. 2023.

FERRANTE, Joan. Eleanor of Aquitaine. **Medieval women's latin letters**. Epistolae. Columbia University Libraries. Publicado em: [2014?]. Disponível em: <<https://epistolae.ctl.columbia.edu/letter/867.html>>. Acesso em: 9 jul. 2023.

FRAZÃO, Dilva. Henrique II da Inglaterra. **eBiografia**. Publicado em: 11 out. 2019. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/henrique_ii_da_inglaterra/>. Acesso em: 12 jun. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

JÚNIOR, Hilário F. **A Idade média**: nascimento do ocidente. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

KOESTLER-GRACK, Rachel A. **Eleanor of Aquitaine**. Heroine of the middle Ages. Philadelphia: Chelsea House publishers, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2003.

- LE GOFF, Jacques. **As Raízes Medievais da Europa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1992.
- MARTON, Fábio. A mulher medieval. **Super Interessante**. Publicado em: 7 jul. 2020. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/a-mulher-medieval>>. Acesso em: 14 jun. 2023.
- MONTESANO, Marina. Leonor de Aquitânia, a soberana de dois reinos. **National Geographic Portugal**. Publicado em: 2 jan. 2018. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.pt/historia/leonor-aquitania-a-soberana-dois-reinos_1676>. Acesso em: 6 jun. 2023.
- NUNES, Rui Afonso da Costa Nunes. **História da Educação na Idade Média**. São Paulo: EPU, 1979.
- PEACOCK, Claire. **Eleanor of Aquitaine**. Reconsidering the Scripted Manipulations of a Resilient Matriarch. Dissertation (BA Archaeology and History). University of Reading. Berkshire, Inglaterra, 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Claire_Peacock/publication/259260261_EleanorOfAquitaine/links/0deec52a9b629c814c000000>. Acesso em: 4 fev. 2022.
- PERNOUD, Régine. **A mulher no tempo das cátedras**. Portugal: Gradiva, 1984.
- PIRENNE, Henri. **História Econômica e Social da Idade Média**. São Paulo: Mestre, 1973.
- RIVER, Charles. **Leonor de Aquitania: la vida y legado de la mais famosa rainha da Europa medieval**. Califórnia: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2018.
- SANTANA, Ricardo. **O Papel de Leonor da Aquitania nos Reinados de Ricardo I e de Joao de Inglaterra (1189-1204)**. Mestrado em História Medieval, Universidade de Lisboa, 2018. 34 p. Disponível em: <https://www.academia.edu/44336771/O_Papel_de_Leonor_da_Aquitania_nos_Reinados_de_Ricardo_I_e_de_Joao_de_Inglaterra_1189_1204_>. Acesso em: 3 fev. 2023.
- SCHIPANSKI, Carlos Eduardo. PONTAROLO, Luizangela Padilha. **História medieval: releitura de uma época**. Guarapuava: Editora da Unicentro, 2009.
- SILVA, Daniel Neves. Idade Média. **Brasil Escola**. Publicado em: 2023. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/idade-media.htm>>. Acesso em: 27 jun. 2023.
- SILVA, Josie Agatha Parrilha; NARDI, Roberto. **Arte e Ciência na Lua: Interdisciplinaridade e formação de professores**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

SILVA, Michele Maria da; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SILVA, Glênio Oliveira da. A pesquisa bibliográfica nos estudos científicos de natureza qualitativos. **Revista Prisma**, v. 2, n. 1, p. 91-103. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/45>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SILVEIRA, Marta. Mulheres na Idade Média. **Mulheres de luta**. Publicado em: 5 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.mulheresdeluta.com.br/mulheres-na-idade-media/>>. Acesso em: 3 jun. 2023.

TURNER, Ralph V. Once More a Queen and Mother: England, 1154-1168, in: **Eleanor of Aquitaine: Queen of France, Queen of England**. Connecticut: Yale University Press, 2009. p. 123-149.

Turner, Ralph V. **Eleanor of Aquitaine, Queen of France, Queen of England**. New Haven: Yale University Press, 2010. Pp. xviii, 395. 35.00. ISBN: 9780300119114. (PRINCIPAL REFERENCIA)

VINCENT, Nicholas. Patronage, Politics and Piety in the charters of Eleonor de Aquitaine. *In: Plantagenêts et Capétiens: confrontations et heritages*. Martin Aurell et Noel-Yves Tonnerre (Édité). Belgium: Brepols, 2006. Disponível em: <<https://www.mgh-bibliothek.de/dokumente/b/b034648.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2022.

VINCENT, Nicholas. English (and European) Royal Charters: from Reading to Reading. **Reading Medieval Studies**, v. 46, p. 67-127, 2020. Disponível em: <https://www.reading.ac.uk/gcms/-/media/project/functions/research/graduate-centre-for-medieval-studies/documents/rms-2020/rms2020_8_vincent_english_and_european_royal_charters.pdf?la=en&hash=2F85CE6C976EA6534F0DA631882C2139>. Acesso em: 12 mai. 2022.

WEIR, Alison. **Eleanor of Aquitaine: a life**. New York: Ballantine Books, 2008.



Fonte: Elaborado pela autora⁷⁵.

⁷⁵ Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFqI09iGtY/Mi4L8SnB6ggG8HkhUu6gTg/edit>

ANEXO A

Figura 1 - I Carta ao Papa Celestino III – Traduzida


Medieval Women's Latin Letters

[Lar](#)
[Mulheres](#)
[Cartas](#)
[Genealogia](#)
[Recursos](#)
[Sobre](#)

Uma carta de Leonor da Aquitânia (1193)

Remetente
Leonor da Aquitânia

Receptor
Celestino III, papa

Carta traduzida:

Para seu reverenciado pai e senhor, Celestine, pela graça de Deus o mais alto pontífice, A [Eleanor], na ira de Deus rainha dos ingleses, duquesa da Normandia e condessa de Anjou, para mostrar-se um pai para ela, um mãe sofredora. Eu havia decidido ficar em silêncio, para não ser acusado de insolência e presunção se o transbordamento de meu coração e a violência de minha dor evocassem alguma palavra menos cautelosa contra o príncipe dos sacerdotes. O luto não é muito diferente da doença: no ímpeto de seu fogo não reconhece senhores, não teme colegas, não respeita nem poupa ninguém, nem a si mesmo. Que ninguém se surpreenda, então, se o poder da dor tornar as palavras mais duras, pois lamento uma perda pública enquanto a dor privada está inconsolavelmente enraizada nas profundezas do meu espírito. Pois as flechas do Senhor estão em mim, e a indignidade disso drena meu espírito. Os povos dilacerados, a multidão dilacerada, as províncias desoladas e toda a igreja ocidental, consumida por lamentos, em espírito contrito e humilhado, imploram a você, a quem Deus colocou sobre os povos e reinos em toda a plenitude do poder. Rogo que o clamor dos aflitos entre em vossos ouvidos; pois nossas calamidades são multiplicadas além do número. Você não pode fingir que não sabe do crime e da infâmia, quando é o vigário do crucificado, o sucessor de Pedro, o sacerdote de Cristo, o unguido do Senhor, o Deus até do Faraó. Da tua face, pai, saia o juízo, vejam os teus olhos a equidade; em sua decisão e na misericórdia de seu ver, dependem os votos do povo e, a menos que sua mão apreenda o julgamento cedo, toda a tragédia desse mal redundará em você, já que és o pai dos órfãos e juiz das viúvas, o consolador dos aflitos e aflitos, a cidade de refúgio para todos. Em tal massa de miséria, o único e comum consolo é esperado da autoridade de seu poder. Os filhos de Israel em suas dificuldades consultaram Moisés, de quem você é vigário, e fugiram para o tabernáculo da aliança em sua angústia. Nosso rei está confinado e por todos os lados a angústia o oprime. Você vê o estado, na verdade a queda do reino, a malícia do tempo, a crueldade do tirano que incessantemente forja armas de iniquidade da fornalha da avareza contra o rei que, em sua santa peregrinação, sob a proteção do Deus de céu e aos cuidados da igreja romana, ele capturou e conteve por correntes de aprisionamento e a quem ele está matando por prisão/medo. Pois ele despreza a Deus e sua terrível justiça, medita sobre o saque, e não há quem possa arrancar [o rei] de sua mão. Se a igreja romana, de mãos dadas, se cala para tantas injúrias de Cristo, que Deus se levante e julgue nossa causa e olhe para a face de seu unguido. Onde está o zelo de Elias contra Acabe, o zelo de João contra Herodes, o zelo de Ambrósio contra Valente, o zelo de Alexandre III que, como ouvimos e vimos, cortou o pai deste príncipe, Frederico [Barbarossa, pai de Henrique VI], com plena autoridade da sé apostólica, solene e terrivelmente, da comunidade dos fiéis? Doravante, o tirano despreza as chaves apostólicas e considera a lei de Deus apenas como palavras. Mas, ainda mais constantemente, você deve agarrar a espada do espírito, que é a palavra de Deus. Pois está escrito: Quem te despreza, me despreza. Portanto, se você não deseja injuriar a si mesmo ou à igreja romana, não deve esconder a vergonha de Pedro nem a injúria de Cristo. Que a palavra do Senhor não esteja presa em sua boca, nem o medo humano destrua o espírito de liberdade em você. É mais aceitável cair nas mãos dos homens do que abandonar a lei de Deus. Eles agora confiam em seu poder e

glória na multidão de suas riquezas, os inimigos da cruz de Cristo, cujo fim é a ruína e cuja glória é a confusão deles. A boca insaciável da ganância devora tudo o que é retirado das necessidades das igrejas e dos pobres, mas se aproxima o tempo em que a mão do Senhor se vingará e o abençoado Jó protestará contra o predador ímpio: as riquezas que ele devorou ele vomitará e Deus os expulsará de seu ventre; ele devolverá tudo o que fez e não o consumirá. Pois ainda que fujam do julgamento humano dentro do tempo, o divino que paira sobre eles é mais terrível; sua alegria presente é como um momento, mas seu castigo de fogo e vermes é sem fim. Que perseguidor da inocência já escapou da mão vingadora daquele que tira o espírito dos príncipes e castiga poderosamente os poderosos? Embora eu fique calado sobre a punição geral, muitas vezes lemos como o dedo de Deus, por seu julgamento, transfere reinos e impérios, poderes que ele levanta como quer e como quer derruba. Que nenhum orgulho secular o impeça, eu oro. Moabe é orgulhoso e seu orgulho é maior que sua coragem; mas o nome do Senhor é a maior fortaleza. Isso entristece a igreja publicamente e excita um pouco os murmúrios do povo à custa de sua opinião sobre você que, diante de tal crime, de tantas lágrimas, das súplicas de tantas províncias, você não enviou um mensageiro a esses príncipes. Frequentemente, por causas insignificantes, seus cardeais foram despachados em legações com grande poder até mesmo para regiões bárbaras; ainda assim, em uma causa tão árdua, lamentável e comum, você ainda não enviou um subdiácono ou acólito. O lucro faz legados hoje, não o respeito a Cristo, não a honra da igreja, não a paz dos reinos ou a salvação do povo. Que lucro ou resultado poderia ser mais glorioso para você do que exaltar, nesta libertação do rei, o pico do mais alto pontificado, o sacerdócio de Aaron e Phineas? Certamente não teria humilhado muito a dignidade da Santa Sé se tivesse descido pessoalmente à Alemanha para libertar tal príncipe: aquele que foi recebido com tanta cortesia na prosperidade não deveria ser abandonado com tanta preguiça na adversidade. Por que você não pesa na balança da justiça os benefícios que o pai deste rei, Henrique [II] de boa memória, mostrou a você como testemunhamos no ponto de sua maior necessidade em contraste com a tirania de Frederick que ele exerceu contra você e as posses da igreja romana e todos os que aderiram fielmente a você? Pois quando esse mesmo Frederico, promotor e autor da dissensão cismática, conspirou da parte do apóstata Otaviano contra Alexandre III, canonicamente eleito como você sabe, e a igreja trabalhou em todas as terras sob a pressão desse cisma, os reis da França e A Inglaterra foi abordada por várias legações de ambos os lados. Quando o rei da França, flutuando com a variedade de conselhos, vacilou em dúvida sobre qual lado favorecer, o rei Henrique, lamentando que a túnica de Cristo tivesse sido rasgada por tanto tempo, foi o primeiro a se aproximar do papa Alexandre e com grande cuidado desenhar o rei dos francos ao consentimento apostólico, fortalecido com seus conselhos e fortalecido com sua ajuda e colocou o navio de Pedro que corria o risco de afundar em segurança na praia. Vimos essas coisas em Châteauroux, onde a magnificência real satisfaz os desejos dos romanos que pregaram o milagre publicamente com

maiores presentes de ouro e prata. de tal benefício; sempre que o fermento do cisma é novamente trazido à tona por causa semelhante, Deus me livre, a lembrança de sua atual preguiça e defeitos fará alguns chorarem. Se aquela velha serpente astuta, aquela cobra tortuosa, impede a libertação daquele rei com maquinações enganosas, confiamos no Senhor que ele, no devido tempo, olhará para o rosto de seu ungido e dará pleno poder a seu rei. Nossa expectativa se fortalece na esperança certa e na fé firme; que haja oração incessante da igreja a Deus por ele. Deus, porém, que atende a tempo e ajuda no dia da salvação, atenderá às orações dos homens e não rejeitará suas súplicas; a oração assídua do justo tem grande valor. O sol parou na oração de Josué e a lua não se moveu contra o vale de Aijalon, pois as orações dos justos impedem que o sol da justiça deixe o coração dos pecadores e a mente do homem, embora propenso ao defeito, não obstante se firma na estabilidade das virtudes. Pois não apenas o pecado é perdoado pela oração, mas a punição do pecado é reduzida pelo benefício da oração. É bom que o rei esteja pronto para saudar o Senhor com silêncio, pois, se ele agora é purificado na fornalha da tribulação por Deus, que dispõe de adversidade e prosperidade com moderação muito salutar, sua irritação passará para a glória e para sua presente dupla confusão e vergonha ele possuirá duplamente em sua terra. Bem-aventurado o homem que confia no Senhor e o Senhor será a sua garantia. Certamente, como agora há suspiros públicos e lágrimas gerais por ele, então, no devido tempo, o que é desejado pelas pessoas com desejos comuns acontecerá com a alegria de toda a terra. Senhor, em teu poder o Rei se alegrará e a igreja Romana,



COLUMBIA UNIVERSITY LIBRARIES



COLUMBIA | CTL
Center for Teaching and Learning

Salvo indicação em contrário, o conteúdo deste blog está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0) . O código-fonte do Epistole está no Github com licença GNU GPLv2 .

Fonte: Ferrante ([2014?]).

ANEXO B

Figura 2 – I Carta ao Papa Celestino III – ORIGINAL



Medieval Women's Latin Letters

Lar
Mulheres
Cartas
Genealogia
Recursos
Sobre

Uma carta de Leonor da Aquitânia (1193)

Remetente
Leonor da Aquitânia

Receptor
Celestino III, papa

Carta original:

Reverendo Patri et domino Coelestino, Dei gratia summo pontifici A. in ira Dei regina Anglorum, ducissa Normanniae et comitissa Andegaven., miserae matri exhibere se patrem. Silere decreveram, ne insolentiae et praesumptionis argumenterer, si forte adversus principem sacerdotum verbum aliquod minus cautum abundanteia cordis, et vehementia doloris eliceret. Sane non multum ab insania differt dolor, dum in impetu suae accensionis est, dominos non agnoscit, socium non veretur, nec defert, nec parcat alicui, sed nec sibi. Nemo ergo miretur, si verborum modestiam vis doloris exasperet, jacturam enim plango publicam: sed et familiaris dolor in spiritus mei praecordiis inconsolabiliter radicavit. Sagittae enim Domini in me sunt, quarum indignatio ebibit spiritum meum. Gentes divulsae, populi lacerati, provinciae desolatae, et generaliter tota occidentalis Ecclesia confecta lamentais in spiritu contrito et humiliato suplicat vobis, quem constituit Deus super gentes et regna in omni plenitudine potestatis. Afflictorum, quaeso, clamor introeat in aures vestras: calamitates enim nostrae multiplicatae sunt super numerum (Salmo XXXIX). Nec ista dissimulare potestis citra criminis et infamiae notam, cum sitis vicarius crucifixi, successor Petri, sacerdos Christi, Christus Domini, Deus etiam Pharaonis. "De vultu tuo," Pater, "iudicium prodeat, oculi tui videant aequitatem" (Sl. XVI). De arbitrio vestro et de clementia vestrae sedis pendent vota populi, et nisi maturius arripiat manus vestra iudicium, tota redundabit in vos tragoedia hujus mali: cum sitis pater orphanorum, et iudex viduarum, moerentium et dolentium consolator, et omnibus civitas refugii. In tanto cumulo miseriarum unicum et commune omnibus exspectatur de vestrae potestatis auctoritate solatium. Filii Israel Moysen, cujus agitis vices, consultabant in duris, et ad tabernaculum foederis confugiebant in angustiis suis. Rex noster in arcto est, et undique angustiae premunt eum. Videte statum, aut potius casum regni, malitiam temporis, tyranni saevitiam, qui de fornace avaritiae arma iniquitatis incessanter fabricat contra regem, quem in sancta peregrinatione, in protectione Dei coeli, et educatione Romanae Ecclesiae captum, et vinculis carceralibus coarctatum tenet, occiditque tenendo. Contemnit enim Deum, et terribilia iudicia ejus, praedae incubat, et non est qui de manu ejus possit eruere. Si Ecclesia Romana, complois manibus, ad tantas injurias Christi silet; "exurgat Deus" (Salmo LXVII), et iudicet causam nostram, "respiciat in faciem Christi sui" (Salmo LXXXIII). Ubi est zelus Eliae in Acab? zelus Joannis em Herodem? zelus Ambrosii em Valentem? zelus Alexandri tertii, qui, sicut audivimus et vidimus patrem istius principis Fredericum plena auctoritate apostolicae sedis soleniter et terribiliter a fidelium communitye praescidit? Porro tyrannus apostolicas claves habet ludibrio, nec nisi verba reputat legem Dei. Sed tanto constantius deberetis arripere "gladium spiritus, quod est verbum Dei" (Efés. VI). Scriptum est enim: "Qui vos spernit, me spernit" (Luc. X). Ideo si vestram non vultis aut Ecclesiae Romanae injuriam [col. 1263D] persequi, vobis tamen dissimulare non licet Petri opprobrium, et injuriam Christi. Non sit ergo

alligatum in ore vestro verbum Domini, nec in vobis timor humanus obruat spiritum libertatis. Tolerabilis est incidere in manus hominum, quam derelinquere legem Dei. "Confidunt in virtute sua, et in multitudine divitiarum suarum gloriantur" (Salmos XLVIII.) inimici crucis Christi, "quorum finis interitus, et gloria eorum infusione" (Filipenses III). Quidquid ecclesiarum et pauperum necessitati subtrahitur, insatiabilis avaritiae devorat ingluvies. Sed prope est, ut in eos manus Domini tempestivam exerceat ultionem, et eveniet, quod B. Job de praedone impio protestatur: "Divitias, quas devoravit, evomet, et de ventre ejus extrahet eas Deus (Job XX); luet, quae fecit omnia, nec tamen consumatur" (Jó XVIII). Quod si ad tempus humanum evadunt iudicium, divinum terribilius est, quod imminet eis: quorum gaudium praesens ad instar puncti, interminabilis vero poena ignis et vermis. Quis enim unquam perseguidor innocenteiae ultricem illius manum, "qui aufert spiritum principum" (Sal. LXXV), potentesque potenter punit, legitur evasisse? Ut de poena taceam gehennali, saepe legimus, quomodo digitus Dei pro arbitrio suo regna et imperia transfert; quas etiam, sicut vult, erigit, et sicut vult dejecit potestates. Non deterreat, quaeso, vos saecularis elatio. Superbus est Moab, et major est superbia ejus, quam fortitudo illius; econtrario autem nomen Domini plurima fortitudo. Illud vero publice contristat Ecclesiam, populique murmur excitat, nec mediocriter militat in dispendium vestrae opinionis, quod in tanto discrimine, in tot lacrymis, in tot provinciarum supplicationibus, nec unum nuntium ad principes illos a vestro latere destinastis. Saepe pro causis mediocribus vestri cardinales in magna potestate, etiam ad partes barbaras legatione funguntur; in causa vero tam ardua, tam lamentabili, tam communi, nec unum adhuc subdiaconum, aut acolythum destinastis. Legatos enim hodie facit quaestus, non respectus Christi, non honor Ecclesiae, non regnorum pax, aut populi salus. Quis quaestus vobis, aut proventus gloriosior posset esse, quam in hac liberatione regis summi pontificatus apicem, sive sacerdotium Aaron, et Phinees exaltare? Sane non multum humiliasses sedis apostolicae dignitatem, si in propria persona ad tanti liberationem principis in Germaniam descendisses. Quem enim tam officiose colebat in prosperis, tam desidiose deserere non debuit in adversis. Quare non apenditis in libra justitiae benéfica, quae bonae memoriae Henricus pater istius regis vobis, sicut vidimus, in articulo summae necessitatis exhibuit, ut e diverso tyrannidem Frederici, quam in vos et Ecclesiae Romanae possessões, et in omnes, qui vobis fideliter adhaerebant, exercuit? Cum enim praenominatus Fredericus fautor schismaticaе dissensionis et auctor contra Alexandrum III canonicè, sicut scitis, electum, in partem apostatae Octaviani conjurasset, atque sub illa schismatis concussione generaliter ubique terrarum Ecclesia laboraret, reges Franciae et Angliae variis ex utraque parte legationibus tentabantur: cumque sententia Regis Franciae consiliorum varietate, cui faveret parti, fluctuans dubia vacillaret, rex Henricus dolens Christi tunicam diutius scindi, primus Alexandro papae consensit, multaue cautela trahens regem Francorum pariter ad consensum apostolicum et suis munivit consiliis, et firmavit auxiliis, et sic navem Petri jam sub certo discrimine naufragantem in secura littoris statione locavit. Haec apud castrum Radulphi vidimus, ubi etiam Romanorum votis, sicut ipsi pro miraculo publice praedicabant, plenioribus xeniis auri et argenti regia munificentia satisfecit. Notabiliter igitur dehonestat gloriam sedis apostolicae, quod aliqua unquam ingratitude tanti beneficii memoriam potuit abolere. Quandoque poterit ex causa consimili, quod Deus avertat! schismatis pululare fermentum, vestraeque praesentis desidiae et defectus recordatio poterit nunc aliquibus cedere in singultum. Licet enim liberationem regis ille veterator serpens, ille coluber tortuosus maquinationibus praestigiosis impediatur, confidimus tamen in Domino, quod tempestive "respiciet in faciem Christi sui" (Salmo LXXXIII), "et dabit imperium regi suo" (I Reg. II). Expectatio siquidem nostra in spe certa, et fide firma convaluit. Fit enim incessanter oratio ab ecclesia ad Deum pro eo. Deus autem qui in tempore accepto exaudit, et adjuvat in die salutis, respiciet in orationes humilium, et non spernet preces eorum (Sal. CI). "Multum enim valet deprecatio justis assidua" (Jac. V). Sol ad preces Josué stetit, et luna contra vallem Achialon non est mota (Josué X). Quia justis precibus obtinetur, ut a corde peccatoris sol justitiae non recedat, et mens hominis, quamvis in defectum prona sit, virtutum tamen stabilitate firmatur. Non enim tantum remittitur oratione peccatum, sed poena peccati declinatur beneficio precum. Ideo "bonum est regi praestolari cum silentio salutare Domini" (Thren. III). Nam si nunc in fornace tribulationis purgatur a Deo, qui circa eum adversa et prospera saluberrima moderatione disponit, vexatio transibit in gloriam, atque pro confusione duplici et rubore, in terra sua duplicia possidebit. "Beatus" itaque "vir, qui confidit in Domino, et erit Dominus fiducia ejus" (Jer. XVII). Sane, sicut nunc ei publici gemitus, et generales impenduntur lacrymae, sic desideratus gentibus tempestive communibus excipietur votis in exultatione universae terrae. "Domine, in virtute tua laetabitur rex" (Salmo XX), et Ecclesia Romana, quae nunc nimis culpabiliter in ejus liberatione lentescit, non sine lacrymis erubescet, quod in tantis angustiis tantum filium non adjuvit.

 COLUMBIA UNIVERSITY LIBRARIES

 COLUMBIA | CTL
Center for Teaching and Learning

Salvo indicação em contrário, o conteúdo deste blog está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0) . O código-fonte do Epistola está no [Github](#) com licença GNU GPLv3 .

Fonte: Ferrante [2014?].

ANEXO C

Figura 3 - II Carta ao Papa Celestino III - Traduzida


Medieval Women's Latin Letters

[Lar](#)
[Mulheres](#)
[Cartas](#)
[Genealogia](#)
[Recursos](#)
[Sobre](#)

Uma carta de Leonor da Aquitânia (1193)

Remetente
Leonor da Aquitânia

Receptor
Celestino III, papa

Carta traduzida:

Ao santíssimo padre e senhor C, sumo pontífice pela graça de Deus, A, pela mesma graça rainha da Inglaterra, duquesa da Normandia e condessa de Anjou, saudações e para abundar em misericórdia interior. Minha alma se cansa da vida. Tudo o que eu temia aconteceu, então a expectativa de eventos mais difíceis corta toda graça de consolo. Quando não temi perigos mais graves? Quando penso em meu trabalho e dor, sou desfeito pela pusilanimidade de espírito e infortúnio. Estou realmente enfraquecido, e a velhice, apressada pelas dores, anuncia-me a escassez dos meus dias. Muitas vezes vos escrevi e muitas vezes ofereci o sacrifício do meu coração com espírito contrito e humilhado. Mas desde que comecei, falarei mais ao meu Senhor, embora eu seja pó e cinzas. Liberta-me, senhor, para que eu chore um pouco pela minha dor. Pois não sei por que pacto o impulso de ansiedade relaxa do lamento e da profusão de lágrimas. Perdido, há muito esperei por alguém, se houver, que aliviasse a dor de uma mãe, que dissesse "seu filho Joseph vive e foi salvo do poço, as feras não o devoraram". Ó pior besta, mais cruel que qualquer outra, tigres ou demônios, que vendeu meu filho, soldado de Cristo, ungido do Senhor, peregrino dos crucificados, acorrentado, ao imperador e o traiu. Assim, ele se tornou um adversário mais severo e o transferiu de uma prisão para um labirinto, de Scylla para Charybdis. Desde os dias de Judas Iscariotes, não houve ninguém como ele, que tanto violou a lei do Altíssimo, tão maliciosamente traiu o justo. E essas ações foram feitas em segredo, nas trevas, pois são obras das trevas. Pai de misericórdia, Rogo à fama da abundância da tua bondade, que libertes o inocente da boca do leão e da mão da besta. Que vantagem há para você em seu sangue, que foi procurado precisamente de sua mão? Quando acreditamos que o Senhor estava disposto a mostrar misericórdia ao meu filho através de você, nos regozijamos. Mas agora a coisa está de cabeça para baixo: o diabo triunfa por toda parte, a sabedoria vence a malícia e quando a captura de meu filho é ouvida entre os pagãos, o aplauso dos incircuncisos ressoa nas estradas de Geth e nas encruzilhadas de Ascalon.⁽¹⁾ Ai, ai, o Senhor nos perfurou com graves feridas e cruel castigo! O tirano [Henrique VI] arrancou minhas entranhas de mim e cometeu iniquidades despojando igrejas na terra dos santos, destruiu muitas pessoas com amargura e tristeza. Contra tudo isso, seu furor não foi afastado, mas sua mão ainda está estendida. Ele não poupa monges, reclusos, eremitas, freiras ou leprosos. A lei, humana e divina, o temor de Deus, a fé, a religião e a honra pereceram. Desperta, ó Senhor, porque dormes, levanta-te e não nos rejeites para sempre. Se a dor desta infeliz pecadora [Eleanor] não permite, ó pontífice supremo, pelo menos o clamor dos pobres, os suspiros dos agrilhoados, o sangue dos assassinados, a espoliação das igrejas e a opressão generalizada dos santo mover você. Veja como o inimigo insulta o santo. Os inimigos da igreja prosperam, prolongam sua iniquidade, são consolados, acrescentando prevaricação, acumulam iniquidade sobre iniquidade, de modo que sangue toca sangue, que seu orgulho continuamente sobe e a impiedade dos jovens não apenas preenche a medida de seus pais, mas o transcende. Certamente eles seriam atingidos, até mesmo fulminados com um anátema terrível. Que o bispo do mundo se levante, portanto, que sua mão agarre o julgamento como um raio, como Pedro com um golpe aniquilou Ananias e Safira, com um golpe Simão, o Mago, para que você possa matar os ímpios com o espírito de seus

lábios. Caso contrário, você parecerá desviar-se de seu dever por consentimento para malícia. Para aqueles que se desviam do dever, o Senhor levará embora com os malfeitores. Cinja sua espada em sua coxa, ó poderoso, a espada é o espírito, que é a palavra de Deus. Deixe sua mão tomar o julgamento e com o poder que lhe foi conferido pelo céu, pegue o cajado dos pecadores acima do destino dos justos, e com o escudo de sua boa vontade proteja meu filho. Não deixe o filho da iniquidade prejudicar ainda mais o inocente. Quando a inocência de meu filho, o rei, tem testemunhas próximas e distantes, você não tem desculpa para pecar. Que desculpa poderia modificar sua preguiça e descuido, quando é claro para todos que você tem o poder de libertar meu filho e não tem vontade? Não foi todo reino, todo poder de governo, confiado por Deus ao apóstolo Pedro e por meio dele a você? Bendito seja o Senhor que deu tal poder aos homens. Nenhum rei, nenhum imperador, nenhum duque está isento do jugo de sua jurisdição. Onde está, portanto, o zelo de Phineas? Onde está a autoridade de Pedro? Onde está aquele que diria "o zelo pela tua casa me consome"? Que não seja em vão que você e seus co-bispos receberam as espadas duplas. (2) Diga ao mal, não faça o mal e ao perverso, não levante seu chifre. Não permita que a venerável sucessão da dignidade apostólica na herança de Pedro degenerem. Reconheça sua soberania, prove seu zelo, cinja-se ao trabalho de fortaleza e honre seu ministério. Deixe sua glória passar para seus sucessores e outra geração reconhecerá quão tolamente aquele tirano presumiu e quão poderosamente o romano viu punido aquela presunção. O crime será convertido em perigo para você se suas mãos afrouxarem e a impunidade adicionar chifres ao pecador. Pois se essas coisas são feitas em tempos férteis, o que acontecerá em tempos áridos? Peço à sua paternidade que recorde que amigo meu marido, o rei [Henrique II], pai deste rei, era para você e quão fiel; considere quão benigno para a devoção paterna seu sucessor tem sido. Não corte seu coração com quanta solícitude sempre promovei os negócios de seus legados com ele. Se minha afeição alguma vez enfraquecer por você em suas necessidades, cairei merecidamente para meus inimigos. Agora experimentarei as promessas de seus cardeais como palavras e páginas; pois as árvores são conhecidas não por suas folhas (3) ou suas flores, mas por seus frutos e nós, de fato, as conhecemos por seus frutos. O que o tirano tem vergonha de dizer, ele deveria ter vergonha de terem feito; ele os considerou cúmplices da malícia, que deveriam ter se mostrado vingadores dela. Eu te ameie não com língua e palavra, mas em ação e verdade. Será que agora o mal será retribuído com o bem e o ódio com o amor? Se posso dizer uma coisa, salvando a paz de meu senhor, digo a ele o que se lê que Joabe repreendeu o rei Davi: "Você ama aqueles que te odeiam e odeia aqueles que te amam." Infelizmente, como a justiça está desarmada, quão miseravelmente as chaves da igreja perderam seu ofício, e onde o glorioso principado de Pedro deveria ser eminente, a autoridade pontifícia é vergonhosamente oprimida e vilipendiada. O lobo corre para o curral, o leão para a igreja de Deus; uma só besta a devora, e não há quem se levante para pelejar pela casa do Senhor. Mas o que lamento está mais perto de mim e mais intolerável: o tirano crucifica meu filho; o sumo pontífice o esconde; não há ninguém para resgatá-lo ou salvá-lo. Se houver em vós alguma consolação, alguma força de caridade em Cristo, alguma misericórdia, alguma compaixão em vossas entranhas, se enfim o afeto do pai saborear a unção pontifícia, que todo o povo ouça que há sabedoria em você para fazer justiça. Mas por que eu continuo? Corro para a incerteza e bato no ar e nossos gemidos se desvanecem ao vento. A obstinação do tirano é mais dura do que inflexível e sei que ninguém pode corrigir aquele a quem Deus negligencia. Minha fala cai por terra e volta para mim vazia; não prosperará entre aqueles a quem foi enviado. Assim me afunda a terrível tempestade das tribulações, a profundidade do terrível abismo me absorve, o poço do desespero estende sua boca sobre mim. Todo o nosso povo dá as mãos à morte e faz um contrato com o inferno, definhando e secando no medo e na expectativa que se abateu sobre todo o mundo ocidental. Mas você, Senhor Deus Sabaoth, que julga com justiça, veja o que sofro, julgue minha causa. E como não encontro juiz na terra, eu, miserável, apelo para nenhum juiz terreno, mas para o seu terrível tribunal. Eu, infeliz, por que sigo o impulso de minha dor veemente e coloco minha boca no céu? Mas com equanimidade, peço, pai, que sua benignidade aceite que ela surgiu da tristeza, não da deliberação. Eu pequei e, se posso usar a palavra do abençoado Jó, "o que eu disse, gostaria de não ter dito, portanto não digo mais e coloco o dedo na boca". Até a próxima.

 COLUMBIA UNIVERSITY LIBRARIES

 COLUMBIA | CTL
Center for Teaching and Learning

Salvo indicação em contrário, o conteúdo deste blog está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International \(CC BY-NC-SA 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/). O código-fonte do Epistola está no [Github](https://github.com/) com licença [GNU GPLv3](https://www.gnu.org/licenses/gpl-3.0.html).

Fonte: Ferrante ([2014?]).

ANEXO D

Figura 4 - II Carta ao Papa Celestino III – Original

epistolæ

Medieval Women's Latin Letters

Lar
Mulheres
Cartas
Genealogia
Recursos
Sobre

Uma carta de Leonor da Aquitânia (1193)

Remetente
Leonor da Aquitânia

Receptor
Celestino III, papa

Carta original:

Sanctissimo Patri, ac domino C. Dei gratia, S. pontifici, A. eadem gratia regina Angliae, ducissa Normanniae, et comitissa Andegaviae, salutem et misericordiae visceribus abundare. Taedet animam meam vitae meae. Quidquid enim verebar, accidit; et adhuc expectatio durioris eventus omnem gratiam consolationis abscidit. "Quando ego non timui graviora pericula veris?" Laborem itaque et dolorem meum considerans, "um pusillanimitate spiritus et tempestate" (Salmo LIV) subvertor. Ego vero jam delibor, et doloribus festinata senectus paucitatem dierum meorum nuntiat mihi. Multoties vobis scripsi, atque sacrificium cordis in spiritu contrito et humiliato frequentador obtuli (Psal. L). "Quia" tamen "semel coepi, loquar adhuc ad Dominum meum, cum sim pulvis et cinis" (Gen. XVIII). Dimitte-me, Domine, ut plangam paululum dolorem meum (Judic. XI). Nescio enim, quo pacto impetus anxietatis ex ipso planctu et lacrymarum profusione lentescit. Diu expectavi ego perdita, si esset, qui leniret dolorem matris, qui diceret: "Joseph filius tuus vivit" (Gen. XLV), et eductus est de cisterna, nec eum fera pessima devoravit (Gen. XXXVII). O fera pessima, tigribus et lamiis, omnique fera crudelior, qui filium meum militem Christi, christum Domini, peregrinum crucifixi, vinculis alligatum imperatori vendidit et tradidit! Sic ei durior adversarius constitutus est, atque de ergastulo in labyrinthum, et de Scylla translatus est in Charybdim. A diebus Judae Iscariotis non est inventus similis illi, qui sic violaret legem Excelsi; qui ita malitiose traderet justum. Et haec in occulto, et in tenebris facta sunt: erant enim opera tenebrarum. "Memoriam abundanteiae suavitatis tuae" (Psal. CXLIV), Pater misericordiae, precor, ut de ore leonis, et de manu bestiae, liberes inocentes. Et quae tibi utilitas in sanguine ejus (Salmo XXIX), qui de manu tua exactissime requiretur? Quia credebamus aliquando, quod disposuisset Dominus per vos filio meo facere misericordiam, "facti sumus laetantes" (Psal. CXXV). Nunc autem res in contrarium versa est: triumphat enim longe lateque diabolus, "sapientia vincit malitiam" (Sap. VII), et audita in gentibus filii mei captione personat in triviis Geth, et in compitis Ascalonis incircumcisorum solenes applausus. Heu, heu, percussit nos Dominus plaga gravi et castigatione crudeli! A me viscera mea tyrannus avulsit, et ecclesias spolians "in terra sanctorum iniqua gessit" (Isa. XXVI), plebes innumeras amaritudine et moerore confecit (Thren. I). Em seu omnibus non est aversus furor ejus, sed adhuc manus ejus extenda. Non parcit monachis, non reclusis, non eremitis, non monialibus, non leprosis. Perierunt enim jus et fas, timor Dei, fides, religio et honestas. "Exsurge, quare obdormis, Domine; exsurge, et ne repellas in finem" (Salmo XLIII). Moveat te, summe pontifex, etsi non hujus peccatricis infelicissimae dolor, saltem clamor pauperum, compeditorum gemitus, interfectorum sanguis, ecclesiarum spoliatio, et generalis denique pressura sanctorum. Vide, "quanta malignotus est inimicus in sancto" (Salmo LXXIII). Invaluerunt hostes Ecclesiae, "prolongaverunt iniquitatem suam" (Psal. CXXVIII), confortati sunt addentes praevaricationem, iniquitatem apponunt iniquitati (Psal. LXVIII), ut sanguis sanguinem tangat, ut "superbia eorum ascendat semper" (Sl. LXXIII), et impietas modernorum mensuram patrum suorum non solum impleat, sed transcendat.

Certe horrendo anathemate feriendi erant, aut potius fulminandi. Exsurgat igitur orbis episcopus, et arripiat quasi fulgur iudicium manus tua, sicut Petrus uno ictu Ananiam et Saphiram (Act. V), et uno ictu Simonem Magum potuit delere de medio (Act. XIII), "sic spiritu labiorum tuorum interficias impios" (Is. XI). Alioquin videberis declinare in obligationem malitiae per consensum. "Declinantes autem in bonds, aducet Dominus cum operantibus iniquitatem" (Sl. CXXIV). "Accingere gladio tuo super femur tuum, potentissime" (Salmo XLIV); "gladio" scilicet "spiritus, quod est verbum Dei" (Efésios VI). Arripiat iudicium manus tua, et in potestate collata tibi coelitus tolle virgam peccatorum desuper sortem iusti, "et scuto bonae voluntatis tuae" (Sal. V) protege filium meum, "et filius iniquitatis non apponat nocere" (Sal. LXXXVIII) ulterius innocente. Cum innocentia regis filii mei testimonium habeat ab his qui prope sunt, et ab iis qui longe, non habetis excusationem de peccato. Quae enim excusatio possit vestram desidiam et incuriam palliare, cum omnibus liqueat, quod liberandi filium meum habetis potestatem, et subtrahitis voluntatem? Nonne Petro apostolo, et in eo vobis a Deo omne regnum, omnisque potestas regenda committitur? (Mateus XVI.) Benedictus autem Dominus, "qui talem potestatem dedit hominibus" (Mateus IX). Non rex, non imperator, aut dux a jugo vestrae jurisdictionis eximitur. Ubi est ergo zelus Phinees? ubi est auctoritas Petri? ubi est qui dicat: Zelus domus tuae comedit me? (Psal. LXVIII.) Appareat, quod non in vanum dati sunt vobis, et coepiscopis vestris "gladii ancepites in manibus" vestris (Sal. CXLIX). "Dicite iniquis: Nolite inique agere; et delinquentibus: Nolite exaltare cornu" (Sl. LXXIV). Non degeneret in haerede Petri dignitatis apostolicae reverenda successio. Vestrum agnoscite principatum, probate zelum, accingimini ad opus fortitudinis, et honorate ministerium vestrum (II Tim. IV); gloria vestra derivatur ad posteros, et "cognoscat generatio altera" (Salmo LXXVII), quam inaniter tyrannus ille praesumpserit, et quam potenter praesumptionem ejus sedes Romana punierit. Vobis equidem convertitur in discrimen et crimen, si remissas habeatis manus, et addat impunitas cornua peccatori. Si enim "in viridi haec facta sunt, in arido quid fiet?" (Luc. XXIII). Recolat, quaeso, vestra paternitas, quantus amicus vir meus rex, pater istius regis, et quam fidelis vobis fuerit; atendimento quam benignus iste successor paternae devoção exstiterit. Nec a corde vestro excidat, quanta ego sollicitudine per ipsum vestrorum negotia legatorum, imo vestra promoverim. Si etiam in vestris necessitatibus mea unquam circa vos affectio torpuit, "decidam merito ab inimicis meis inanis" (Sl. VII). Ego autem nunc experiar vestrorum promissa cardinalium verba esse et folia; arbores autem non a foliis, aut floribus, sed a fructibus cognoscuntur (Mateus VII). Et nos quidem a fructibus horum cognovimus eos (ibid.). Dicere pudet quod utinam eos fecisse pudeat, tyrannus eos habuit malitiae fautores, cujus se debuerant exhibuisse ultores. Dilexi vos, "non lingua et verbo, sed opere et veritate" (I Joan., III). Nunquid redditur pro bono malum, "et odium pro dilectione mea?" (Sal. CVIII.) Ut salva pace domini mei unum loquar, dico ei, quod quandoque Joab exprobrasse legitur David regi: "Diligis eos, qui te oderunt, et eos odio habes qui te diligunt" (II Reg. XIX). Heu, quomodo exarmatur scelus justitiae! quam miserabiliter claves Ecclesiae suum perdiderunt officium, et ubi gloriosus Petri principatus eminere debuerat, ibi contumeliosius opprimitur et vilescit pontificalis auctoritas! Lupus irruit in ovile, leo in Ecclesiam Dei, "et singularis ferus depascitur eam" (Salmos LXXIX), nec est qui pro domo Domini ex adverso ascendat: quodque familiaris et intolerabilis doleo, filium meum tyrannus cruciat; dissimulat hoc summus pontifex; "nec est, qui redimat, neque qui salvum faciat" (Sl. VII). Si qua ergo consolatio in vobis, si qua virtus charitatis in Christo, si qua miseratio, si qua compaixãois viscera, si quid denique quod affectum Patris, et pontificalem sapiat unctionem, audiat omnis populus sapientiam esse in vobis ad faciendum iudicium. Sed quid talibus imoror? curro in incertum, et aera verbero (I Cor. IX), atque in ventos nostri gemitus evanescent. Obstinatio tyranni durior adamante est; et scio, quod quem Deus negligit, nemo poterit corrigere. Sermo meus in terram cecidit, et revertitur ad me vacuus (Sap. I), nec in his, ad quae missus est, prosperatur. Me igitur tribulationum tempestas horrenda demergit, me profundum absorbet abyssi terribilis, et urget super me puteus desperationis os suum (Salmo LXVIII). Populi nostri omnes dant manus suas morti, atque cum inferno percutiunt foedus tabescentes et arescentes prae timore et exspectatione, quae superveniunt universo orbi occidentali (Luc. XXI). Tu autem, Domine Deus Sabaoth, qui judicas juste, vide, quia "vim patior" (Isa. XXXVIII), judica causam meam. Et quia in terris iudicem non invenio; ego misera, et nulli miserabilis terrenum iudicem ad tuum terribile tribunal appello. Infelix ego, quare doloris mei vehementis impetum sequor, et os meum in coelum pono? sed aequanimiter, quaeso, Pater, sustineat benignitas vestra, quod ex dolore, non ex deliberatione processit. Peccavi ego; et, ut verbo beati Job utar, "quae dixi, utinam non dixissem, ideo non addam ultra" (Job XXXIX), et supponam digitum ori meo (Job XXI). Vale.

 COLUMBIA UNIVERSITY LIBRARIES

 COLUMBIA | CTL
Center for Teaching and Learning

Salvo indicação em contrário, o conteúdo deste blog está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International \(CC BY-NC-SA 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/). O código-fonte do Epistola está no [Github](#) com licença [GNU GPLv3](https://www.gnu.org/licenses/gpl-3.0/).

Fonte: Ferrante ([2014?]).

ANEXO E

Figura 5 - III Carta ao Papa Celestino III - Traduzida

epistolæ

Medieval Women's Latin Letters

Lar
Mulheres
Cartas
Genealogia
Recursos
Sobre

Uma carta de Leonor da Aquitânia (1193)

Remetente
Leonor da Aquitânia

Receptor
Celestino III, papa

Carta traduzida:

A seu venerável pai e senhor Celestino, supremo pontífice pela graça de Deus, A., miserável e digno de pena - se ela fosse - rainha dos ingleses, duquesa da Normandia, condessa de Anjou, para se mostrar o pai da misericórdia à sofrida mãe.(1) Estou impedido por invejosas distâncias, bendito pai, de falar contigo pessoalmente, mas devo lamentar um pouco minha dor. E quem concederá que minhas palavras sejam escritas? Estou em tal angústia por dentro e por fora, que minhas palavras estão cheias de dor. Medos por fora, lutas por dentro. (2) Não estou livre para respirar agora da tribulação dos males e da dor, das tribulações excessivas que vieram sobre nós. Estou consumido pela tristeza, meus ossos se apegam à carne consumida de minha pele, meus anos declinam em suspiros - que eles possam acabar completamente, que o sangue de meu corpo já morto, o cérebro na minha cabeça, a medula dos meus ossos pode se dissolver em lágrimas, para que eu possa desaparecer completamente em pranto. Minhas entranhas foram arrancadas de mim, perdi o cajado da minha velhice e a luz dos meus olhos; responderia às minhas orações se Deus condenasse meus infelizes olhos à cegueira perpétua para que não pudessem mais ver os males de meu povo. Quem vai me deixar morrer por você, meu filho? Mãe de misericórdia, olha para uma mãe de tanta miséria, ou se teu filho, fonte inesgotável de misericórdia, cobra do filho os pecados da mãe, exija-os apenas daquele que pecou, castigue os ímpios, não ria das punições dos inocentes. Quem começou [minha vida], deixe-me destruir, deixe-o pegar sua mão e me cortar; e que este seja meu consolo, que me afligindo com dor, ele não me poupou. Lamentável e digno de pena de ninguém, por que cheguei à ignomínia desta detestável velhice, que era governante de dois reinos, mãe de dois reis? Minhas entranhas são arrancadas de mim, minha família é levada e removida de mim. O jovem rei [Henry +1183] e o conde da Bretanha [Geoffrey +1186] dormem na poeira, e sua mãe mais infeliz é compelida a ser irremediavelmente atormentada pela memória dos mortos. Restam dois filhos para meu consolo, que hoje sobrevivem para me punir, miserável e condenado. O rei Ricardo é mantido acorrentado. Seu irmão, João, esgota seu reino com ferro [espada] e o destrói com fogo. Em tudo o Senhor se tornou cruel comigo e me atacou com a dureza de sua mão. Verdadeiramente, sua ira luta contra mim: meus filhos lutam entre si, se é uma luta em que um está preso em correntes, o outro, acrescentando tristeza a tristeza, compromete-se a usurpar o reino do exílio por cruel tirania. Bom Jesus, quem concederá que me proteja no inferno e me esconda até que passe a sua fúria, até que cessem as flechas que estão em mim, pelas quais todo o meu espírito é sugado? A morte é meu desejo, minha vida é repugnante e, como morro incessantemente, desejo morrer plenamente; Sou compelido a viver contra minha vontade, de modo que a vida é para mim o alimento da morte e a matéria da tortura. Felizes aqueles que são abençoados abortados antes de poderem experimentar a zombaria desta vida e os acontecimentos inesperados de nossa condição incerta! O que eu estou fazendo? Por que eu sobrevivo? Por que eu, miserável, demoro e não vou ver aquele que minha alma ama, vencido pela

pobreza e pelo ferro? como uma mãe pode esquecer o filho de seu ventre por tanto tempo? A afeição por seus filhos suaviza até tigres selvagens e demônios. Mas eu vacilo em dúvida. Se eu for, abandonando o reino de meu filho, que é devastado por todos os lados com grave hostilidade, ele será privado de todo conselho e conforto em minha ausência. Se eu ficar, não verei o rosto que mais desejo, de meu filho. Não haverá ninguém para obter zelosamente a liberdade de meu filho e, o que temo ainda mais, com a quantidade impossível de dinheiro, esse jovem muito delicado, impaciente com tal aflição, será pressionado por seus tormentos e levado à morte por suas torturas. Ó tirano ímpio, cruel, terrível, que não temeste impor tuas mãos sacrílegas sobre o ungido do Senhor; nem a unção real, nem a reverência pela vida santa, nem o temor de Deus o impediram de tal ação desumana. Mas o príncipe dos apóstolos ainda reina e governa na sé apostólica e ali se estabelece o rigor judiciário. Que ela permaneça lá para que tu, Pai, desembainhas a espada de Pedro que ele colocou para esse fim sobre povos e reinos. A cruz de Cristo precedeu as águias de César, a espada de Pedro a espada de Constantino, e a sé apostólica proferiu sentença sobre o poder imperial. Seu poder é de Deus ou dos homens? Não vos falou o Deus dos Deuses, dizendo ao apóstolo Pedro: “Tudo o que ligares na terra será ligado no céu; e tudo o que desligares na terra será desligado no céu?” Por que, portanto, você demora tanto, tão negligentemente, na verdade, tão cruelmente para libertar meu filho, ou você não ousa? Mas você diz que este poder foi confiado a você para almas e não corpos. Assim seja: é certamente suficiente para nós se você amarrar as almas daqueles que mantêm meu filho preso na prisão; é fácil para você libertar meu filho enquanto o temor de Deus supera o medo humano. Devolva-me meu filho, homem de Deus, se você é um homem de Deus e não um homem de sangue. se você for lento na libertação de meu filho, que o Altíssimo exija o sangue dele de sua mão. Ai, ai, se o mais alto pastor é pervertido em um mercenário, se ele foge diante do lobo, se ele abandona a ovelhinha confiada aos seus cuidados, na verdade o carneiro, o líder escolhido do rebanho do Senhor para as mandíbulas da besta cruel! Um bom pastor instrui outros pastores, ensina-os a não fugir quando virem o lobo chegando, mas a oferecer a vida por suas ovelhas. Peço que sua vida / alma esteja segura enquanto você se esforça para obter com legações rápidas, com admoestações salutares, com ameaças trovejantes, com interdições gerais, com julgamentos terríveis, a liberdade não de suas ovelhas, mas de seu filho. Verdadeiramente você deve oferecer sua vida por ele, você que até agora não quis dizer ou escrever uma palavra. O filho de Deus, pelo testemunho do profeta, desceu do céu para conduzir os vencidos do lago em que não havia água. O que era apropriado para Deus não é apropriado para o servo de Deus? Meu filho está atormentado em cadeias e você não desce nem envia a ele; você não se comove com a dor de Joseph. Cristo vê isso e fica em silêncio; mas a obra de Deus retribui abundantemente com a maior severidade aqueles que agem com negligência. Legados já nos foram prometidos três vezes, mas não foram enviados; se posso falar a verdade, eles são mais “ligados” [ligados] do que legados. Se meu filho estivesse prosperando, eles viriam rapidamente ao seu simples chamado, porque esperariam ricas esmolas para sua legação da magnífica munificência e do lucro público do reino. E que pedido mais glorioso eles poderiam receber do que libertar um rei cativo, devolver a paz ao seu povo, tranquilidade aos religiosos e alegria a todos? Agora, porém, os filhos de Efraim são convertidos à guerra, dobrando e soltando seus arcos, e em um tempo de angústia, enquanto o lobo paira sobre a presa, os cães mudos não podem ou não querem latir. É esta a promessa que você nos fez em Châteauroux com tanto amor e protesto de fé? Que benefício te trouxe dar palavras aos simples, iludir os desejos dos inocentes com uma fé tola? Assim, diz-se que o rei Achab certa vez fez um pacto de amizade com Benadab, e ouvimos que resultado desfavorável o amor mútuo deles teve. A dispensação celestial favoreceu as batalhas de Judas, João, o irmão de Simon Maccabee com presságios felizes; quando sua legação foi enviada confirmando a amizade dos romanos, eles perderam a ajuda de Deus, e não apenas uma vez, mas muitas vezes suas relações sexuais se transformaram em soluços. Só tu me levas ao desespero, só tu, depois de Deus, és a minha esperança, tu és a confiança do nosso povo. Maldito aquele que confia no homem. Onde está minha expectativa agora? Tu és, Senhor, meu Deus. A ti, Senhor, que consideras o trabalho, estão voltados os olhos da tua serva. Rei dos reis e Senhor dos senhores, olha na face do teu Cristo, dá poder ao teu filho e salva o filho da tua serva; não puna nele os crimes de seu pai ou a malícia de sua mãe. Soubemos por um relato público confiável que após a morte do bispo de Liège, a quem ele teria matado com uma longa mão por uma espada mortal, o imperador constringido por prisão miserável o bispo de Ostia e quatro de seus colegas bispos provinciais, bem como os arcebispos

de Salerno e Trani e, o que a autoridade apostólica não deve de forma alguma esconder, ocupado pela usurpação tirânica da Sicília, que desde os tempos de Constantino tem sido patrimônio de São Pedro, apesar das legações, súplicas e ameaças da sé apostólica. Com tudo isso, seu furor não diminuiu, mas sua mão ainda está estendida. Ele fez coisas sérias, mas você certamente pode esperar coisas mais sérias em breve. Pois aqueles que deveriam ser as colunas da igreja são movidos como canas leves ao vento. Oxalá eles se lembrassem de que por causa da negligência de Eli, o sacerdote que ministrava em Siló, a glória do Senhor de Israel foi transferida. Esta não é uma parábola do passado, mas do presente, desde que o senhor rejeitou o tabernáculo de Shiloh, seu tabernáculo onde ele viveu entre os homens, e entregou sua força ao cativo, sua beleza nas mãos do inimigo. Será imputado à sua pusilanimidade que a igreja é pisoteada, a fé ameaçada, a liberdade oprimida, que o engano, o sofrimento e a iniquidade são alimentados impunemente. Onde está o que o senhor prometeu à sua igreja: “mamarás o leite das nações, mamarás no peito dos reis, far-te-ei a soberba do mundo, alegria de geração em geração”? A igreja uma vez esmagou os pescoços dos orgulhosos e sublimes com seu próprio poder, e as leis dos imperadores seguiram os cânones sagrados. Agora, porém, com a ordem rompida, não direi os cânones, mas o e entregaram sua força ao cativo, sua beleza nas mãos do inimigo. Será imputado à sua pusilanimidade que a igreja é pisoteada, a fé ameaçada, a liberdade oprimida, que o engano, o sofrimento e a iniquidade são alimentados impunemente. Onde está o que o senhor prometeu à sua igreja: “mamarás o leite das nações, mamarás no peito dos reis, far-te-ei a soberba do mundo, alegria de geração em geração”? A igreja uma vez esmagou os pescoços dos orgulhosos e sublimes com seu próprio poder, e as leis dos imperadores seguiram os cânones sagrados. Agora, porém, com a ordem rompida, não direi os cânones, mas o e entregaram sua força ao cativo, sua beleza nas mãos do inimigo. Será imputado à sua pusilanimidade que a igreja é pisoteada, a fé ameaçada, a liberdade oprimida, que o engano, o sofrimento e a iniquidade são alimentados impunemente. Onde está o que o senhor prometeu à sua igreja: “mamarás o leite das nações, mamarás no peito dos reis, far-te-ei a soberba do mundo, alegria de geração em geração”? A igreja uma vez esmagou os pescoços dos orgulhosos e sublimes com seu próprio poder, e as leis dos imperadores seguiram os cânones sagrados. Agora, porém, com a ordem rompida, não direi os cânones, mas o o sofrimento e a iniquidade são alimentados impunemente. Onde está o que o senhor prometeu à sua igreja: “mamarás o leite das nações, mamarás no peito dos reis, far-te-ei a soberba do mundo, alegria de geração em geração”? A igreja uma vez esmagou os pescoços dos orgulhosos e sublimes com seu próprio poder, e as leis dos imperadores seguiram os cânones sagrados. Agora, porém, com a ordem rompida, não direi os cânones, mas o os autores de cânones são restringidos por leis depravadas e costumes abomináveis. Os flagelos dos poderosos que deveriam ser detestados são tolerados e não há quem ouse murmurar; enquanto isso, o rigor canônico é exercido contra os pecados dos pobres. Não é sem razão que o filósofo Anacarsis compara as leis e os cânones com as teias de aranha, que retêm os animais mais fracos, mas deixam passar os fortes. Os reis da terra ficaram parados e os príncipes se uniram como um contra o ungido do Senhor, meu filho. Um o atormenta com correntes; outro devasta suas terras com cruel hostilidade. E, se posso usar uma expressão comum, “um faz a barba, outro puxa o cabelo, um segura o pé, outro excoria”. Então ele acrescenta chifres ao pecador e seu silêncio é considerado consentimento. Pois parece consentir quem, quando pode e deve, não reprova, e quando a paciência, que oculta a associação oculta, não carece de escrúpulos. O tempo da dissensão, como o apóstolo predisse, é iminente, quando o filho da perdição será revelado e tempos perigosos se aproximam, quando a túnica sem costura de Cristo será cortada, a rede de Pedro rasgada e a solidez da unidade católica será ser dissolvido. Estes são os primórdios dos males: experimentamos coisas graves, tememos coisas mais graves. Não sou profetisa, não sou filha de profeta; no entanto, a dor me deu muitas coisas a dizer sobre distúrbios futuros, mas aquelas palavras que ela sugeriu, ela arrebatou. Os soluços atrapalham meu espírito, a tristeza, minando a força de minha alma/vida corta o caminho de minhas palavras com ansiedade.

 COLUMBIA UNIVERSITY LIBRARIES

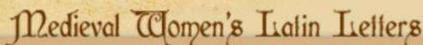
 COLUMBIA | CTL
Center for Teaching and Learning

Salvo indicação em contrário, o conteúdo deste blog está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International \(CC BY-NC-SA 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/). O código-fonte do Epistola está no [GitHub](https://github.com/) com licença [GNU GPLv3](https://www.gnu.org/licenses/gpl-3.0.html).

Fonte: Ferrante ([2014?]).

ANEXO F

Figura 6 - III Carta ao Papa Celestino III

[Lar](#) [Mulheres](#) [Cartas](#) [Genealogia](#) [Recursos](#) [Sobre](#)

Uma carta de Leonor da Aquitânia (1193)

Remetente
 Leonor da Aquitânia

Receptor
 Celestino III, papa

Carta original:

Reverendo Patri, et domino Coelestino Dei gratia summo pontifici A. misera, et utinam miserabilis Anglorum regina, ducissa Normanniae, comitissa Andegaviae, miserae matri exhibere se misericordiae patrem. Invidente locorum distanceia prohibeor, beatissime papa, vobis praesentialiter loqui; necesse tamen est, ut plangam paululum dolorem meum. Et quis mihi tribuat ut scribantur sermones mei? Tota interius et exterius anxior: unde et verba mea dolore sunt plena. "Feris sunt timores, intus pugnae" (II Cor. VII); nec ad momentum mihi respirare liberum est "a tribulatione malorum et dolore" (Psal. CVI), "a tribulationibus, quae invenerunt nos nimis" (Sal. XLV) Tota dolore contabui, pellique meae consumptis carnibus adhaesit os meum (Sal. CI) . "Defecerunt anni mei in gemitibus" (Salmos XXX), et utinam omnino deficiente. Utinam totus sanguis corporis mei jam emortui, cerebrum capitis, ossiumque medullae ita dissolvantur in lacrymas, ut in fletus tota pereffluam. Avulsa sunt a me viscera mea, baculum senectutis meae, "et lumen oculorum meorum" perdido (Salmo XXXVII), meisque votis accederet, si Deus infelices oculos meos ne mala gentis meae ulterius videant, perpetua caecitate damnaret. "Quis det mihi ut pro te moriar, fili mi?" (II Reg. XVIII.) Matrem tantae miseriae respice misericordiae mater, aut si filius tuus fons misericordiae inexhaustus, peccata matris requirit a filio, ab ea quae sola deliquit, totum exigit, puniat impiam, et de poenis innocenteis non rideat. "Qui coepit, ipse me conterat, tollat manum suam, et succidat me: et haec sit consolatio mea, ut affligens me dolore, non parcat" (Jó VI). Ego misera, et nulli miserabilis, cur in hujus detestandae senectutis ignominiam veni, duorum regnorum domina, duorumque regum mater exstiteram: avulsa sunt a me viscera mea; "generatio mea ablata est, et revoluta est a me" (Isa. XXXVIII). Rex junior et comes Britanniae in pulvere dormiunt, et eorum mater infelicissima vivere cogitur, ut irremediabiliter de mortuorum memoria torqueatur. Duo filii mihi supererant ad solatium, qui hodie mihi miserae et damnatae supersunt ad supplicium. Rex Ricardus tenetur in vinculis. Joannes frater ipsius regnum captivi depopulatur ferro, et vastat incendiis. "In omnibus versus est mihi Dominus in crudelem, et adversatur mihi in duritia manus suae" (Jó XXX). Vere pugnat ira ejus contra me; ideo et filii mei pugnant inter se; si tamen pugna est, ubi unus vinculis arctatus affligitur; alius addens dolorem super dolorem ipsius crudeli tyrannide sibi regnum exsulis usurpare molitur. Bone Jesu, quis mihi tribuat, ut in inferno protegas me, et abscondas me, donec pertranseat furor tuus (Isa. XXVI), donec cessant sagittae, quae in me sunt, quarum indignatione spiritus meus totus ebibitur. Mors in voto mihi est, et vita in taedio, et cum sic moriar incessanter, in desideriiis tamen habeo mori plenius; vivere compellor invita, ut vita mihi sit pabulum mortis et materia cruciatus. O felices, qui inexperti ludibria vitae hujus, et inopinatos eventus conditionis incertae beato praevenerunt aborsu! Quid facio? cur subsiste? quare moror misera, et non vado ut videam "quem diligit anima mea" (Cant. III), "vinctum in mendicitate et ferro?" (Sal. CVI.) utquid enim tanto tempore mater potuit oblivisci filii uteri sui? Tigrides erga fatus suos, et lamias etiam saeviores emollit affectio. Fluctuo tamen in dubio. Si enim abiero, deserens filii mei regnum, quod undique gravi hostilitate vastatur, erit in absentia mea omni consilio et solatio destitutum. Si autem substitero, desideratissimam mihi faciem filii mei non videbo. Non erit, qui liberationem filii mei studiose procuret, et, quod magis vereor, ad impossibilem pecuniae quantitatem delicatissimus

adolescens tormentis urgetur, tantaeque afflictionis impatiens facile in mortem supplicii adigitur. O impie, crudelis et dire tyranne, qui non es veritus manus sacrilegas immittere in christum Domini, nec te regalis unctio, nec sanctae viae reverentia, nec Dei timor a tanta inhumanitate cohibuit! Porro princeps apostolorum adhuc in apostolica sede regnat et imperat, et in medio constitutus est iudiciarius rigor; illudque restat, ut exeratis in maleficos, Pater, gladius Petri, quem ad hoc constituit super gentes et regna. Christi crux antecessit Caesaris aquilas, gladius Petri gladio Constantini, et apostolica sedes praedecedit imperatoriae potestati. Vestra potestas a Deo est, an ab hominibus? Nonne Deus deorum locutus est vobis in Petro apostolo dicens: "Quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum et in coelis; et quodcumque solveris super terram, erit solutum et in coelis?" (Mateus XVI.) Quare ergo tanto tempore tam negligenter, imo tam crudeliter filium meum solvere differtis, aut potius non audetis? Sed dicetis hanc potestatem vobis in animabus, non in corporibus fuisse commissam. Esto: certe sufficit nobis, si eorum ligaveritis animas, qui filium meum ligatum in carcere tenent; filium meum solvere, vobis in expedito est, dummodo humanum timorem Dei timor evacuet. Redde igitur mihi filium meum, vir Dei, si tamen vir Dei es, et non potius vir sanguinum, si in filii mei liberatione torpeas, ut sanguinem ejus de manu tua requirat Altissimus (Gen. IX). Heu, heu, si summus pastor in mercenarium pervertatur, si a facie lupi fugiat, si commissam sibi oviculam imo arietem electum, ducem Dominici gregis, in faucibus cruentae bestiae derelinquat! Bonus pastor alios pastores instruit, et informat, non ut fugiant, si viderint lupum venientem, sed animas suas pro ovibus suis ponant (Joan. X). Anima tua tibi, quaeso, salva sit, dummodo non dicam ovis tuae sed filii tui liberationem crebris legationibus, salutaribus monitis, comminationum tonitruis, generalibus interdictis, sententiis terribilibus studeas procurare. Sane vero vestram pro eo animam poneretis, qui pro eodem adhuc unum verbum dicere, aut scribere noluitis. Dei Filius, testimonioprophetae, de coelo descendit, ut educeret vincetos de lacu, in quo non erat aqua. Nunquid quod decuit Deum, dedecet Dei servum? Filius meus torquetur in vinculis, nec ad eum descendis, nec mittis, nec moveris super contritione Joseph. Christus hoc videt, et silet; sed opus Dei negligente agentibus abundanter in summa districtione retribuet (Jer. XLVIII). Legati nobis jam tertio promissi sunt, nec sunt missi: utque verum Fatear, ligati potius quam legati. Si filius meus in prosperis ageret, ad simplicem ejus vocationem festinantius accessissent, quia de magnifica ejus munificentia, et de publico regni quaestu suae legationis uberes manipulos expectarent. Et quis quaestus eis gloriosior esse posset, quam regem liberare captivum, reddere pacem populis, religiosi quietem, et gaudium universis? Nunc autem "filii Ephrem intendentes et mittentes arcum in die belli conversi sunt" (Salmo LXXVII), et in tempore angustiae, dum lupo praedae incubat, canes muti latrare aut non possunt, aut nolunt. Haecne promissio illa est, quam nobis apud castrum Radulphi cum tanta dilectionis et fidei protestatione fecistis? Quid profuit vobis simplicibus dare verba, et illudere vota innocenteium inani fiducia? Sic olim rex Achab foedus amicitiae contraxisse cum Benadab perhibetur, illorumque mutuam dilectionem eventus habuisse infaustos audivimus; Pugnas Judae, Joannis, Simonis Machabaeorum fratrum coelestis dispensatio felicibus prosperabat auspiciis; missa vero legatione sibi firmantes amicitiam Romanorum, Dei perdiderunt auxilium, nec eis semel, sed saepius venalis eorum familiaritas versa est in singultum. Solus desperare me cogitis, qui solus post Deum spes mea, populiue nostri fiducia fueratis. "Maledictus qui confidit in homine" (Jer. XVII). Ubi est ergo nunc praestolatio mea? tu es, Domine, Deus meus. Ad te, Domine, qui laborem considera, sunt oculi ancillae tuae. "Tu rex regum et Dominus dominanteium" (I Tim. VI), "respice in faciem Christi tui" (Sal. LXXXIII), "da imperium puero tuo, et salvum fac filium ancillae tuae" (Sal. LXXXV), nec in eo punias delicta sui patris, aut malitiam matris suae. Ex certa et publica relational cognovimus, quod imperator post Legiensis episcopi mortem, quem funesto gladio, longa tamen manu dicitur occidisse, Ostunensem episcopum, et quatuor episcopos comprovinciales ejus, Salernitanum etiam et Tranensem archiepiscopos coartat miseria carcerali, et quod auctoritas apostolica nullatenus dissimulare debuerat, Siciliam, quam a tempore omnibus Constantini constat esse patrimonium S. Petri, post legationes, post supplicationes, post comminationes apostolicae sedis, in perpetuum Romanae Ecclesiae praedecedit, usurpatione tyrannica occupavit. In omnibus his non est aversus furor ejus, sed adhuc manus ejus extenda. Gravia quidem intulit, sed certissime potestis exspectare in proximo graviora. Hi enim, qui debuerant esse columnae Ecclesiae, in omnes ventos arundinea levitate moventur. Utinam recordent quod, propter negligentiam Heli sacerdotis ministrantis in Silo, gloria Domini de Israel translata est (I Reg. I); nec jam parabola temporis praeteriti est, sed praesentis; "quia repulit Dominus tabernaculum Silo, tabernaculum suum, ubi habitavit in hominibus, et tradidit in captivitatem virtutum eorum, et pulchritudinem eorum in manus inimici!" (Sal. LXXVII.) Imputatur eorum pusillanimitati,

quod Ecclesia conculcatur, periclitatur fides, opprimitur libertas, dolus, Patientia et iniquitas impunitate nutritur. Ubi est, quod Dominus Ecclesiae suae quandoque promisit: "Suges lac gentium, et mamilla regum lactaberis; ponam te in superbiam saeculorum, gaudium in generationem et generationem?" (Isa. LX.) Ecclesia olim superbiorum et sublimium colla propria virtute calcabat, legesque imperatorum sacros canones sequebantur. Nunc autem ordine turbato, non dicam canones, sed canonum conditores pravis legibus, et consuetudinibus exsecrandis arctantur. Detestanda potentum flagitia toleratur; nec est, qui mutire audeat et in pauperum peccata duntaxat rigor canonicus exercetur. Ideo non immerito Anacharsis philosophus telis aranearum leges et canones comparabat, quae animalia debiliora retinent, fortia autem transmittunt. "Astiterunt reges terrae et principes convenerunt in unum adversus Christum Domini" (Salmo II), filium meum. Unus eum torquet in vinculis; alter terras illius crudeli hostilitate devastat. Et, ut verbo vulgari utar, "unus tondet, alter expilat; unus pedem tenet, alter excoriat". Haec videt summus pontifex, et gladium Petri supprimit in vagina repositum. Sic addit cornua peccatori, ipsaque taciturnitas ejus praesumitur ad consensum. Videtur enim consentire, qui cum possit et deberet non corripit, et dissimulatrix pacienteia societatis occultae escrupuloso non carebit. Imminet, sicut praedixit apostolus, tempus dissensionis, ut perditionis filius reveletur, instantque tempora periculosa (II Tim. III), ut scindatur tunica Christi inconsutilis, ut rumpatur rete Petri, et catholicae unitatis soliditas dissolvatur. Initia malorum sunt haec (Mat. VIII): sentimus gravia, graviora timemus. Nec prophetisa, ne filia sum propheae; plura tamen de futuris turbationibus dolor dicere suggerebat: sed ipsa verba, quae suggerit, subripit. Spiritum enim singultus intercipit, et animae vires moeror absorbens vocales meatus anxietate praeccludit. Vale. sicut praedixit apostolus, tempus dissensionis, ut perditionis filius reveletur, instantque tempora periculosa (II Tim. III), ut scindatur tunica Christi inconsutilis, ut rumpatur rete Petri, et catholicae unitatis soliditas dissolvatur. Initia malorum sunt haec (Mat. VIII): sentimus gravia, graviora timemus. Nec prophetisa, ne filia sum propheae; plura tamen de futuris turbationibus dolor dicere suggerebat: sed ipsa verba, quae suggerit, subripit. Spiritum enim singultus intercipit, et animae vires moeror absorbens vocales meatus anxietate praeccludit. Vale. sicut praedixit apostolus, tempus dissensionis, ut perditionis filius reveletur, instantque tempora periculosa (II Tim. III), ut scindatur tunica Christi inconsutilis, ut rumpatur rete Petri, et catholicae unitatis soliditas dissolvatur. Initia malorum sunt haec (Mat. VIII): sentimus gravia, graviora timemus. Nec prophetisa, ne filia sum propheae; plura tamen de futuris turbationibus dolor dicere suggerebat: sed ipsa verba, quae suggerit, subripit. Spiritum enim singultus intercipit, et animae vires moeror absorbens vocales meatus anxietate praeccludit. Vale. graviora timemus. Nec prophetisa, ne filia sum propheae; plura tamen de futuris turbationibus dolor dicere suggerebat: sed ipsa verba, quae suggerit, subripit. Spiritum enim singultus intercipit, et animae vires moeror absorbens vocales meatus anxietate praeccludit. Vale. graviora timemus. Nec prophetisa, ne filia sum propheae; plura tamen de futuris turbationibus dolor dicere suggerebat: sed ipsa verba, quae suggerit, subripit. Spiritum enim singultus intercipit, et animae vires moeror absorbens vocales meatus anxietate praeccludit. Vale.

 COLUMBIA UNIVERSITY LIBRARIES

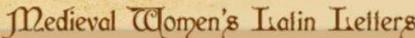
 COLUMBIA | CTL
Center for Teaching and Learning

Salvo indicação em contrário, o conteúdo deste blog está licenciado sob uma licença **Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)**. O código-fonte do Epistole está no [Github](#) com licença **GNU GPLv3**.

Fonte: Ferrante ([2014?]).

ANEXO G

Figura 7- I Carta do Rei Ricardo I - Traduzida

[Lar](#) [Mulheres](#) [Cartas](#) [Genealogia](#) [Recursos](#) [Sobre](#)

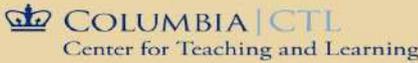
Uma carta de Ricardo I, rei da Inglaterra (1193)

Remetente
Ricardo I, rei da Inglaterra

Receptor
Leonor da Aquitânia

Carta traduzida:

Ricardo, pela graça de Deus rei da Inglaterra, para sua querida mãe Eleanor, pela mesma graça rainha da Inglaterra, saudações e a inviolável sinceridade do amor filial. Nós ordenamos/enviamos a vocês dois para convocar nossos juizes, de Londres, Winchester, Lincoln, Rochester, e outros bispos da igreja de Canterbury, sufragâneas que vocês acham que deveriam ser convocados, com a maior rapidez possível, e também ir pessoalmente ao prior e aos monges em Canterbury, e com todo zelo e diligência realizar a eleição de nosso querido e fiel, o venerável H[ubert], bispo de Salisbury, como arcebispo de Canterbury, como informamos a você anteriormente por meio de nosso amado e fiel Guilherme de St. Mary's [S. Mere l'Eglise], a menos que já tenha sido eleito. Estamos certos de que sua promoção será agradável a Deus e muito necessária à defesa de nosso reino e à preservação da paz e à aceleração de nossa libertação. Por isso, imploramos a você, querida mãe, com toda a devoção possível, que, como você nos ama, leve este negócio à sua conclusão com toda a rapidez possível. E se por acaso você recebeu qualquer mandato nosso em contrário, para o chanceler ou o bispo de Bath, ou para qualquer outra pessoa, queremos que você saiba, sem qualquer dúvida, que anulamos isso e todas as acusações em contrário que virão. para você de nossa chancelaria sobre outras coisas. Seu amor sabe muito bem que, enquanto estamos sob custódia, devemos ceder às orações de grandes homens e suplicar por aqueles que não desejamos de forma alguma promover. O que quer que tenhamos escrito, ou iremos escrever no futuro sobre os referidos negócios, nossa vontade é firme e imutável, que o bispo de Salisbury seja promovido na igreja de Canterbury - é ele que queremos e nenhum outro. E se talvez ele ainda não tenha sido eleito ou qualquer chance intervenha, [Deus] me livre, que torne impossível elegê-lo, queremos e ordenamos firmemente que a igreja de Canterbury não seja de forma alguma abastecida com um pastor antes de nosso retorno à Inglaterra. . Outras coisas relacionadas com a promoção do referido bispo de Salisbury, nosso querido e fiel mestre John de Bridport, fornecerão, em quem você pode ter fé indubitável na promoção deste negócio. Comigo como testemunha em Wurms, dia 8 de junho. que torna impossível elegê-lo, queremos e ordenamos firmemente que a igreja de Canterbury não seja de forma alguma abastecida com um pastor antes de nosso retorno à Inglaterra. Outras coisas relacionadas com a promoção do referido bispo de Salisbury, nosso querido e fiel mestre John de Bridport, fornecerão, em quem você pode ter fé indubitável na promoção deste negócio. Comigo como testemunha em Wurms, dia 8 de junho. que torna impossível elegê-lo, queremos e ordenamos firmemente que a igreja de Canterbury não seja de forma alguma abastecida com um pastor antes de nosso retorno à Inglaterra. Outras coisas relacionadas com a promoção do referido bispo de Salisbury, nosso querido e fiel mestre John de Bridport, fornecerão, em quem você pode ter fé indubitável na promoção deste negócio. Comigo como testemunha em Wurms, dia 8 de junho.

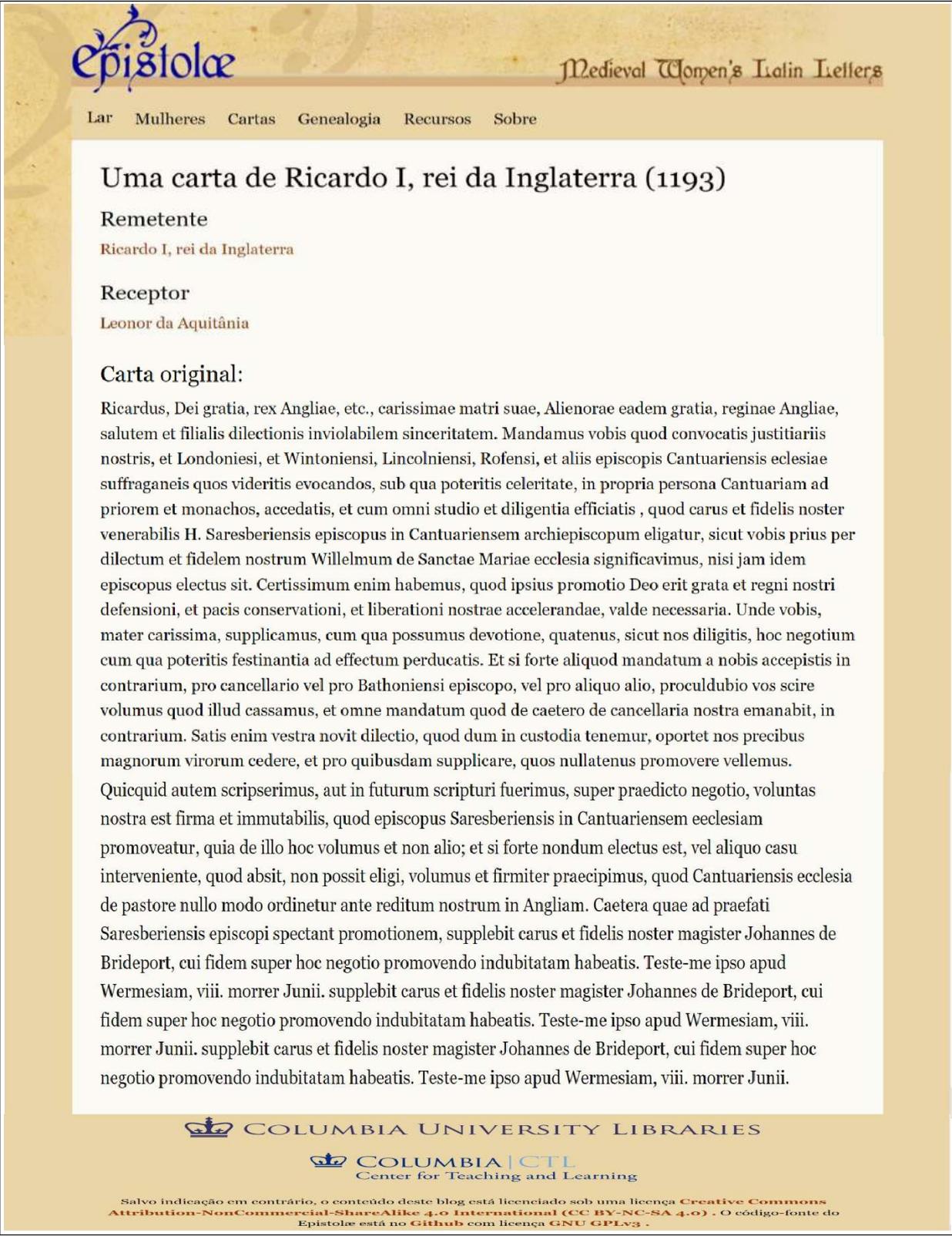



Salvo indicação em contrário, o conteúdo deste blog está licenciado sob uma licença **Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)** . O código-fonte do Epistolæ está no [Github](#) com licença **GNU GPLv3** .

Fonte: Ferrante ([2014?]).

ANEXO H

Figura 8 – I CARTA do Rei Ricardo I - Original



epistolae Medieval Women's Latin Letters

Lar Mulheres Cartas Genealogia Recursos Sobre

Uma carta de Ricardo I, rei da Inglaterra (1193)

Remetente
Ricardo I, rei da Inglaterra

Receptor
Leonor da Aquitânia

Carta original:

Ricardus, Dei gratia, rex Angliae, etc., carissimae matri suae, Alienorae eadem gratia, reginae Angliae, salutem et filialis dilectionis inviolabilem sinceritatem. Mandamus vobis quod convocatis justitiariis nostris, et Londoniesi, et Wintoniensi, Lincolnensi, Rofensi, et aliis episcopis Cantuariensis ecclesiae suffraganeis quos videritis evocandos, sub qua poteritis celeritate, in propria persona Cantuariam ad priorem et monachos, accedatis, et cum omni studio et diligentia efficiatis, quod carus et fidelis noster venerabilis H. Saresberiensis episcopus in Cantuariensem archiepiscopum eligatur, sicut vobis prius per dilectum et fidelem nostrum Willelmum de Sanctae Mariae ecclesia significavimus, nisi jam idem episcopus electus sit. Certissimum enim habemus, quod ipsius promotio Deo erit grata et regni nostri defensionem, et pacis conservationem, et liberationem nostrae accelerandae, valde necessaria. Unde vobis, mater carissima, supplicamus, cum qua possumus devotione, quatenus, sicut nos diligitis, hoc negotium cum qua poteritis festinantia ad effectum perducat. Et si forte aliquod mandatum a nobis accepistis in contrarium, pro cancellario vel pro Bathoniensi episcopo, vel pro aliquo alio, proculdubio vos scire volumus quod illud cassamus, et omne mandatum quod de caetero de cancellaria nostra emanabit, in contrarium. Satis enim vestra novit dilectio, quod dum in custodia tenemur, oportet nos precibus magnorum virorum cedere, et pro quibusdam supplicare, quos nullatenus promovere vellemus. Quicquid autem scripserimus, aut in futurum scripturi fuerimus, super praedicto negotio, voluntas nostra est firma et immutabilis, quod episcopus Saresberiensis in Cantuariensem ecclesiam promoveatur, quia de illo hoc volumus et non alio; et si forte nondum electus est, vel aliquo casu interveniente, quod absit, non possit eligi, volumus et firmiter praecipimus, quod Cantuariensis ecclesia de pastore nullo modo ordinetur ante reditum nostrum in Angliam. Caetera quae ad praefati Saresberiensis episcopi spectant promotionem, supplebit carus et fidelis noster magister Johannes de Brideport, cui fidem super hoc negotio promovendo indubitam habeatis. Teste-me ipso apud Wermesiam, viii. morder Junii. supplebit carus et fidelis noster magister Johannes de Brideport, cui fidem super hoc negotio promovendo indubitam habeatis. Teste-me ipso apud Wermesiam, viii. morder Junii. supplebit carus et fidelis noster magister Johannes de Brideport, cui fidem super hoc negotio promovendo indubitam habeatis. Teste-me ipso apud Wermesiam, viii. morder Junii.

 COLUMBIA UNIVERSITY LIBRARIES

 COLUMBIA | CTL
Center for Teaching and Learning

Salvo indicação em contrário, o conteúdo deste blog está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International \(CC BY-NC-SA 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/). O código-fonte do Epistolae está no [Github](https://github.com/epistolae) com licença [GNU GPLv3](https://www.gnu.org/licenses/gpl-3.0.html).

Fonte: Ferrante ([2014?]).

ANEXO I

Figura 9 – II Carta do Rei Ricardo I – Traduzida


Medieval Women's Latin Letters

[Lar](#)
[Mulheres](#)
[Cartas](#)
[Genealogia](#)
[Recursos](#)
[Sobre](#)

Uma carta de Ricardo I, rei da Inglaterra (1193, 19 de abril)

Remetente
Ricardo I, rei da Inglaterra

Receptor
Leonor da Aquitânia

Carta traduzida:

Ricardo, pela graça de Deus, Rei da Inglaterra, Duque da Normandia e Aquitânia, e Conde de Anjou, para Eleanor, pela mesma graça, Rainha da Inglaterra, sua querida mãe, e seus juízes, e todos os seus fiéis em toda a Inglaterra, saudações. Que seja conhecido por toda a sua comunidade que depois que nosso amado Hubert, venerável bispo de Salisbury, e William, nosso protonotário da igreja de St. Mary, nos deixou, nosso querido chanceler, William, bispo de Ely, veio até nós: e com ele mediando fielmente entre o Senhor Imperador e nós, aconteceu que do castelo de Trivellis em que estávamos, fomos ao encontro do Imperador em Hagenau, onde fomos honrosamente recebidos por aquele Imperador e toda a Corte. Lá, o Senhor Imperador e a Senhora Imperatriz nos honraram com grandes e variados presentes; e, o que é mais importante, um mútuo e indissolúvel pacto de amor foi firmado entre o Senhor Imperador e nós; obter e reter isso deve ajudar. Estamos, honrosamente, hospedados com aquele Imperador; até que as negociações entre ele e nós sejam concluídas e até que juremos a ele os setenta mil marcos de prata que você está buscando solicitamente em dinheiro, e vocês, nossos juízes que presidem outros em nosso reino, devem oferecer um exemplo aos outros: Que você ajude-nos honrada e magnificamente com sua propriedade e com as coisas que você pode obter a crédito / emprestado de outros, e dê o exemplo aos nossos outros fiéis de fazer o mesmo. Receba todo o ouro e prata das igrejas dos prelados dessas igrejas com observância diligente e testemunho escrito: afirme a eles que será totalmente restaurado por seu juramento e pelos de quaisquer barões que você desejar. Receba fiadores/reféns de todos os nossos barões para que, quando nosso fiel chanceler vier à Inglaterra, nossas negociações na Alemanha sendo concluídas o mais rápido possível, ele encontre esses reféns com nossa querida mãe, a Rainha, para que ele possa nos enviar rapidamente aqueles sobre a quem foi acordado entre nós e o Senhor Imperador: Que nossa liberdade não sofra atraso devido à ausência de reféns e sua negligência. Da mesma forma, o dinheiro arrecadado por minha mãe e outros que ela desejar, deve ser entregue: quem acharmos pronto em nossa necessidade, nos encontrará um amigo e remunerador em suas necessidades; ele será mais agradável para nós se nos ajudar de alguma forma em nossa ausência do que se ele ajudasse duplamente em nossa presença. Desejamos também que os nomes de magnatas individuais e as subvenções que eles fazem agora sejam registrados pelo selo de nossa mãe para nós, para que possamos saber o quanto devemos mostrar gratidão a cada um. Saiba com certeza que, se formos restaurados ao poder total na Inglaterra, daremos tanto ou mais dinheiro quanto agora damos ao Senhor Imperador para executar os pactos, que agora concluímos pela graça de Deus: E se o fizéssemos não tendo esse dinheiro adiantado, entregaríamos nosso próprio corpo ao imperador até que o dinheiro fosse pago; antes que isso seja feito, ele permanecerá imperfeito/desfeito. Na bula de ouro do Senhor Imperador, nosso Chanceler carrega o referido testemunho para você. Testemunhado por nós em Hagenau, 13 calendas de maio. para que possamos saber o quanto devemos

mostrar gratidão a cada um. Saiba com certeza que, se formos restaurados ao poder total na Inglaterra, daremos tanto ou mais dinheiro quanto agora damos ao Senhor Imperador para executar os pactos, que agora concluímos pela graça de Deus: E se o fizéssemos não tendo esse dinheiro adiantado, entregaríamos nosso próprio corpo ao imperador até que o dinheiro fosse pago; antes que isso seja feito, ele permanecerá imperfeito/desfeito. Na bula de ouro do Senhor Imperador, nosso Chanceler carrega o referido testemunho para você. Testemunhado por nós em Hagenau, 13 calendas de maio. para que possamos saber o quanto devemos mostrar gratidão a cada um. Saiba com certeza que, se formos restaurados ao poder total na Inglaterra, daremos tanto ou mais dinheiro quanto agora damos ao Senhor Imperador para executar os pactos, que agora concluímos pela graça de Deus: E se o fizéssemos não tendo esse dinheiro adiantado, entregaríamos nosso próprio corpo ao imperador até que o dinheiro fosse pago; antes que isso seja feito, ele permanecerá imperfeito/desfeito. Na bula de ouro do Senhor Imperador, nosso Chanceler carrega o referido testemunho para você. Testemunhado por nós em Hagenau, 13 calendas de maio. entregaríamos nosso próprio corpo ao imperador até que o dinheiro fosse pago; antes que isso seja feito, ele permanecerá imperfeito/desfeito. Na bula de ouro do Senhor Imperador, nosso Chanceler carrega o referido testemunho para você. Testemunhado por nós em Hagenau, 13 calendas de maio.

 COLUMBIA UNIVERSITY LIBRARIES

 COLUMBIA | CTL
Center for Teaching and Learning

Salvo indicação em contrário, o conteúdo deste blog está licenciado sob uma licença **Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)**. O código-fonte do Epistolæ está no **GitHub** com licença **GNU GPLv3**.

Fonte: Ferrante ([2014?]).

ANEXO J

Figura 10 – II CARTA do Rei Ricardo I - Original



Lar Mulheres Cartas Genealogia Recursos Sobre

Uma carta de Ricardo I, rei da Inglaterra (1193, 19 de abril)

Remetente
Ricardo I, rei da Inglaterra

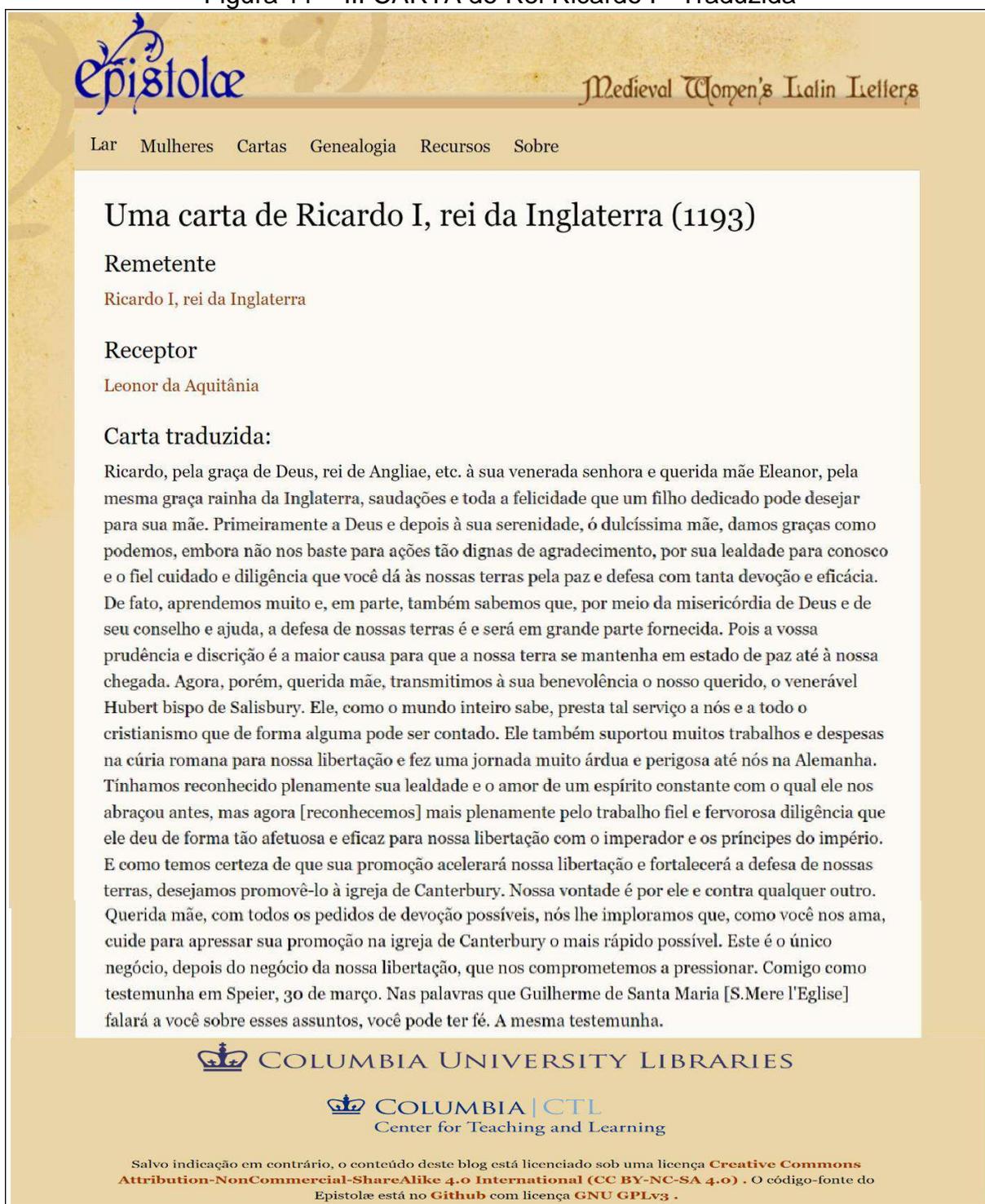
Receptor
Leonor da Aquitânia

Carta original:

Richardus, Dei Gratia Rex Angliae, Dux Normanniae & Aquitaniae, & Comes Andegaviae, Alienorae eadem Gratia Regina Angliae charissimae matri suae, & Justiciariis suis, & omnibus fidelibus suis per Angliam constitutis, Salutem. Notum sit Universitati vestrae quod postquam recesserunt a nobis dilecti nostri Hubertus venerabilis Episcopus Sarisbiriensis, & Willelmus de Sanctae Mariae Ecclesiae Protonotarius noster, venit ad nos charissimus Cancellarius noster Willielmus Eliensis Episcopus: Et eo inter Dominum Imperatorum, & nos fideliter interloquente, eo usque res pervenit, quod de Castello de Trivellis, in quo detinebamur, obviam venimus Imperatori apud Hagenou, ubi honorifice ab ipso Imperatore & tota Curia recepti fuimus. Ibiq; Dominus Imperator & Domina Imperatrix nos magnis, & variis munieribus honoraverunt; & quod praecipuum est, mutuum foedus amoris & indissolubile inter Dominum Imperatorem contractum est, & nos; ita obtinendo, & retinendo, juvare debet. Honestè autem circa ipsum Imperatorem moram facimus; donec ipsius & nostra negotia perficiantur, & donec ei Septuaginta Millia Marcarum Argenti adjuramus, quatenus in hac pecunia perquirenda solliciti sitis, & vos Justiciarii nostri, qui aliis in Regno nostro praeestis, exemplum aliis praebeatis: Ut ita honorifice & magnifice de proprio nobis subveniatis, & etiam de his, quae de aliis mutuo accipere poteritis, & aliis fidelibus nostris exemplum detis similia faciendi. Universum autem Aurum & Argentum Ecclesiarum diligenti observee, & scripti testimonio ab ipsarum Ecclesiarum Praelatis accipiatis: Eisque per Sacramentum vestrum, & aliorum Baronum nostrorum quos volueritis assertetis, quod eis plenarie restituentur. Universorum etiam Baronum nostrorum obsides recipiatis, ut cum fidelissimus Cancellarius noster, quam cito peractis in Allemannia negotiis nostris, in Anglia venerit, eosdem obsides penes Charissimam matrem nostram Reginam reperiat, ut eos, de quibus inter nos, & Dominum Imperatorem convenit, expedite possit ad nos transmissore: Ne liberatio nostra per absentiam obsidum & negligentiam vestram moram patiatur. Pecunia autem collecta similiter matri meae, & aliis, quibus ipsa voluerit, tradatur: Quem autem in necessitate nostra promptum inveniemus, in suis necessitatibus amicum nos reperiet, & remuneratorem; gratiusque nobis erit, si quis in absentia nostra in aliquo nobis subveniat, quam si in praesentia nostra in duplo quis nobis subveniret. Volumus autem ut singulorum magnatum nomina, & subventiones, quae praesentialiter fient, per Sigillum matris nostrae nobis significentur, ut sciamus, quantum unicuique in gratiarum actionibus teneamur. Sciatis pro certo, quod si in Anglia in libera potestate nostra essemus constituti, tantam vel majorem pecuniam Domino Imperatori daremus quam modo damus pro pactionibus consequendis, quas per Dei gratiam consecuti sumus: Et si etiam pecuniam non prae manibus haberemus, proprium corpus nostrum Imperatori traderemus, donec pecunia solveretur; antequam quod factum est relinqueretur imperfectum. In bulla autem Domini Imperatoris aurea fert vobis Cancellarius noster praedictam testificationem. Testibus nobis ipsis apud Hagenou, 13 Cal. Maii. Volumus autem ut singulorum magnatum nomina, & subventiones, quae praesentialiter fient, per Sigillum matris nostrae nobis significentur, ut sciamus, quantum unicuique in gratiarum actionibus teneamur. Sciatis pro certo, quod si in Anglia in libera potestate nostra essemus constituti, tantam vel majorem pecuniam Domino

ANEXO K

Figura 11 – III CARTA do Rei Ricardo I - Traduzida



epistolæ Medieval Women's Latin Letters

Lar Mulheres Cartas Genealogia Recursos Sobre

Uma carta de Ricardo I, rei da Inglaterra (1193)

Remetente
Ricardo I, rei da Inglaterra

Receptor
Leonor da Aquitânia

Carta traduzida:

Ricardo, pela graça de Deus, rei de Angliae, etc. à sua venerada senhora e querida mãe Eleanor, pela mesma graça rainha da Inglaterra, saudações e toda a felicidade que um filho dedicado pode desejar para sua mãe. Primeiramente a Deus e depois à sua serenidade, ó dulcíssima mãe, damos graças como podemos, embora não nos baste para ações tão dignas de agradecimento, por sua lealdade para conosco e o fiel cuidado e diligência que você dá às nossas terras pela paz e defesa com tanta devoção e eficácia. De fato, aprendemos muito e, em parte, também sabemos que, por meio da misericórdia de Deus e de seu conselho e ajuda, a defesa de nossas terras é e será em grande parte fornecida. Pois a vossa prudência e discrição é a maior causa para que a nossa terra se mantenha em estado de paz até à nossa chegada. Agora, porém, querida mãe, transmitimos à sua benevolência o nosso querido, o venerável Hubert bispo de Salisbury. Ele, como o mundo inteiro sabe, presta tal serviço a nós e a todo o cristianismo que de forma alguma pode ser contado. Ele também suportou muitos trabalhos e despesas na cúria romana para nossa libertação e fez uma jornada muito árdua e perigosa até nós na Alemanha. Tínhamos reconhecido plenamente sua lealdade e o amor de um espírito constante com o qual ele nos abraçou antes, mas agora [reconhecemos] mais plenamente pelo trabalho fiel e fervorosa diligência que ele deu de forma tão afetuosa e eficaz para nossa libertação com o imperador e os príncipes do império. E como temos certeza de que sua promoção acelerará nossa libertação e fortalecerá a defesa de nossas terras, desejamos promovê-lo à igreja de Canterbury. Nossa vontade é por ele e contra qualquer outro. Querida mãe, com todos os pedidos de devoção possíveis, nós lhe imploramos que, como você nos ama, cuide para apressar sua promoção na igreja de Canterbury o mais rápido possível. Este é o único negócio, depois do negócio da nossa libertação, que nos comprometemos a pressionar. Comigo como testemunha em Speier, 30 de março. Nas palavras que Guilherme de Santa Maria [S.Mere l'Eglise] falará a você sobre esses assuntos, você pode ter fé. A mesma testemunha.

 COLUMBIA UNIVERSITY LIBRARIES

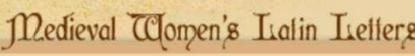
 COLUMBIA | CTL
Center for Teaching and Learning

Salvo indicação em contrário, o conteúdo deste blog está licenciado sob uma licença **Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)**. O código-fonte do Epistolæ está no **GitHub** com licença **GNU GPLv3**.

Fonte: Ferrante ([2014?]).

ANEXO L

Figura 12 – III Carta do Rei Ricardo I - Original

[Lar](#) [Mulheres](#) [Cartas](#) [Genealogia](#) [Recursos](#) [Sobre](#)

Uma carta de Ricardo I, rei da Inglaterra (1193)

Remetente
Ricardo I, rei da Inglaterra

Receptor
Leonor da Aquitânia

Carta original:

Ricardus, Dei gratia, rex Angliae, etc.; reverendae dominae suae et matri carissimae Alienorae, eadem gratia reginae Angliae, salutem, et omnem quam devotus filius potest matri desiderare felicitatem. In primis Deo et postmodum vestrae serenitati, mater dulcissima, gratias quascunque possumus exsolvimus, licet ad tam dignas gratiarum actiones sufficere non possumus, pro fidelitate quam nobis servatis, et fideli cura et diligentia quam terrarum nostrarum paci ac defensionem tam devote et efficaciter impenditis. Satis quidem cognovimus et ex parte scimus, quod per Dei miserationem et vestrum consilium et auxilium, terrarum nostrarum defensionem est et erit in maxima parte provisum. Maxima namque causa vestra est prudentia et discretio, quare usque in adventum nostrum terra nostra in statu debeat permanere pacifico. Nunc autem, mater carissima, vestrae transmittimus benignitati carissimum nostrum, virum venerabilem Hubertum Saresberiensem episcopum. Qui, sicut mundus novit universus, in ultramarinis partibus totam Christianitatem et nobis tam grata impendit obsequia, quod nullatenus possunt enarrari. Qui etiam in curia Romana pro nostra liberatione tot labores sustinuit et expensas, et tam laboriosum iter et periculosum ad nos usque in Alimanniam arripuit. Fidelitatem tunc ejus et constantis animi dilectionem qua nos amplectitur plenius cognovimus, sed nunc quidem plenissime per fidelem operam et ferventem diligentiam quam liberationi nostrae tam affectuose et efficaciter impendit, penes imperatorem et proceres imperii. Et quoniam certi sumus quod in illius promotione nostra maturior erit liberatio, et fortior terrarum nostrarum defensio, ipsum in ecclesiam Cantuariensem volumus promovere. Voluntas enim nostra est de ipso, et de alio contraire. Mater carissima, cum omni qua possumus devotionis instantia vobis supplicamus, quatenus sicut nos diligitis, ipsius promotionem in Cantuariensem ecclesiam sub omni celeritate festinare curetis. Hoc enim solum est negotium, post negotium liberationis nostrae, quod vobis magis committimus festinandum. Teste me ipso apud Spiram, xxx. m. morrer Martii. Verbis autem quae Willelmus de Sanctae Mariae ecclesia vobis super his exponet, fidem habeatis. Teste eodem. quod vobis magis committimus festinandum. Teste me ipso apud Spiram, xxx. m. morrer Martii. Verbis autem quae Willelmus de Sanctae Mariae ecclesia vobis super his exponet, fidem habeatis. Teste eodem. quod vobis magis committimus festinandum. Teste me ipso apud Spiram, xxx. m. morrer Martii. Verbis autem quae Willelmus de Sanctae Mariae ecclesia vobis super his exponet, fidem habeatis. Teste eodem.

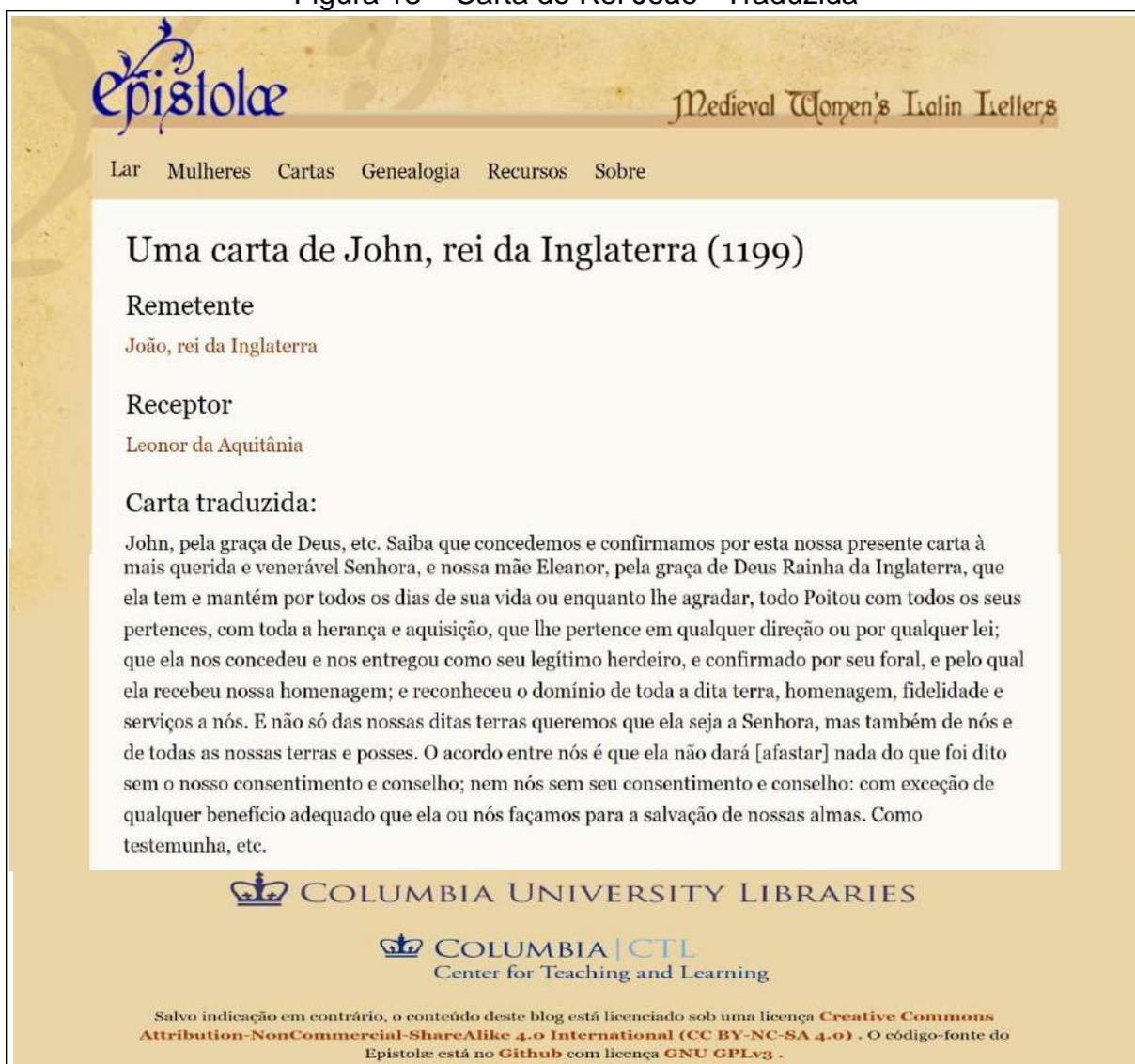



Salvo indicação em contrário, o conteúdo deste blog está licenciado sob uma licença **Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)**. O código-fonte do Epistolæ está no [Github](#) com licença **GNU GPLv3**.

Fonte: Ferrante ([2014?]).

ANEXO M

Figura 13 – Carta do Rei João - Traduzida



Epistolæ Medieval Women's Latin Letters

Lar Mulheres Cartas Genealogia Recursos Sobre

Uma carta de John, rei da Inglaterra (1199)

Remetente
João, rei da Inglaterra

Receptor
Leonor da Aquitânia

Carta traduzida:

John, pela graça de Deus, etc. Saiba que concedemos e confirmamos por esta nossa presente carta à mais querida e venerável Senhora, e nossa mãe Eleanor, pela graça de Deus Rainha da Inglaterra, que ela tem e mantém por todos os dias de sua vida ou enquanto lhe agradar, todo Poitou com todos os seus pertences, com toda a herança e aquisição, que lhe pertence em qualquer direção ou por qualquer lei; que ela nos concedeu e nos entregou como seu legítimo herdeiro, e confirmado por seu foral, e pelo qual ela recebeu nossa homenagem; e reconheceu o domínio de toda a dita terra, homenagem, fidelidade e serviços a nós. E não só das nossas ditas terras queremos que ela seja a Senhora, mas também de nós e de todas as nossas terras e posses. O acordo entre nós é que ela não dará [afastar] nada do que foi dito sem o nosso consentimento e conselho; nem nós sem seu consentimento e conselho: com exceção de qualquer benefício adequado que ela ou nós façamos para a salvação de nossas almas. Como testemunha, etc.

 COLUMBIA UNIVERSITY LIBRARIES

 COLUMBIA | CTL
Center for Teaching and Learning

Salvo indicação em contrário, o conteúdo deste blog está licenciado sob uma licença **Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)**. O código-fonte do Epistolæ está no **GitHub** com licença **GNU GPLv3**.

Fonte: Ferrante ([2014?]).

ANEXO N

Figura 14 – Carta do Rei João - Original

Epistolæ Medieval Women's Latin Letters

Lar Mulheres Cartas Genealogia Recursos Sobre

Uma carta de John, rei da Inglaterra (1199)

Remetente
João, rei da Inglaterra

Receptor
Leonor da Aquitânia

Carta original:

Johannes, Dei gratia, etc. Sciatis nos concessisse, & praesenti Carta nostra confirmasse karissimae ac venerabili Dominae, & Matri nostrae Alienorae, Dei gratia, Reginae Angliae, quod habeat & teneat, omnibus diebus vitae suae, vel quamdiu sibi placuerit, totam Pictaviam cum omnibus pertinentiis suis, cum tota Haereditate & acquisitione, quae eam, ex aliqua parte, vel quocunque jure, contingat; quae nobis tanquam recto Haeredi suo concessit & dimisit, & Carta sua confirmavit, & unde homagium nostrum recepit; & unde Dominium totius terrae praeditae, homagium, fidelitatem & servitia nobis atturavit. Et non tantum de praedictis terris nostris volumus quod sit Domina; set etiam de nobis, & omnibus terris, & rebus nostris. Conventio etiam inter nos, quod ipsa nil dabit de praedictis sine assensu & consilio nostro; nec nos, sine assensu & consilio suo: Excepto aliquo competente beneficio, quod ipsa, vel nos faciamus pro salute animarum nostrarum. Teste, etc.

 COLUMBIA UNIVERSITY LIBRARIES

 COLUMBIA | CTL
Center for Teaching and Learning

Salvo indicação em contrário, o conteúdo deste blog está licenciado sob uma licença **Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)**. O código-fonte do Epistolæ está no **GitHub** com licença **GNU GPLv3**.

Fonte: Ferrante ([2014?]).

ANEXO O

Carta de Ralph Turner para a pesquisadora Crislene Razente – Transcrição de e-mail
(Dados de pesquisas sobre Leonor de Aquitânia)

Ralph V. Turner

‘How I came to write a biography of Eleanor of Aquitaine’

As a child, I had a strong interest in history. It was only natural for someone born in 1935 in the American South, where the Civil War had been fought only seventy years ago. In my family there was a strong awareness of the past and a sense of loss, that our ancestors’ lives had been better than our own. My mother was much influenced by the reminiscences of her grandmother, who lived through the Civil War and Reconstruction, driven from Tennessee to Arkansas. I, in turn, was much influenced by my grandfather, who had a great interest in history and current events. When a school boy, I assumed that the only way to turn my interest in history into a profession was by training as a high-school teacher, likely teaching American history. Certainly, I never had any childhood dreams of becoming a specialist in medieval history. Once I went away to college, I excelled as a student. At the small college that I first attended in Memphis, Tennessee [now known as Rhodes College], many students planned professional careers in law, medicine, or theology. I felt that becoming a professor of history could be a possibility for me. One of my professors suggested the Middle Ages as an area of study, since I had studied Latin for several years. I transferred to the University of Arkansas to complete my studies, where the history faculty supplied excellent preparation for graduate studies. On graduation I won a Fulbright Scholarship to spend a year in France at the University of Poitiers, at the newly founded Centre des Études supérieures de civilisation médiévale. I was one of the less prepared students for such an institute, yet it was a major step in my academic career. There I was in a city steeped in medieval history and in memories of Eleanor of Aquitaine. My year in France was a life-changing experience. On returning to the US, I began my doctoral studies in medieval history at the Johns Hopkins University. I concentrated on the English Middle Ages, writing my doctoral thesis on the royal courts of justice in the reign of King John. By his reign, records of the courts, the *curia regis*, survive, made available in print by the British Public Records Office. For several years after earning my doctorate, my research centered on early English law in the time of Henry II and his sons. Later I was attracted to approaching that period through prosopography, the study of associated individuals to create a group portrait, and I

began researching the biographies of judges of the king's court as a group. I am now continuing this method with a study of royal wet nurses of the Angevin kings of England that I hope to publish. After publishing a book on the judges of the Angevin kings, I wrote brief biographies of King John and Richard I. This led to an interest in the upbringing of the princes, and I published an article on Eleanor of Aquitaine and her children. This caused me to consider writing a biography of Eleanor. However, it was a time when feminism was becoming a powerful movement, and women's history was becoming a recognized field of study, drawing many women scholars into historical research and publication. For some time, this held me back from attempting a biography of Eleanor, fearing it would not be welcomed by women in the historical profession. I suspected that they would consider it their own proper topic. Eventually, I decided to go ahead with my study, encouraged by a friend among women medievalists I know from conferences I have attended. At the time, several biographies of Eleanor existed in English and French, but none used her charters as a major source. Contemporary chronicles continued to be the basis of their research. My earlier biographical research had familiarized me with other primary sources, especially the value of charters and their witness lists for recreating lives. I decided to base my book as much as possible on contemporary documents. About that time, the English historian Sir James Holt was collecting the charters of Henry II and his family, including Eleanor of Aquitaine, making the charters more accessible. Also my earlier researches had familiarized me with the pipe rolls, records of the English Exchequer, that exist in a continuous series from Henry II's first years as King. These financial records reveal much about the royal household and its workings. Even with varied original sources, it is impossible to paint a complete portrait of Eleanor. Much about her must remain in the realm of conjecture. The available primary sources, however, make possible more informed conjectures. I rethink some of my views set forth in my book, notably my opinion of Henry II. It is clear that Henry appeared to his subjects as their oppressor and as the English church's oppressor. His failure to win his subjects' hearts makes more understandable his failure to win Eleanor's heart.

ANEXO P

Carta de Ralph Turner para a pesquisadora Crislene Razente – Transcrição de – email traduzido

Ralph V. Turner

'Como cheguei a escrever uma biografia de Eleanor da Aquitânia'

Quando criança, eu tinha um forte interesse por história. Era natural para alguém nascido em 1935 no sul dos Estados Unidos, onde a Guerra Civil havia sido travada apenas setenta anos atrás. Em minha família havia uma forte consciência do passado e um sentimento de perda, de que a vida de nossos ancestrais tinha sido melhor do que a nossa. Minha mãe foi muito influenciada pelas reminiscências de sua avó, que viveu durante a Guerra Civil e a Reconstrução, expulsa do Tennessee para o Arkansas. Eu, por sua vez, fui muito influenciado por meu avô, que tinha um grande interesse por história e atualidades. Quando era estudante, presumi que a única maneira de transformar meu interesse em história em profissão era treinando como professor de ensino médio, provavelmente ensinando história americana.

Certamente, nunca tive sonhos de infância de me tornar um especialista em história medieval. Depois que fui para a faculdade, me destaquei como aluno. Na pequena faculdade que primeiro frequentado em Memphis, Tennessee [agora conhecido como Rhodes College], muitos estudantes planejaram carreiras profissionais em direito, medicina ou teologia. Senti que ser professor de história poderia ser uma possibilidade para mim. Um dos meus professores sugeriu a Idade Média como área de estudo, já que estudei latim por vários anos. Transferi-me para a Universidade de Arkansas para concluir meus estudos, onde o corpo docente de história forneceu uma excelente preparação para estudos de pós-graduação. Na formatura, ganhei uma bolsa Fulbright para passar um ano na França, na Universidade de Poitiers, no recém-fundado Centre des Études supérieures de civilization médiévale. Eu era um dos alunos menos preparados para tal instituto, mas foi um passo importante em minha carreira acadêmica. Lá estava eu em uma cidade mergulhada na história medieval e nas memórias de Leonor da Aquitânia. Meu ano na França foi uma experiência de mudança de vida. Ao retornar aos Estados Unidos, comecei meus estudos de doutorado em história medieval na Universidade Johns Hopkins. Concentrei-me na Idade Média inglesa, escrevendo minha tese de doutorado sobre as cortes reais de justiça no reinado de D. João. Por seu reinado, os registros dos tribunais, a cúria regis, sobrevivem, disponibilizados em versão impressa pelo British Public Records Office. Por vários anos depois de obter meu doutorado, minha pesquisa concentrou-se no direito inglês

antigo na época de Henrique II e seus filhos. Mais tarde, fui atraído por abordar esse período através da prosopografia, o estudo de indivíduos associados para criar um retrato de grupo, e comecei a pesquisar as biografias dos juizes da corte do rei como um grupo. Agora estou continuando este método com um estudo de amas de leite reais dos reis angevinos da Inglaterra que espero publicar. Depois de publicar um livro sobre os juizes dos reis angevinos, escrevi breves biografias de Rei João e Ricardo I. Isso despertou o interesse pela educação dos príncipes, e publiquei um

artigo sobre Eleanor da Aquitânia e seus filhos. Isso me levou a pensar em escrever uma biografia de Eleanor. No entanto, era uma época em que o feminismo estava se tornando um movimento

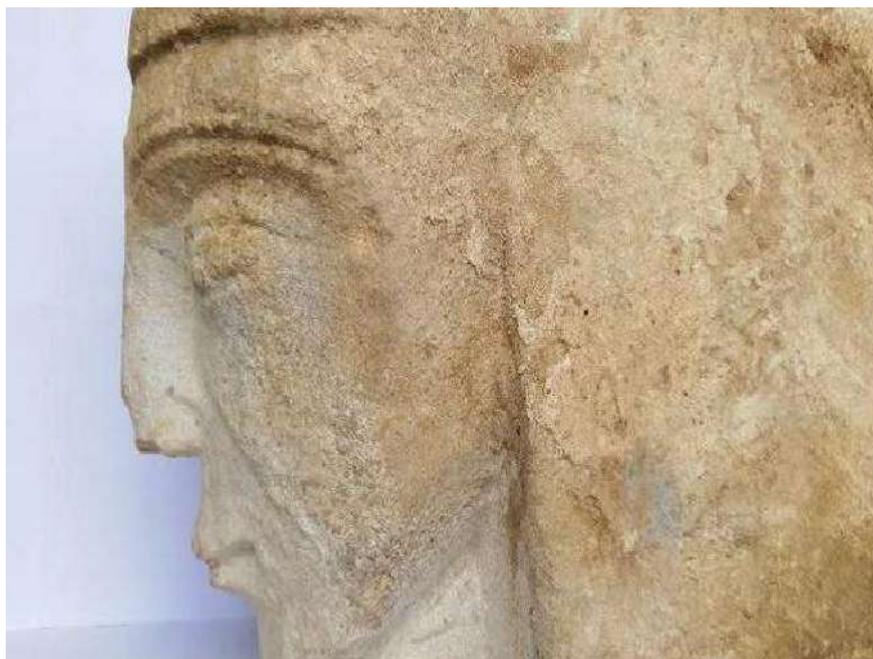
poderoso e a história das mulheres estava se tornando um campo de estudo reconhecido, atraindo muitas estudiosas para a pesquisa e publicação histórica. Por algum tempo, isso me impediu de tentar uma biografia de Eleanor, temendo que não fosse bem-vinda pelas mulheres na profissão histórica. Suspeitei que eles considerariam isso seu próprio tópico. Por fim, decidi prosseguir com meu estudo, incentivada por uma amiga entre as mulheres medievalistas que conheço de conferências a que participei. Na época, existiam várias biografias de Eleanor em inglês e francês, mas nenhuma usava suas cartas como uma fonte importante. As crônicas contemporâneas continuaram a ser a base de suas pesquisas. Minha pesquisa biográfica anterior me familiarizou com outras fontes primárias, especialmente o valor das cartas e suas listas de testemunhas para recriar vidas. Decidi basear meu livro tanto quanto possível em documentos contemporâneos. Naquela época, o historiador inglês Sir James Holt estava coletando as cartas de Henrique II e sua família, incluindo Leonor da Aquitânia, tornando as cartas mais acessíveis. Além disso, minhas pesquisas anteriores me familiarizaram com os rolos de cachimbo, registros do Tesouro inglês, que existem em uma série contínua desde os primeiros anos de Henrique II como rei. Esses registros financeiros revelam muito sobre a casa real e seu funcionamento. Mesmo com fontes originais variadas, é impossível pintar um retrato completo de Eleanor. Muito sobre ela deve permanecer no reino da conjectura. As fontes primárias disponíveis, no entanto, possibilitam conjecturas mais informadas. Repenso algumas das minhas opiniões apresentadas em meu livro, principalmente minha opinião sobre Henrique II. É claro que Henrique apareceu para seus súditos como o opressor deles e como o opressor da igreja inglesa. Seu fracasso em conquistar o coração de seus súditos torna mais compreensível seu fracasso em conquistar o coração de Eleanor.

(Ralph V. Turner, Professor Emérito de História, Florida, State University Tallahassee, FL. Apresentação traduzida - Tradução nossa).

ANEXO Q

Durante a restauração da Abadia de Bradwell, Inglaterra, encontraram uma escultura que representa Eleanor da Aquitânia.

Figura 15 - Escultura que representa Eleanor da Aquitânia



Fonte: MK Citizen. A escultura (2019, p. 1)⁷⁶.

⁷⁶ Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/antiga-cabeca-de-rainha-encontrada-na-inglaterra.phtml>>. Acesso em: 20 jul. 2023.

ANEXO R

Figura 16 - Eleanor of Aquitaine, Queen of England

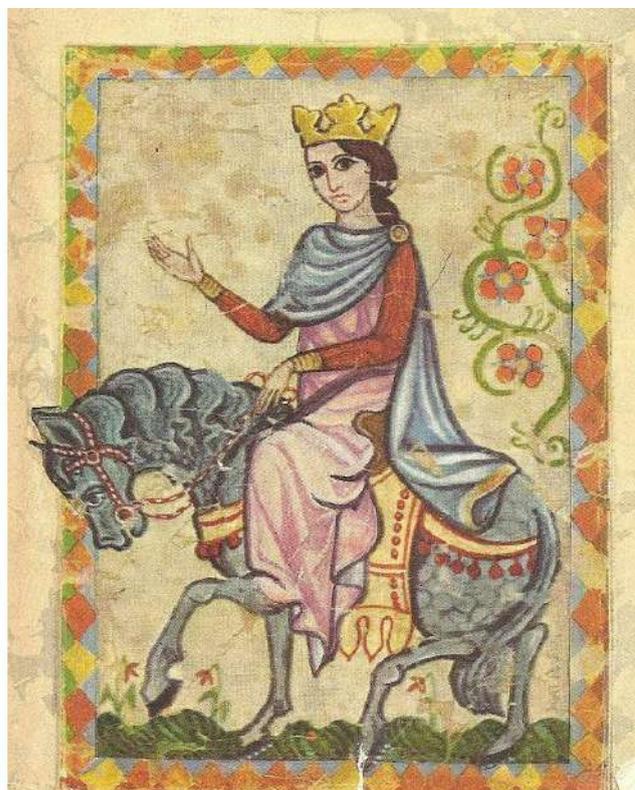


Fonte: Constantinou (2022)⁷⁷.

⁷⁷ Ilustra uma reconstrução facial de Eleanor da Aquitânia (l. c. 1122-1204), com base em sua efígie da Abadia de Fontevraud, produzida por Panagiotis Constantinou, um design gráfico que disponibiliza gratuitamente sua arte para fins educativos. Disponível em: <<https://www.worldhistory.org/image/15656/queen-eleanor-of-aquitaine/>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

ANEXO S

Figura 17 – Eleanor of Aquitaine



Fonte: Wikimedia commons (2020)⁷⁸.

⁷⁸ Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Eleanor_of_Aquitaine.jpg>. Acesso em: 20 jul. 2023.

ANEXO T

Figura 18 – Eleanor of Aquitaine, Richard I, and Henry II



Fonte: Britânica (2023)⁷⁹

⁷⁹ Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Richard-I-king-of-England/Imprisonment>>. Acesso em: 20 jul. 2023

*Não posso dizer que esse é o final da pesquisa, mas sim, o início de mais inquietações sobre Leonor de Aquitânia.
Espero e estimo que tenha apreciado a leitura como alguém que também ficou motivado e curioso a respeito de tantas descobertas.
Esta pesquisa me ensinou muito sobre o que é “PESQUISA”.
Foi com ela e por ela que conheci pessoas extraordinárias, que já são parte de minha história e minha vida.*

Ps. Cris Razente, “uma mulher do século XXI”.



Imagem da pesquisadoraⁱ

ⁱ Pesquisadora Crislene Costa Santos Razente